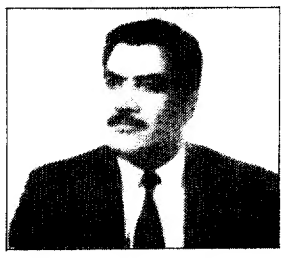
Najibullah não convence a guerrilha



AFEGANISTÃO: Cessar-fogo unilateral

Págs. 12-13

Diário de Lisboa

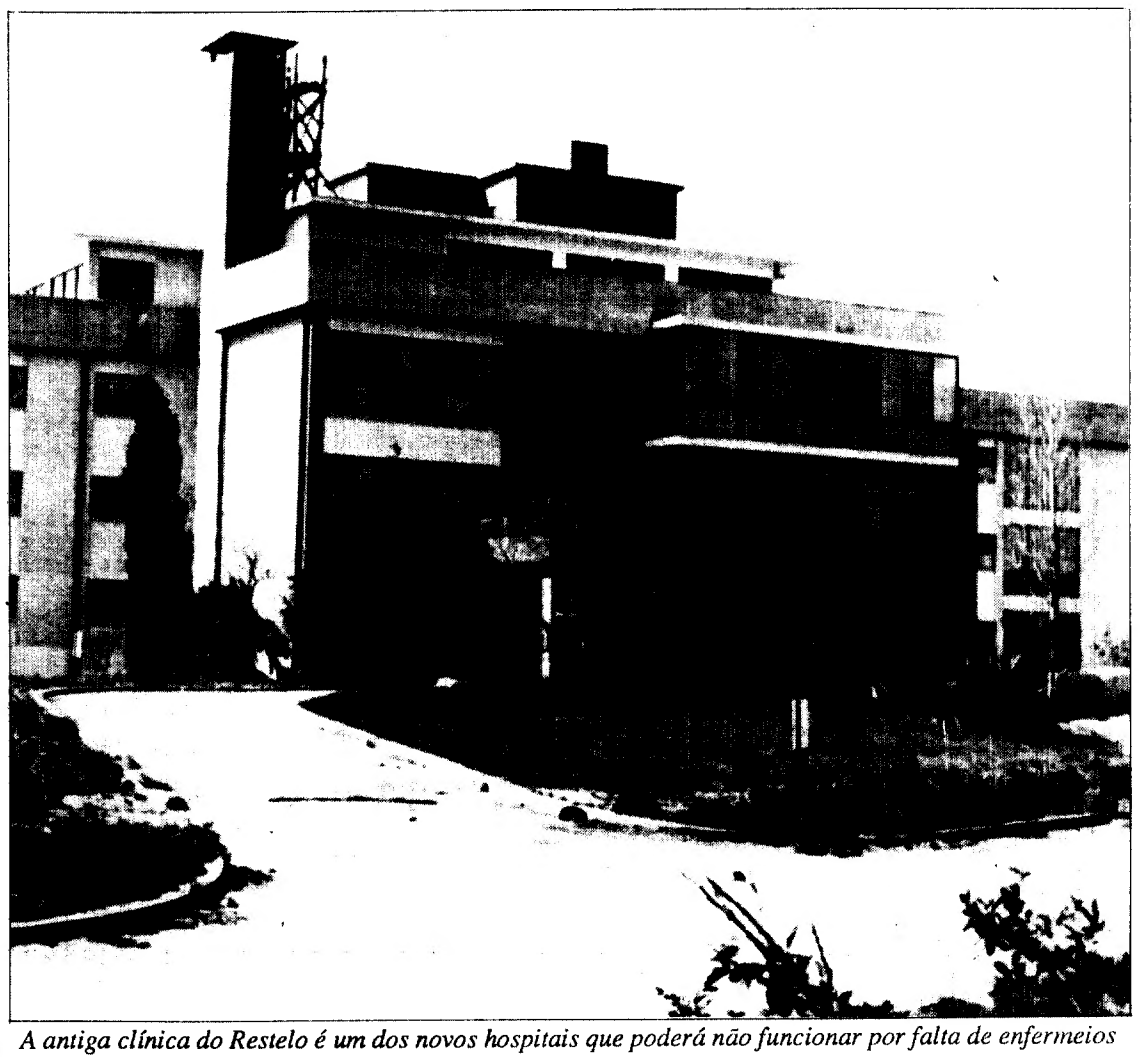
ANO 66 N.º 22 264 Quinta-feira, 15 de Janeiro de 1987 Preço 40$00

Eles já não bastam para os actuais

NOVOS HOSPITAIS: SÓ SE ABRIREM SEM ENFERMEIROS

As perspectivas de abertura de novos hospitais, particularmente na capital, parecem postas em xeque pela tradicional falta de enfermeiros, no nosso país. Segundo um alerta agora lançado pelo Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, já há experiência de alargamento de serviços sem aumento dos quadros do pessoal de enfermagem, com consequências negativas para o funcionamento dos serviços.

Continua na pág. 24



A antiga clínica do Restelo é um dos novos hospitais que poderá não funcionar por falta de enfermeios

CONFIRMADO

CEMGFA propôs Soares Carneiro para "vice"

O Governo tem já em seu poder a proposta do general Lemos Ferreira de nomeação do general Soares Carneiro — o derrotado candidato presidencial de 1980 — para vice-chefe do Estado Maior General das Forças Armadas. A proposta está em Conselho de Ministro e será submetida ao Presidente da República nos próximos dias. Fontes militares e governamentais disseram ao «DL» que a nomeação de Soares Carneiro «é pacífica», não oferecendo problemas quer ao nível de S.Bento quer ao de Belém.

Pág. 4

NOVOS SELOS FISCAIS PARA DIFICULTAR AS FALSIFICAÇÕES

Pág. 11

JOVENS SE PUDESSEM...

Paula Cunha
24 anos,
curso de engenharia do ambiente

"É fácil complicar e é difícil a simplicidade"

Imagina que és uma pessoa poderosa. O que aproveitavas no princípio de 1987 para melhorar?
— Parava com as guerras, que estão na origem do que há de pior no mundo.
E o que há de pior no mundo é o quê, do teu ponto de vista?
— A hipocrisia e a violência.
Crês que o desaparecimento de qualquer guerra planetária diminuiria esses dois factores?
— Sim. Estou convencida que sem guerras a violência nas ruas seria bem menor.
Porquê?
— É impensável haver guerra sem violência, não é? O que seria da violência sem guerra?
E por que é que achas que as guerras existem?
— Por rivalidades entre poderes económicos. Quando não é isso que explica as coisas é por taras dos governantes.
As taras, assustam-te?
— Sim, absolutamente. Nada disso é saudável.
O que é ser saudável?
— Não nos prejudicarmos a nós mesmos e aos outros.
Mas a nossa própria existência não prejudicará um pouco os outros?
— Penso que sim e isso incomoda-me. Evito fazê-lo.
Como?
— Sei lá. Tentando ser alegre. Ajudando os outros. Ser simples.
Como se pode ser simples?
— Ser simples, simplesmente. Sabes: é fácil complicar. E é difícil a simplicidade.
Quando deparas com coisas complicadas como as resolves?
— Procuro analisá-las, desmontá-las.
Isso é-te possível?
— Sim, eu penso muito sobre as coisas. É claro que às vezes não as consigo resolver.
Porquê?
— Porque a preguiça é uma tentação. Mas isso passa-me depressa, não por muito tempo.
Que coisas é que te origam a pensar mais?
— Talvez quando eu quero saber para que é que nasci, qual a finalidade de estar aqui.
A que respostas é que chegas?
— Bom, concluo que dvo viver feliz. Na verdade muitas das coisas que eu vejo desagradam-me. É preciso sobretudo compreender as pessoas.
É fácil, compreendê-las?
— É quando deixam. Mas escondem-se muito.
Estás-te a esconder agora?
— Talvez.
E isso acontece-te frequentemente?
— Ao falar com desconhecidos sim. Só quando começo a confiar nas pessoas é que me abro.
Estás a confiar em mim?
— Não.
Por que é que achas que as pessoas se escondem?
— Porque têm medo que as julguem. Há sempre aquelas paranóias do ter que ser assim ou de ter que ser assado.

AÇÃO

DESENVOLVIMENTO: AS OPÇÕES QUE NÃO EXISTEM

Nuno Ribeiro

«O consenso interno sobre a autonomia determina que, no futuro, o debate seja centrado em questões de desenvolvimento e não em questões de regime». A posição de Mota Amaral pretende ser uma «ponte» com o que o líder do PSD dos Açores considera ser as «forças democráticas», e remete para um debate posterior a estratégia de desenvolvimento. Neste enunciado vago do futuro, os dirigentes regionais não escondem que, no capítulo do desenvolvimento, as opções não existem.

«Modernização e industrialização da agricultura, desenvolvimento das pescas e incremento do turismo» são, de acordo com Mota Amaral, as prioridades para o futuro, num «abecedário» repetido há muitos anos, que tarda a encontrar os meios para a sua execução. Paradoxalmente, a definição esquece a tão propalada Zona Franca de Santa Maria, para uns um «nado morto», e para o Governo a merecer ainda mais incentivos, já que as respos-tas não terão sido no número necessário para despertar da letargia em que se encontra a ilha de Santa Maria.

Para que os índices de bem estar não fiquem para a his-tória como resultado dos grandes investimentos nas infraestruturas e no afluxo das contrapartidas das bases estrangeiras, e encontrem eco nas acções de desenvolvimento, muito falta fazer.

«Seguimos muito de perto a negociação com a Comunidade Económica Europeia e, em matéria agrícola, situamo–nos numa das áreas protegidas da política agrícola comum, apesar das desvantagens do isolamento e da pequena dimensão das explorações», observou o Presidente do Governo Regional.

Será correcto o optimismo de Mota Amaral, numa altura em que a «lavoura», como é conhecida nos Açores a agro-pecuária, encontra pela frente os excedentes de leite e carne da CEE e nuvens negras se põem à colocação de queijo no Continente?

Monocultura: tradição continua...

A resposta a esta pergunta só será encontrada dentro de algum tempo, mas não deixa de ser curioso que, nos três sectores de de senvolvimento defendidos, a «lavoura» seja a mais recente monocultura, as pescas fiquem, dentro em breve, à mercê da concorrência que a abertura da Zona Económica Exclusiva irá suscitar, e o turismo seja ainda uma actividade insipida, com uma gritante falta de infraes-truturas.

No entanto, para a Região Autónoma dos Açores a «chave» do desenvolvimento passa, necessariamente, pela diversificação das ofertas, única forma de combater uma tradição que continua: a da monocultura.

Durante séculos, os Açores têm vivido sobre as mais diversas monoculturas, e se esta dependência pode ser associada ao centralismo, e ao papel periférico atribuído à economia açoriana, não deixa de ser paradoxal que, 10 anos após a consagração constitucional da autonomia, continue a marcar a vida económica da região.

Se na Idade Média eram as pastas para as tintas, a his-tória da economia açoriana regista, consoante os tempos, as necessidades do Reino ou da República, outras tantas produções exclusivas. Da laranja para as «rações de combate» ao escorbuto, na era das Descobertas, à uva, quando o vinho era requisitado, ao trigo, à cana-de-açúcar, à madeira, ao cachalote e ao atum, é um longo percurso de séculos marcado pela sazonalidade das actividades, pelos interesses imediatos de um lucro fácil sem perspectivas de futuro.

E, chegados à monocultura da vaca, à «lavoura» que tornou verdes as ilhas e produtores de leite os agricultores, a questão coloca-se ainda com mais acuidade, porque introduziu o dinheiro no mundo rural, estabelecendo um grande contraste com a monocultura de subsistência, alimentando novos hábitos.

Embora seja uma área protegida da política agrícola comum, a região não tem na dimensão das explorações, nos circuitos de comercialização e nos excedentes comunitários os aliados de que necessita para perpetuar as alterações introduzidas há 20 anos com a exportação de gado para o continente. E, por isso, fontes contactadas pelo «DL» acompanhem com alguma inquietação os rumores que correm insistentemente sobre o encerramento, em S. Miguel, das instala-ções de um dos «colossos» internacionais da indústria dos lacticínios.

«Este Governo é proteccionista»

«O poder regional está quase em pânico com as consequências da adesão à CEE, pois foram descuidados aspectos das questões económicas», declara Decq Mota. «A Lei da Orientação Agrícola do Governo Regional vai buscar tudo o que há de mais retrógrado em matéria de emparcelamento, valorizando a propriedade e não a explora-ção, e as indústrias tradicionais estão estagnadas, há ex-cepção das conservas».

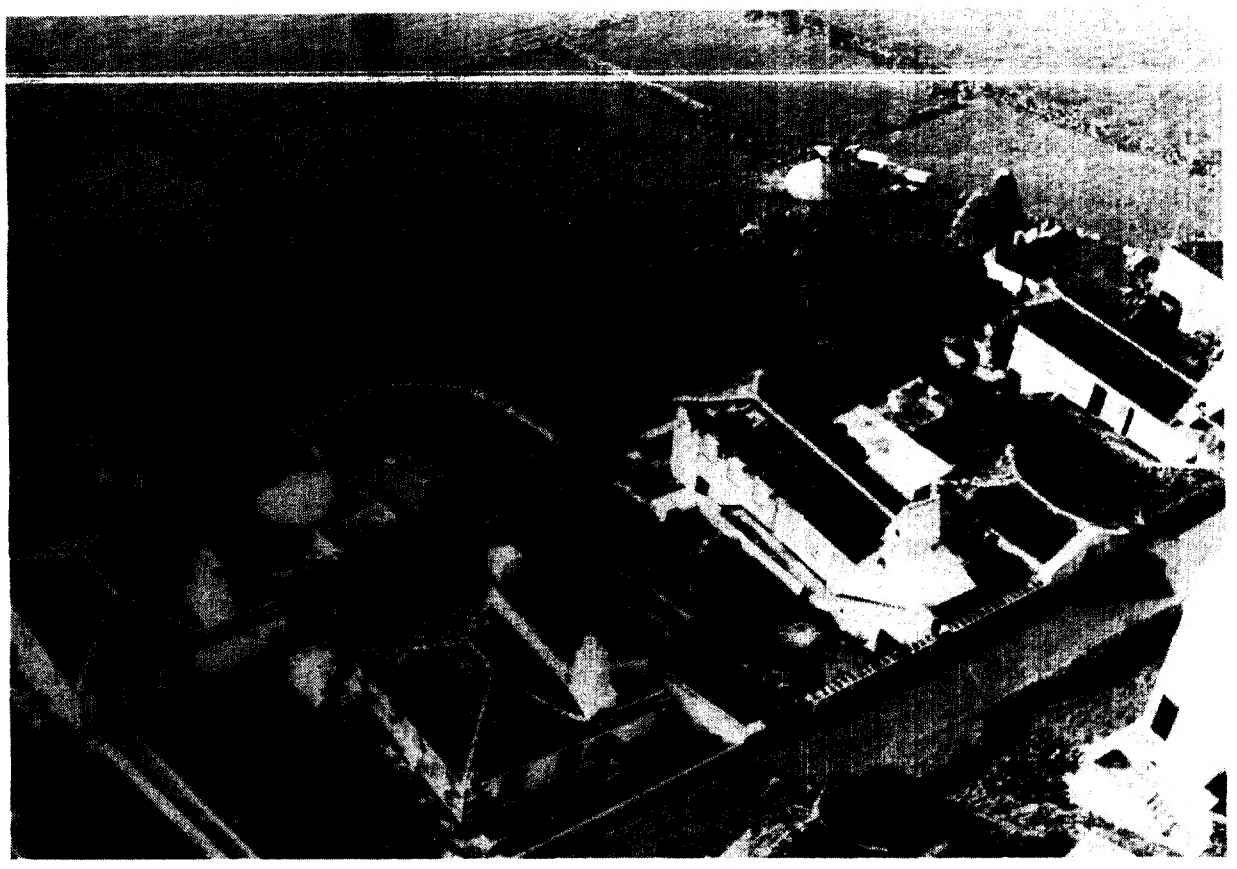
A opinião crítica do deputado comunista é partilhada por outros sectores da oposição. Para Roberto Amaral, os actuais dirigentes açorianos «estão completamente a navegar em matéria de desenvolvimento»: «ainda lhes concedo o benifício da dúvida de serem competentes, porque se o não são de facto, a coisa é mais grave». E, completando o seu raciocí-nio, o deputado do PRD na Assembleia da República sublinha que «se continuarmos assim, e o domínio político continuar a ser do PSD, isto pode levar a população a ser conduzida para um processo de separação, pois diriam que os interesses económicos não seriam correspondentes aos interesses do continente e da Europa, e então teriam que se procurar novas saí-das»...

O facto de, numa década, «não se ter implantado uma estratégia de desenvolvimento económico» é tambem criticado por Carlos César. O dirigente socialista sublinha que o Governo Regional «recusa o investimento estrangeiro, não por uma questão de independência económica, mas porque recusa toda a influência do exterior, como recusa o primeiro canal da RTP». Na «política do quintal», como define os principios seguidos, Carlos César considera que «se tem actuado no relacionamento com a iniciativa privada na obediência a «lobbies» empresariais locais, distribuindo subsídios a investidores com provas dadas em matéria de parasitismo, fechando a co-operação controlada da iniciativa regional honesta com investimentos estrangeiros, e estrangulado as fórmulas associativa e cooperativa da econonomia».

Para além destes pontos de acção, o dirigente do PS dá particular importância à «desmontagem» da «política do quintal». «Este Governo é tão de direita, o seu conservadorismo é tal, que a abertura cultural e económica é, para ele, um objectivo periogoso e esquerdizante, pois este é um Governo proteccionista».

Tambem sobre este ponto se pronunciou Decq Mota para quem, «uma parte do Orçamento Regional existe para ser transferido para uma pequena parte da iniciativa privada, em determinadas condições que não têm nada a ver com o sistema capitalista, não possibilitando o investimento, criando o proteccionismo, favorecendo o clientelismo».

Não alinhando por estas críticas, o secretário-geral da Câmara de Comércio de Ponta Delgada e da Câmara de Indústria dos Açores, subli-nha que «houve um salto qualitativo e até quantitativo» na actividade comercial e industrial, facto que atri-



Uma excessiva divisão de propriedade impossibilita uma agricultura moderna e competitiva

bui à presença na região dos orgãos políticos de decisão .

No entanto, Mário Machado reconhece que «hoje ainda se está à procura de um modelo de desenvolvimento», e, embora afirme que «há bons entedimentos com o Governo Regional», constata que ainda «há apatias em relação a posições assumidas pela Câmara».

O turismo: o mau da fita?

Para os empresários, «a iniciativa privada é capaz, por si só, de resolver os problemas desde que sejam desbloqueados impedimentos que existem actualmente». Entre os escolhos, Mário Machado refere que «os actuais sistemas de incentivos financeiros são inoperantes», sublinha a «necessidade de adaptação das leis laborais às especificidades regionais, nomeadamente no regime de trabalho», mas enfatiza outros, como «as taxas de juro e o entrosamento da região com as novas políticas da CEE». «Até agora estamos a ver passar os comboios, e a constatar factos», sublinha, referindo que «queremos estar metidos dentro dos problemas para termos uma terapeutica preventiva».

Na análise que faz dos sectores nos quais deverá assentar o desenvolvimento, o secretário-geral da Câmara do Comércio de Ponta Delgada refere «as tentativas no sector do turismo e das pes-cas», acrescentando que «se-rá no âmbito do Gabinete de Promoção de Investimentos que se irá delinear a sectorização do desenvolvimento».

O optimismo não esconde a realidade, e Mário Machado reconhece que ainda há receios quanto à actividade tu-rística, temores de que ela «seja considerada uma fonte de inconvenientes amorais e que venha a quebrar os «brandos costumes» das gentes açorianas».

Para o hoteleiro Veríssimo Freitas Borges, a época mudou desde o tempo «em que existiu de uma maneira mais forte uma perspectiva bairrista e reaccionária, estilo «Portugal dos Pequeninos» que durante anos tolheu as possibilidades de desenvolvimento turístico.

Embora ainda haja «uma incompreensão da utilidade do turismo, não o identificando com um mal ou com um bem, neste último caso através do turismo de saudade dos emigrantes», Veríssimo Borges reconhece «que há agora uma maior receptividade».

Espelho desta alteração é o destaque dado pela Imprensa regional às novas perspectivas que se abrem para a indústria hoteleira, de acordo com o Plano de Actividades para 1987 da Direcção Regional de Turismo. Aquele documento estabelece, para além da edificação de novas infraestruturas, o aumento de camas, actualmente de 2.250, em 13 por cento até meados do próximo ano e de 52 por cento até Junho de 1989.

Um investimento de um milhão de contos que, de acordo com o secretário regional dos Transportes e Turismo, Tomaz Duarte, pode tornar o sector turístico num vulcão em erupção, e abandonar o conceito segundo o qual o «turismo é o mau da fita».

Hotéis de muitas estrêlas fechados

Paradoxalmente, este incremento de camas anunciado com a chancela oficial, vai ser efectivado numa região onde existem dois hoteis de cinco estrêlas fechados, um que só funcionou durante dois dias e nem chegou a ser inaugurado, o outro a fazer a época de Verão de 1984 e a encerrar com os salários em atraso...

Em S. Miguel, o Baía Palace e o Monte Palace são conhecidos como os hotéis dos franceses, e os dois modernos edifícios da cadeia Creusot Loire, construídos com capitais suiços, italianos, franceses, avales da banca nacional aos empréstimos internacionais, e com a participação do Governo Regional estão encerrados e a degradarem-se.

A sua recuperação, segundo adiantou ao «DL» o secre-tário Regional das Finanças depende apenas de problemas de ordem jurídica.«Na próxima época vão funcionar», declarou Alvaro Dâmaso, sublinhando que «se a questão não ficar resolvida, o Governo apresentará à Assembleia dispositivos legais para os pôr a funcionar, havendo por parte da ESTA-sociedade entre a Estoril Sol e a TAP- a disposição de um contrato de exploração».

No entanto, porque é que os dois Palaces tiveram curta duração e têm mais tempo de fechados do que abertos?

Para um técnico contactado pelo «DL» há várias razões. «Os Açores são um destino difícil, que envolve opções de avião e que em relação ao turismo de alto nível, que é o que pode alimentar aquelas duas unidades, não tem as infraestruturas necessárias, das rodovias à animação turística». Por outro lado, pela sua implantação, estão vocacionados para uma curta época de Verão, «pois o Monte Palace está numa zona de nevoeiros no Inverno, e o outro está a 30 quilómetros de Ponta Delgada, afastado do eixo turístico, situado numa praia, dependente das condi-ções metereológicas».

A par da sua localização, a sofisticação dos materiais utilizados na construção e a manutenção do equipamento obrigariam a uma constante utilização. «Só o sistema de ar condicionado implicaria a permanência de técnicos altamente qualificados».

Entre os motivos que levaram ao sobredimensionamento do empreendimento, um tem a ver com as infraestruturas. E, se como sublinham os responsáveis regionais, por questões de defesa do meio ambiente e da identidade cultural, «não queremos um turismo de massas à Madeira», para o «turismo de qualidade» são primordiais as infraestruturas que encurtem distâncias e diversifiquem as opções na estadia.

Neste ponto, grande polémica existe no sector hoteleiro de S. Miguel, depois da constituição de uma Sociedade para a construção de um novo campo de golfe com 18 buracos, com um capital de 67 mil contos. Mediante proposta apresentada em Outubro, o Governo Regional propôs a compra de um campo de nove buracos já exis-tente, com a contrapartida obrigatória de que os Bemsaúde, proprietários do Hotel Terra Nostra, investissem na modernização da sua unidade os proventos da venda do seu tapete verde, e a sociedade duplicasse o número de buracos.

«Não há desenvolvimento da iniciativa privada, mas sim proteccionismo», referiu o mesmo técnico, sublinhando que, deste modo, «os Bemsáude ficam com um hotel modernizado e as vantagens da proximidade de um novo campo de golfe».

Sindicalista ao "DL"

Governo está a formar quadros para ganhar sindicatos

«O Governo Regional está a formar quadros na intenção de vir futuramente a ganhar direcções sindicais», declarou ao «DL» Nelson Pacheco, dirigente sindical da Função Pública nos Açores. De acordo com a mesma fonte, «a primeira direcção sindical ganha foi a do Sindicato dos Escritórios e Vendas de âmbito regional».

Esta situação ocorre numa região onde sindicalistas da linha da Intersindical e os ligados ao Partido Socialista trabalham em conjunto, descendo à rua a par nas comemorações do 25 de Abril e do 1º de Maio, como ocorreu há dois anos em S. Miguel, com a presença do sindicato da Função Pública e dos Seguros e Bancários. Aliás, segundo o «DL» apurou junto de um dirigente socialista de S. Miguel, a politica sindical foi um dos temas abordados num recente encontro havido entre delegações do PS e do PCP.

Mas, para além deste facto, a politica sindical nos Açores é mal conhecida no Continente. Na ausência de um forte movimento dos trabalhadores tem residido, segundo uns, a estabilidade de dez anos de governo monocolor social-democrata, indiferente aos arranjos parlamentares e governativos do Continente.

No entanto, se o grau de sindicalização na administração pública, uma das principais entidades empregadoras da região é, de acordo com os números de Nelson Pacheco inferior a 50 por cento, tal facto não significa que, socialmente, a Região Autónoma dos Açores não tenha problemas laborais. Para além do «histórico» conflito dos trabalhadores civis da base das Lajes, «aqui tambem se fazem greves sectoriais, manifestações, vigílias à porta da residência oficial de Mota Amaral».

A frase do sindicalista não pode esconder, no entanto, uma certa debilidade do movimento, apesar dos problemas existirem. Se para as estatísticas oficiais, desempregados são cerca de 4 por cento da população activa, Nelson Pacheco adianta que no total de uma população activa de 70 mil trabalhadores, 8 por cento dos quais mulheres, existem 14 mil desempregados, com especial incidência no sector do comércio e serviços (45 por cento), agricultura (30 por cento) e indústria.

Salários em atraso, de acordo com o sindicalista, tambem existem e, na segunda quinzena de Dezembro, «o pessoal das Obras Públicas e do Ensino ainda não recebeu o ordenado de Novembro e o subsídio de Natal». Acresce o facto de, segundo Nelson Pacheco, «só na zona do Nordeste de S. Migueluma das áreas «deprimidas»- existirem no sector das Obras Públicas contratados a prazo há 10 anos».

Projecto sobre a insularidade

Espalhada por nove ilhas com diferentes estádios de desenvolvimento económico, a Região Autónoma dos Açores tem uma taxa de imflacção que tem de ser dividida por nove. «O Governo estabeleceu um subsídio de insularidade para Stª Maria de 30 por cento a mais sobre o vencimen--to, e agora pretende retirá-lo, enquanto que a Função Pú-blica requereu que o subsídio abrangesse todas as outras ilhas», refere Nelson Pacheco.

As diferentes realidades levaram os sindicatos a elaborarem um projecto a ser entregue à Assembleia da Repú-blica durante o primeiro trimestre deste ano entrando em consideração com a dimensão das ilhas «para que os vencimentos dos funcionários públicos não baixem mais».

Mas, para o sindicalista, outras questões mais imediatas se colocam: «tem havido restrições à actividade sindical na Função Pública, e as administrações regionais fazem chantagem com os delegados sindicais ameaçandoos com o fim do trabalho extraordinário, com transferências e jogando com o pessoal contratado a prazo».

N.R.

Os resultados da última monocultura: gado chega a Lisboa, depois de há 20 anos a «lavoura» se ter convertido na actividade dominante

Vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas

CONFIRMADO NOME DE SOARES CARNEIRO

Fontes militares e governamentais confirmaram hoje o «DL» que o chefe do Estado Maior General das Forças Armadas propôs o nome do general Soares Carneiro para vice-CEMGFA. A proposta já se encontra em S.Bento, devendo ter sido levada ao Conselho de Ministros, que esta manhã reuniu sob a presidência de Cavaco Silva, pelo titular da Defesa, Leonardo Ribeiro de Almeid

Segundo apurou o «DL», Lemos Ferreira não conta que haja qualquer resistência, na área governamental, à sua proposta, bem como da parte do presidente Mário Soares. A confirmar-se esta informação, tudo indica que o CEMGFA teria realizado contactos prévios na áreas de S.Bento e Belém, antes de concretizar a sua proposta. Quer da parte do gabinete do primeiro-ministro quer da Casa Civil do Presidente da República, não houve comentários a esta informação.

De acordo com as nossas fontes, até ontem à tarde não havia sido dado conhecimento oficial a Mário Soares da proposta de Lemos Ferreira, o que, no entanto, deverá ser feito nos próximos dias já que a nomeação de Soares Carneiro terá de ocorrer antes do dia 25 deste mês, data em que aquele oficial atinge o limite de idade, só não passando de imediato à reserva se entretanto assumir a vice-chefia do Estado Maior General das Forças Armadas.

Depois do Governo aceitar a proposta de Lemos Ferreira, só o Presidente da República, como comandante supremo das F.A.'s, a poderá vetar. Assim, no curto espaço de duas semanas, Mário Soares é colocado perante duas questões controversas, susceptíveis de o levarem a exercer o veto: primeiro a Lei da Rádio, agora a nomeação de Soares Carneiro.

Em círculos políticos, e também militares, há quem associe estas duas questões e veja nelas «um teste ao Presidente da República» que, quase um ano após o início do seu mandato, tem conseguido manter um elevado índice de popularidade, tendo sofrido muito pouco o desgaste normal produzido pelo exercício das suas actuais funções..

Os trâmites legais de uma proposta de nomeação como esta começam no CEMGFA, que a apresenta ao ministro da Defesa, o qual, por sua vez, a leva à aprovação do Conselho de Ministros, depois do que, caso seja aprovada nesta sede, é levada pelo chefe do Governo ao Presidente da República, que a aceita ou a veta.

Caso a proposta tenha subido hoje a Conselho de Ministros, como se julga, é provável que Cavaco Silva a leve a Mário Soares já amanhã.

Nalguns círculos, chegou a aventar-se a possibilidade de, obdecendo a um certo rotativismo pelas três armas, que se tem verificado nas nomeações para vice-CEMGFA, caber agora a vez do almirante Sousa Leitão, actual chefe do Estado Maior da Armada, assumir aquele posto. Dentro da Marinha, haveria sectores que pressionavam nesse sentido. O entendimento de Lemos Ferreira terá sido, no entanto, o de que Sousa Leitão era indispensável na posição que ocupa, e que as pressões exercidas para o levar para o Estado Maior General visavam, precisamente, abrir o caminho aos que, dentro da Armada, se opõem ao

Soares Carneiro, candidato à Presidência da República contra Ramalho Eanes, em 1980, completa 59 anos de idade no próximo dia 25 de Janeiro (curiosamente dia de aniversário, também, de Eanes...), data em que passará à reserva se, entretanto, não for nomeado para a vice-chefia do EMGFA. Caso a sua nomeação se concretize, então permanecerá três anos no novo cargo, passando à reserva aos 62 anos, em 1990, a um ano apenas de novo embate eleitoral pela «posse» de Belém.

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE PENICHE

ANÚNCIO

Aos Senhores Arquitectos

PROVIMENTO DO LUGAR DE CHEFE DE DIVISÃO DE HABITAÇÃO E URBANISMO

Fazse público que se encontram abertas inscrições, pelo prazo de 15 dias, para preenchimento de um lugar de Chefe de Divisão de Habitação e Urbanismo do Departamento de Serviços Técnicos, pertencente ao quadro de pessoal desta Câmara, remunerado actualmente com a importância de 73.500$00 e, ainda, nas seguintes condições:

1 – Nos termos do disposto no artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 116/84 e no Decreto-Lei n.º 191-F/79, o lugar será provido em comissão de serviço, a ele podendo habilitar-se os técnicos superiores já vinculados à Administração Central ou Local, que possuam a licenciatura em arquitectura e experiência profissional no exercício de funções relacionadas com o conteúdo funcional do lugar a prover.
2 – O conteúdo funcional do lugar a prover é o que consta no artigo 22.º da Organização dos Serviços do Município, nomeadamente, informação de processos de obras particulares e de loteamento, gestão do parque habitacional e planeamento urbanístico.
3 – A Câmara poderá facultar habitação de função.
4 – A selecção dos concorrentes será feita por avaliação curricular e entrevista.
5 – A inscrição será feita em papel comum, sob a forma de requerimento, dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Peniche e entregue ou remetido pelo correio dentro do prazo fixado, no serviço de pessoal da Câmara Municipal de Peniche, indicando o nome, estado civil, data do nascimento, filiação, naturalidade e residência, habilitações literárias, número e data do Bilhete de Identidade e serviço do Arquivode Identificação que o emitiu, número de contribuinte fiscal, cargo ou lugar de que é titular e entidade a que pertence.
6 – Os candidatos deverão ainda especificar nos seus requerimentos quaisquer circunstâncias que reputem susceptíveis de influírem na apreciação do seu mérito.
7 – O local de trabalho terá a sua sede na vila de Peniche e será exercido em toda a área do Município.

Paços do Concelho de Peniche, 12 de Janeiro de 1987

O Presidente da Câmara,
João Augusto Tavares Barradas

CSA

CLUBE DE SARGENTOS DA ARMADA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do disposto no art.º 43.º dos Estatutos convocam-se todos os sócios para a Assembleia Geral Ordinária a reunir na Sede Social, Largo Trindade Coelho 21-2.º LISBOA, no dia 24 de Janeiro de 1987 pelas 14.00 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Discussão e votação do Relatório e Contas do biénio 1985/86 e respectivo parecer do Conselho Fiscal.
2. Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1987/88.
3. Discussão e deliberação de outros assuntos inerentes ao C.S.A.

Lisboa, 13 Janeiro de 1987

O presidente da Mesa da Assembleia Geral

Manuel Rodrigues Fróis

COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO CÍVEL

Processo N.º 533/A **3.ª Secção**

ANÚNCIO

para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 3.ª secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Rupe – Mobiliário João B. Marta Martins, SARL, Estrada Nacional 249, Marinhelas, Fujo, Trajouce, Cascais para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida pelo Banco Português do Atlântico, E.P., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
Jorge dos Santos

O Escrivão Adjunto
José António Costa Penaforte

(«DL» 15/1/87 — 2.ª Pub.)

«O PILRITEIRO — COMÉRCIO DE PRODUTOS DIETÉTICOS, LIMITADA»

CERTIFICO que por escritura de 29 de Outubro de 1986, lavrada de fls. 11v a fls.12v do livro de notas n.º 692-E, do Cartório Notarial de Oeiras, a cargo da notária interina Lic. Maria de Fátima Nobre da Fonseca de Vasconcelos, foi constituída entre António Lopes Ferreira e Maria Rosa Luís Lopes Ferreira, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, que ficou a reger-se pelo pacto constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «O PILRITEIRO — COMÉRCIO DE PRODUTOS DIETÉTICOS, LIMITADA», tem a sua sede na Rua Caldas Xavier, número cinco-A, nesta vila, freguesia e concelho de Oeiras, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO

O objecto social consiste na comercialização de produtos dietéticos.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos mil escudos cada uma e uma de cada sócio.

QUARTO

A cessão de quotas entre sócios é livre: porém, a cessão a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

QUINTO

A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem renumeração conforme for deliberado em assembleia geral, compete exclusivamente ao sócio António Lopes Ferreira, que fica desde já nomeado gerente, sendo suficiente a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e para a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente.

SEXTO

As assembleias gerais, quando a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos oito dias de antecedência.

Está conforme o original.

Oeiras e Cartório Notarial, 29 de Outubro de 1986

Arnaldo Manuel Infante Mansos

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS E MÁRMORES DO DISTRITO DE SANTARÉM

R. Capelo e Ivens, 76-A-1.º — Telef. 22607 2000 SANTARÉM

Delegações: TOMAR – Rua Serpa Pinto, 149-1.º Telefone 33742
ALFERRAREDE - Rua do Comércio, 570

ASSEMBLEIA ELEITORAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1 do Art.º 41.º e da alínea a) do Art.º 40.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Eleitoral a reunir nos dias 17 e 18 de Março de 1987, com **início às 9 horas e encerramento às 19 horas**, com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO – Eleição da Mesa da Assembleia Geral e da Direcção do Sindicato para o triénio de 1987/89

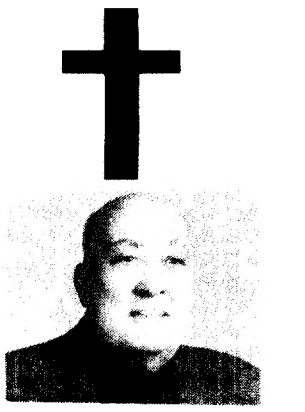
A apresentação das listas de candidaturas deverá ser feita no prazo de 30dias após a data da convocação da Assembleia Eleitoral – n.º 7 do Art.º 7.º do regulamento eleitoral.

Para exercer o direito de voto é necessária a apresentação do cartão de sócio ou, na sua falta, documento idóneo com fotografia.

Oportunamente serão os associados informados dos locais de funcionamento das mesas de voto.

Santarém, 15 de Janeiro de 1987

O presidente da Assembleia Geral
Pedro Pereira Carlos



Analide Óscar Ferreira

AGRADECIMENTO

Maria Luísa Vaz Belling Ferreira e demais família agradecem penhorados a todos os que se dignaram acompanhar o seu ente querido à sua última morada, bem como toda a assistência e demonstração de carinho que lhe dedicaram durante a sua doença, servindo-se deste meio por desconhecimento de muitas moradas. Bem hajam.

AGÊNCIA AUGUSTO DE OLIVEIRA
☎ 68 62 38 - 65 35 55

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

No próximo dia 4 de Fevereiro, pelas 10 horas, junto deste Tribunal, nos autos de Carta Precatória para Arrematação em Hasta Pública vinda do 1.º Juízo Cível de Lisboa que Technal Portuguesa — Sistemas de Alumínio, Lda., com sede na Rua da Guiné, n.º 33/A, Prior Velho, Lisboa, move contra Indústrias Metálicas Rajal, Lda., com sede na Estrada Nacional, n.º 10, Fonte da Telha, Coina, Barreiro, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo o seguinte bem móvel: (Torno mecânico, com caixa automática da marca «Jator», modelo 140-26, em bom estado de conservação).

Barreiro, 9 de Janeiro de 1987
O Juiz de Direito
Alexandre Ferreira Batista Coelho
O Escrivão de Direito
(Ilegível)

(«DL» 15/1/87 — 2.ª Pub.)

Parlamento

INTERPELAÇÃO DO PRD SOBRE DEFESA NO DIA 4 DE FEVEREIRO

A conferência de líderes parlamentares adiou para dia 4 de Feveriro a interpelação ao Governo sobre política de Defesa requerida pelo PRD. Na ocasião foi agendada para dia 29 do corrente a ratificação — interposta pelo PS, PRD e PCP— do decreto-lei sobre gestão hospitalar e decidida, para dia 20, a discussão do pedido de inquérito parlamentar às centrais digitais, proposto pelo PCP.

Entretanto hoje, o Parlamento irá votar na especialidade a alteração ao Estatuto dos Açores. Segundo apurou o «DL» há indícios de acordo entre os vários partidos no sentido de encontrar uma redacção consensual para o artigo 6º do Estatuto que provocou a chamada «guerra das bandeiras». Esse consenso teria sido conseguido na reunião de ontem da Comissão de Assuntos Constitucionais. Uma outra alteração, mas desta feita sobre matéria orçamental contemplada no Estatuto daquela região autónoma, foi também proposta pelo PS, PCP, CDS e MDP na passada terça-feira.

Comunicação Social

Continua activíssima a sub-comissão parlamentar de Comunicação Social. Ainda ontem manifestou vontade de reunir com os secretários de Estado da Comunicação Social e dos Transportes e Comunicações para esclarecimentos sobre o espectro radioeléctrico. Num ofício enviado ao Presidnete da Assembleia da Reoública, a sub-comussão respondia assim a uma carta do secretário de Estado para os Assuntos Parlamentares que informava da disponibilidade dos dois membros do Governo para prestar à comissão de esclarecimentos sobre esta matéria.

Para a sua reunião de ontem e como o «DL» referiu na sua última edição, esta sub-comissão parlamentar tinha solicitado a presença de técnicos da Direcção dos Serviços Radioeléctricos, que não compareceram, mas foi informada que aqueles dois membros do Executivo se prontificavam a prestar todos os esclarecimentos que os deputados considerassem necessários.

Programação Militar

No capítulo da Defesa Nacional, foi a vez do respectivo titular e secretário de Estado, acompanhados de oficiais generais dos três ramos da Forças Armadas, fazerem, na Assembleia da República, um «briefing» para os deputados da comissão parlamentar de Defesa acerca da Lei de Programação Militar.

Esta lei, que contempla o periodo de 1987 a 1991, prevê um total de 109 milhões de contos para compras de equipamento e investimentos, bem como mais 70 milhões para compromissos que se prolongam para além se 1991.

A primeira Lei de Programação Militar, que era uma lei intercalar, aprovada em 1986 e que contemplava as compras das fragatas e dos aviõesA-7 e P-3, prevê uma despesa total de 168 milhões de contos.

Após a revisão constitucional de 1982 foi publicada em Dezembro deste ano a Lei de Defesa Nacional que incluia alguns conceitos enquadradores: conceito estratégico de defesa nacional, conceito estratégico militar, missões das Forças Armadas e sistemas de forças (estes três aprovados pelo Conselho Superior de Defesa Nacional em finais de 86) e o dispositivo das Forças Armadas, aprovado pelo Ministério da Defesa na mesma data.

Em Janeiro de 85, sendo Mota Pinto Ministro da Defesa, foi aprovada a Lei Quadro da Programação Militar. Surgiu depois a Lei Intercalar de Programação e está agora a ser discutida na Assembleia a lei de Programação Militar de Médio Prazo, que poderá subir ao plenário do Parlamento para discussão na generalidade, já em Fevereiro.

Esta lei contempla a modernização das fragatas e corvetas, nomeadamente através da compra de helicópteros para as fragatas, o reequipamento dos fuzileiros e o prosseguimento da remodelação da Base do Alfeite. Prevê ainda a criação de uma Brigada de Forças especiais com comando unificado, a criação de uma bateria de misseis Hawwk para os Açores e a modernização do dispositivo militar das regiões autónomas.

O novo diploma inclui ainda financiamentos para a compra de novos motores para as chaimites, de misseis anti-carro Milan e Tow e, ainda, a aquisição de uma esquadra de aviões interceptores, de aviões de treino Epsilon e de um programa de radares Siccap para a Força Aérea.

Laraki recebido pelos deputados

Marrocos privilegia cooperação com Portugal

O Primeiro Ministro marroquino, Azedine Laraki, apontou Portugal como um dos países com os quais Marrocos privilegia a cooperação, ao discursar ontem na Assembleia da República.

Recebido pelo Presidente do Parlamento, Fernando Amaral, Laraki discursou no Salão Nobre frente aos deputados presentes.

«Estou persuadido de que o vosso país responderá à nossa expectativa tanto ao nível bilateral como ao nível das das nossas relações com a Comunidade Económica Europeia ou ao nível da nossa participação nas organizações internacionais», afirmou.

Depois de recordar que durante onze séculos os dois países atravessaram, lado a lado, a mesma História «tanto nas dificuldades como nas alegrias e na solidariedade», o Chefe do Governo marroquino garantiu que, após o 25 de Abril, Marrocos assistiu com alegria «ao sentido elevado da responsabilidade histórica e da amizade entre os povos» manifestado por Portugal com «a descolonização de todos os territórios que ocupava em África».

Ao falar do seu país, Azeddine Laraki disse que, Marrocos, depois de recobrar a independência após o curto período de protectorado franco-espanhol, dotou-se, conforme era intenção do falecido Rei Moamed V, de um regime constitucional.

Este regime, aplicado pelo Rei Hassan II, baseia-se na democracia, no pluripartidarismo e no respeito pelos direitos individuais, pelas liberdades públicas, sindical, de expressão e de reunião e circulação.

Pertencendo simultaneamente às áreas do Magreb, mediterrânea e atlântica, árabe, muçulmana e africana, Marrocos tem, por outro lado, «uma vocação europeia evidente», uma vez que está separado da Europa apenas pelo estreito de Gibraltar, assegurou o Primeiro Ministro.

Por seu lado, o Presidente do Parlamento português apelou na sua intervenção para a cooperação entre os dois países. «Porque somos tão próximos, temos a condição privilegiada de vizinhos e, por isso, se nos impõe com maior acuidade, a cooperação que desejamos», disse.

Fernando Amaral ofereceu ao visitante uma miniatura de uma caravela em filigrana de ouro e recebeu de Laraki um tapete confeccionado neste país.

1937 - 1987

50 ANOS
na Construção
e Reparação Naval
em Portugal

1937
Estaleiro Naval

1961
Navalis

1963
Lisnave

LISNAVE – ESTALEIROS NAVAIS DE LISBOA, S.A.

Cunhal critica ritmo de desenvolvimento

Álvaro Cunhal defendeu no colóquio «Desenvolver Portugal— Ano 2000», promovido pela associação de estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, que «ao ritmo actual levaríamos mais de 50 anos para atingir o nível actual da Espanha e dos países mais atrasados da CEE».

O secretário-geral do PCP criticou a política económica do actual Executivo que está a sacrificar «os sectores de ponta» e frisou que a dívida externa, de 16 mil milhões de contos, terá de ser renegociada, pois «não poderá ser paga». Considerou, a propósito, que qualquer projecto de desenvolvimento terá de obedecer a um esforço de produção nacional(com base nas estruturas económicas actuais), ao saneamento financeiro das empresas do Estado e ao melhoramento das condições de vida da população. «A produção é — frisou—criação de riqueza e não há desenvolvimento sem criação de riqueza ».

Salientou, na circunstância, que o aumento do poder de compra dos portugueses, ao implicar o alargamento do mercado interno, é também condição de desenvolvimento.

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

DIRECÇÃO-GERAL DOS EQUIPAMENTOS EDUCATIVOS

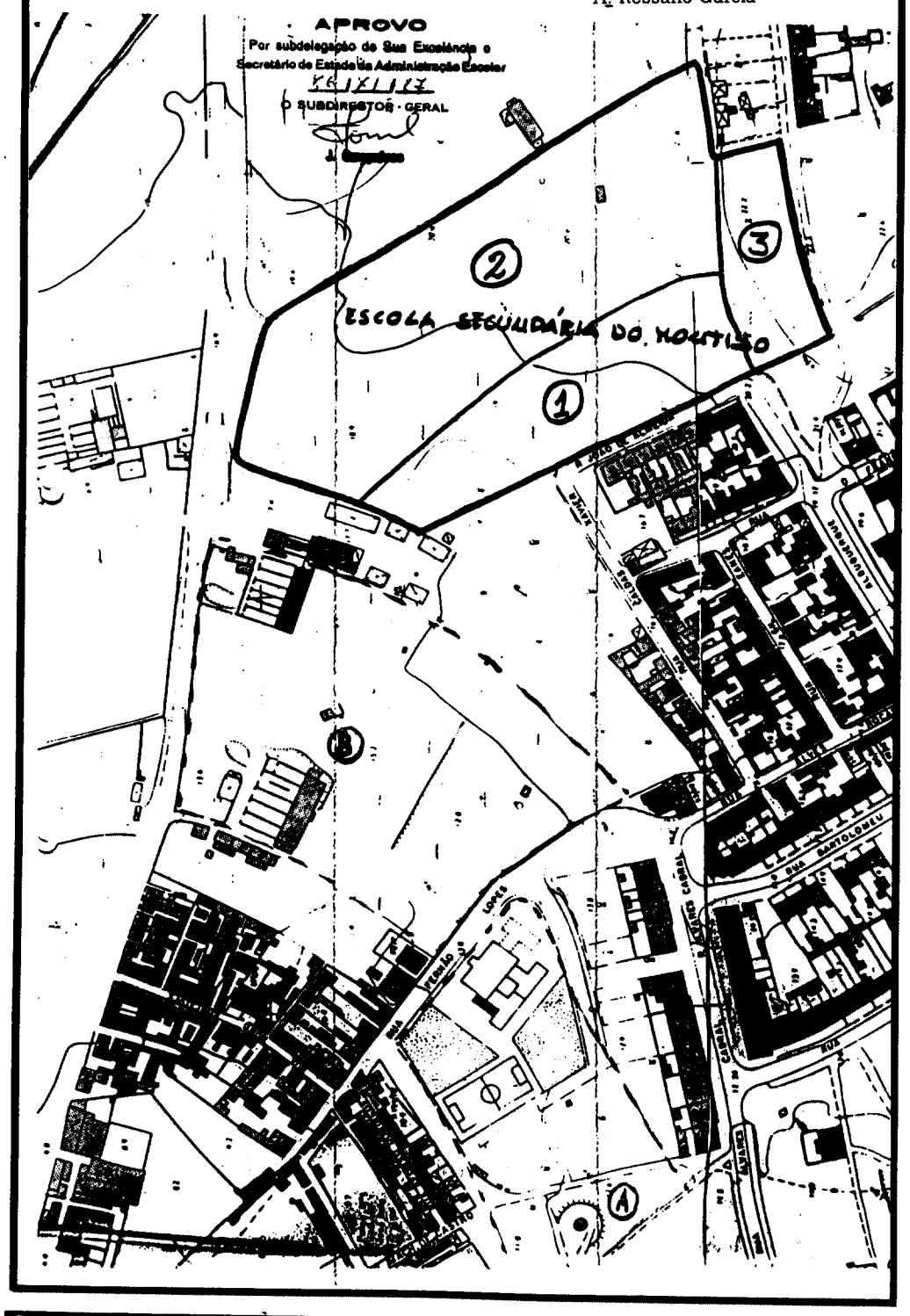
ANÚNCIO

Faz-se público que, nos termos do art.º 5.º do Decreto-Lei 76/80, de 15.4 e do despacho do Ministro da Educação e Cultura de 86.9.30 que inclui a Escola Secundária do Montijo no Programa Especial criado por aquele diploma, foi autorizada a posse administrativa imediata das parcelas de terreno assinaladas na planta anexa com os números 1, 2 e 3 pertencentes respectivamente a Amarilis Delfina Santos Martins Ventura; Idalina Augusta Pinto Cordeiro Sanches e; José Manuel Valagão da Luz Clara e José Manuel Azevedo Duarte.

Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, em 9 de Janeiro de 1987

O SUBDIRECTOR-GERAL

A. Ressano Garcia



A LEI DA RÁDIO "É UMA BOA LEI"

— *disse Eanes à saída de Belém*

A Lei da Rádio, que tanta polémica está a causar a nível do Poder e da opinião pública, foi ontem elogiada por Ramalho Eanes, no final de uma audiência com o Presidente da República. O líder do PRD disse tratar-se de «uma boa lei», pois «pela primeira vez, tanto quanto se sabe, um diploma desgoverna-mentaliza e desparlamentariza uma situação com evidente importância democrática».

Eanes frisou que o despacho que atribuíu as frequências à RDP e à Renascença «atropela a igualdade que a lei deve atribuír aos cidadãos», adiantando que o seu partido apenas reverá a posição sobre a Lei da Rádio caso os responsáveis digam publicamente «ter assumido compromisso governamental que justifique a interpretação que a Rádio Renascença sustenta» sobre o referido despacho.

Cartas na AR

Entretanto, Almeida Santos, presidente da Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias(a que pertence a subcomissão de Comunicação Social), dirigíu uma carta a Fernando Amaral onde afirma que as modificações operadas na Lei da Rádio não atingem os poderes do Conselho da Rádio, orgão que terá competência para emitir pareceres vinculativos sobre a concessão de frequências.

Através de mais duas cartas, uma do gabinete do secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares e outra da subcomissão parlamentar, igualmente divulgadas no plenário, conclui-se que o Governo decidíu substituir-se aos técnicos dos Serviços Radioeléctricos para um encontro com os deputados membros da subcomissão. Os membros do Governo que se avistarão com os deputados para esclarecimento de dados aparentemente contraditórios sobre as frequências atribuídas à RDP e à RR, são os secretários de Estado dos Transportes e Telecomunicações e dos Assuntos Parlamentares.

TSF contra Anselmo Rodrigues

Entretanto, a cooperativa de profissionais de Rádio, TSF, divulgou uma carta-resposta às afirmações do ex-secretário de Estado, Anselmo Rodrigues, à RDP, nomeadamente às acusações de ligação partidária dos cooperantes ao PRD.

«A TSF— sublinha o comunicado— responde com seis anos de vida através de um projecto profissional independente, claro e transparente, longe de clientelas e de jogos encapotados de bastidor».

Anselmo Rodrigues é ainda visado pela atribuição das frequências em vésperas de um acto eleitoral, significando o seu acto desconfianca da nova Assembleia da República a quem caberia legislar sobre a Rádio e passagem de «atestado de menoridade à democracia portuguesa».

...e no American Club

"Governar responsavelmente tem que ser mais que colher os benefícios da conjuntura"

«Governar responsavelmente tem que ser mais do que colher o benefício da conjuntura económica favorável adiando os riscos políticos das grandes transformações necessárias ao País», afirmou ontem o lider do PRD, general Ramalho Eanes, falando num almoço perante 220 do American Club reunidos num hotel de Lisboa. O ex-Presidente da República chamou à atenção para que os fundos postos à disposição pelas comunidades europeias «sejam aproveitados para tornar Portugal num País da CEE e não para que, ao fim de alguns anos, seja mais um país na CEE».

O presidente do PRD revelou que o seu partido mantém «uma abertura negocial permanente, sem reservas e sem exigências prévias» para negociar «uma alternativa que proporcione ao País uma estabilidade governativa mais benéfica».

Perante os 220 membros do American Club presentes num hotel de Lisboa, Eanes falou sobre o PRD , explicou o que representa este partido na sociedade portuguesa, traçou a sua história e caracterizou-o politicamente.

A sua exposição não chegou todavia para esclarecer um dos membros daquele clube presentes - o dr. António Maria Pererira (PSD) - que a certa altura lhe pediu que dissesse o que é o projecto do PRD, o que «até agora ninguém explicou».

Surpreendido com a expressão, Eanes respondeu que ia mandar-lhe todos os documentos do partido, esclarecendo-o que «lá está tudo».

Para viabilizar uma alternativa, o PRD, segundo o seu presidente, admite «conceder o seu apoio parlamentar sem participação num novo executivo»

«Declaramo-nos oposição ao Governo minoritário do PSD devido à sua incapacidade ou impotência para aproveitar da melhor maneira uma conjuntura internacional exceprcionalmente favorável», afirmou Ramalho Eanes.

No período de perguntas e respostas Eanes respondeu a diversas questões designadamente o facto de ter tomado posições sobre Timor que não expressara enquanto Presidente da República.

Para esse facto apresentou três tipos de razões que expôs aos convidados presentes.

Como Chefe de Estado era responsável pela questão de Timor mas não dispounha de instrumentos para actuar e procurou «dar a imagem da unidade do Estado Português no exterior».

Como militar, subscreveu até 1980 a opinião de que a ocupação de Timor era «um caso liquidado», mas este ponto de vista alterou-se ao ter conhecimento das acções políticas e de resistência no território ocupado pela Indonésia e dos milhares de mortos provocados pelos invasores.

Enquanto Presidente da República, disse, «não podia fazer o que faço agora. Agora posso apresentar sugestões sobre o problema. Tenho uma liberdade que não tinha».

O ex-Presidente da República falou também das suas relações com vários chefes de Estado africanos, como Samora Machel e Agostinho Neto, explicando que elas não derivavam de afinidades políticas com regimes ali vigentes, mas fundamentalmente das características pessoais e culturais desses lideres.

Eanes classificou de «extremamente interessantes» os contactos que teve com os dois lideres já falecidos, Machel e Neto.

«Agostinho Neto conhecia Portugal melhor do que eu, sabia por exemplo onde se comia um bom chouriço em Coimbra, como conhecia a literatura portuguesa em pormenor».

Torres de Belém de novo em causa

ARQUITECTOS PEDEM INTERVENÇÃO DA UNESCO

A Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) solicitou a intervenção da UNESCO para que a divisão do património cultural daquela organização mundial intervenha junto do Governo português no sentido de serem reanalisados os trabalhos de construção de um complexo de torres junto ao Mosteiro dos Jerónimos.

«O Mosteiro dos Jerónimos está classificado como Património Mundial, classificação essa atribuída pela UNESCO que acompanha tudo o que se relaciona com o património edificado», declarou esta manhã ao «DL» o arquitecto Nuno Teotónio Pereira.

O presidente da Associação dos Arquitectos Portugueses adiantou que tal intervenção não constitui caso virgem, recordando que, em Angra do Heroísmo, cidade classificada como de património mundial pela UNESCO, a seguir aos sismo de 1980 um perito daquela organização internacional acompanhou as obras de reconstrução. «Ele fez críticas que ficaram registadas e que vão nortear o desenvolvimento da cidade», adiantou Teotónio Pereira.

Esta diligência da Associação dos Arquitectos Portugueses fica a dever-se, segundo precisou o seu presidente ao «DL», ao facto de «aparentemente não ter havido reacções nenhumas do Instituto Português do Património Cultural e da Câmara Municipal de Lisboa aos problemas por nós levantados».

Uma história em vários episódios

O pedido de intervenção da UNESCO, enviado para a sede da organização em Paris na última sexta-feira, constitui o mais recente desenvolvimento de um caso que se arrasta há vários anos, e que, como o «DL» revelou em primeira mão na sua edição de 24 de Dezembro, conheceu uma nova fase em Outubro de 1986, quando se instalou na área de protecção da Igreja da Memória o estaleiro das obras.

Segundo apurámos, em 1975 entrou uma proposta na Câmara para a construção de torres com 11 e 13 andares, mas sete anos depois, um novo projecto dá entrada nos serviços camarários, com mais seis pisos em cada um dos dois blocos. Na altura, a Junta Nacional de Educação, orgão antecessor do Instituto Português do Património Cultural emite um parecer técnico desfavorável, e o então ministro da Cultura, Lucas Pires, em carta endereçada ao presidente da Câmara de Lisboa sublinha que a construção de tal conjunto arquitectónico se insere na área de protecção da Igreja da Memória, edifício classificado por um decreto-lei de 8 de Fevereiro de 1923, e cuja área de protecção foi instituída em 14 de Julho de 1970.

Mais tarde, surge um novo projecto que é objecto de estudo de uma comissão de vereadores que, no primeiro ponto do seu relatório sublinha que devia ser pedido um parecer ao Instituto Português do Património Cultural.

Segundo o «DL» conseguiu reconstituir, este passo foi dado pela Câmara em ofício de 29 de Março de 1984, que viria a receber a resposta em 6 de Junho. Neste ponto, reside, de alguma forma, a argumentação chave do presidente da Câmara de Lisboa, pois a resposta do IPPC ultrapassou o prazo de 60 dias que a lei estabelece.

No entanto, a intenção expressa por um dos técnicos do IPPC das obras virem a ser embargadas, a que o presidente da Câmara respondeu com a ameaça de embargar obras do Instituto Português do Património Cultural, parece indicar que se vai entrar numa verdadeira batalha jurídica, na qual a possível intervenção da UNESCO pode trazer novos elementos.

Em Lisboa

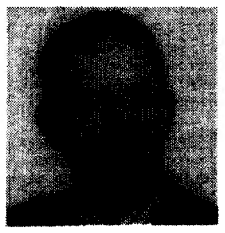
APU pede inconstitucionalidade da proibição de pinturas

A Aliança Povo Unido (APU) afirmou ontem que irá pedir a «declaração de inconstitucionalidade» de uma proposta da Câmara de Lisboa que proíbe as pinturas de parede.

Os vereadores da APU na Câmara de Lisboa informaram que a proposta aprovada em reunião camarária, proibindo a pintura de inscrições, painéis e murais nas paredes, designadamente de carácter político-sindical, «é orgânica e materialmente inconstitucional».

Aqueles vereadores referiram que o Tribunal Constitucional «já tem decidido causas semelhantes, razão pela qual iremos suscitar a respectiva declaração de inconstitucionalidade».

«A aprovação da proposta em causa não tem por objectivo a melhoria do aspecto geral da cidade e a sua limpeza, mais sim fins claramente políticos e propagandísticos, visando desviar as atenções das questões fundamentais que a Câmara não resolve» acusaram aqueles autarcas da APU.



JOÃO MARIA DA SILVA GRAÇA

(VULGO «ESFOLA GATOS»)

FALECEU

Sua mulher, filho, nora, neto e restante família, participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, pelas 15.30 horas, da igreja de Santos-o-Velho, para o jazigo no cemitério da Ajuda.

No ENDA de sábado

AAC decidida a renovar proposta de greve

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC) manifestou a sua estranheza por o ministro da Educação ainda não ter suspendido os diplomas que instituíam as precedências e prescrições.

Tendo em conta a realização de um Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), sábado, a associação anunciou a disposição de retomar a proposta de realização de uma greve nacional, caso até essa data não se efectivar a suspensão do regime legal de precedências e prescrições.

Segundo a Direcção-Geral da AAC, que sublinha não pretender apenas a suspensão mas a revogação, a greve marcada para 15 de Janeiro foi adiada «sine die» num gesto de boa vontade por parte dos estudantes ainda não correspondido pelo ministro.

Entretanto, começa hoje a campanha eleitoral das listas candidatas aos novos corpos gerentes da AAC, cujas eleições estão marcadas para os próximos dias 21 e 22.

Concorrem três listas, uma apoiada pela JSD e integrando cinco elementos da Juventude Centrista, outra da JS e uma terceira da juventude do PRD.

A Universidade de Coimbra possui cerca de 12 mil alunos e as eleições para a Associação Académica são consideradas pelos partidos como um «barómetro político».

MEC REESTRUTURADO INTEGRA QUATRO DIRECÇÕES REGIONAIS

A reestruturação do Ministério da Educação deverá funcionar plenamente dentro de 180 e será dias um dos primeiros passos para a reforma do sistema educativo.

O ministro João de Deus Pinheiro delineou a nova orgânica do MEC com a criação de quatro direcções regionais, ao empossar ontem 41 altos funcionários.

Num discurso de 31 páginas, o ministro sublinhou, ao empossar directores e subdirectores-gerais, que vão dar «novo fôlego ao renovado Ministério», a desaquação da velha orgânica de 15 anos «centralizada e obsoleta».

«Essa máquina interna tem de gerir mais de 200 mil professores e funcionários mais de 12 mil estabelecimentos de ensino, a que correspondem cerca de 1,5 milhões de estudantes e um orçamento superior a 200 milhões de contos» - disse.

O ensino básico e secundário será agregado numa única Direcção-Geral, que terá como missão a ligação constante aos projectos em curso da Comissão de Reforma do Sistema Educativo.

Novas condições de expansão e cooperação técnica serão implementadas no ensino técnico profissional e a Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa aumentará a sua influência.

O IASE, que manterá a sua sigla mas com o nome de Instituto de Apoio Sócio-Educativo, deverá dar o apoio logístico e técnico na área do ensino superior, fornecendo, nomeadamente, o apoio ao estudante.

O Ministro da Educação referiu também estar já em fase adiantada a elaboração de um plano quinquenal de investimento, no montante de 60 milhões de contos que vai permitir melhorar o equipamento no ensino superior.

O ensino de português no estrangeiro deverá abranger faixas etárias mais amplas e o Instituto de Inovação Educacional António Aurélio da Costa Ferreira será um órgão vocacionado para o desenvolvimento de meios inovadores de apoio ao ensino especial, o aconselhamento de métodos de apoio pedagógico e a coordenação de experiências-piloto.

João de Deus Pinheiro salientou a necessidade urgente de uma alteração radical de programas e conteúdos curriculares do sistema de ensino

Relatório sobre Camarate já está a ser redigido

O relatório da Comissão Parlamentar sobre a queda do Cessna que, em 4 de Dezembro de 1980, vitimou, em Camarate, Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa e os seus acompanhantes, deverá ser divulgado no próximo dia 22, tendo ontem sido nomeada para o redigir uma subcomissão integrada por José Manuel Ramos (PSD), José Magalhães (PCP), Corregedor da Fonseca (MDP), Correia de Azevedo (PRD), Manuel Lopes (PS) e Horácio Marçal (CDS). Recorde-se que a Comissão é presidida pelo deputado do PSD, Mário Montalvão Machado, cujo nome tem sido referido no caso de corrupção na Polícia Judiciária do Porto, tendo mesmo prestado declarações ao juiz instrutor do processo.

"Degradação total" nas finanças na RTP

A situação económica e financeira da RTP é de «degradação total», lê-se no despacho, a publicar brevemente, qu autoriza aquela empresa pública a aumentar o seu capital social.

Fonte oficial disse à agência Lusa que será brevemente publicado no «Diário da República» um despacho conjunto dos secretários de Estado da Comunicação Social e do Tesouro que autoriza a RTP a aumentar o seu capital estatutário de 1,9 milhões de contos para 4 milhões de contos.

No despcaho, o Governo informa ainda que os prejuízos acumulados da Rádio Televisão Portuguesa, como empresa pública, totalizavam no final de 1985 cerca de 3 milhões de contos.

Indica ainda o despacho que, em 1985, a situação líquida negativa da empresa era de 2 milhões de contos.

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

DIRECÇÃO-GERAL DOS EQUIPAMENTOS EDUCATIVOS

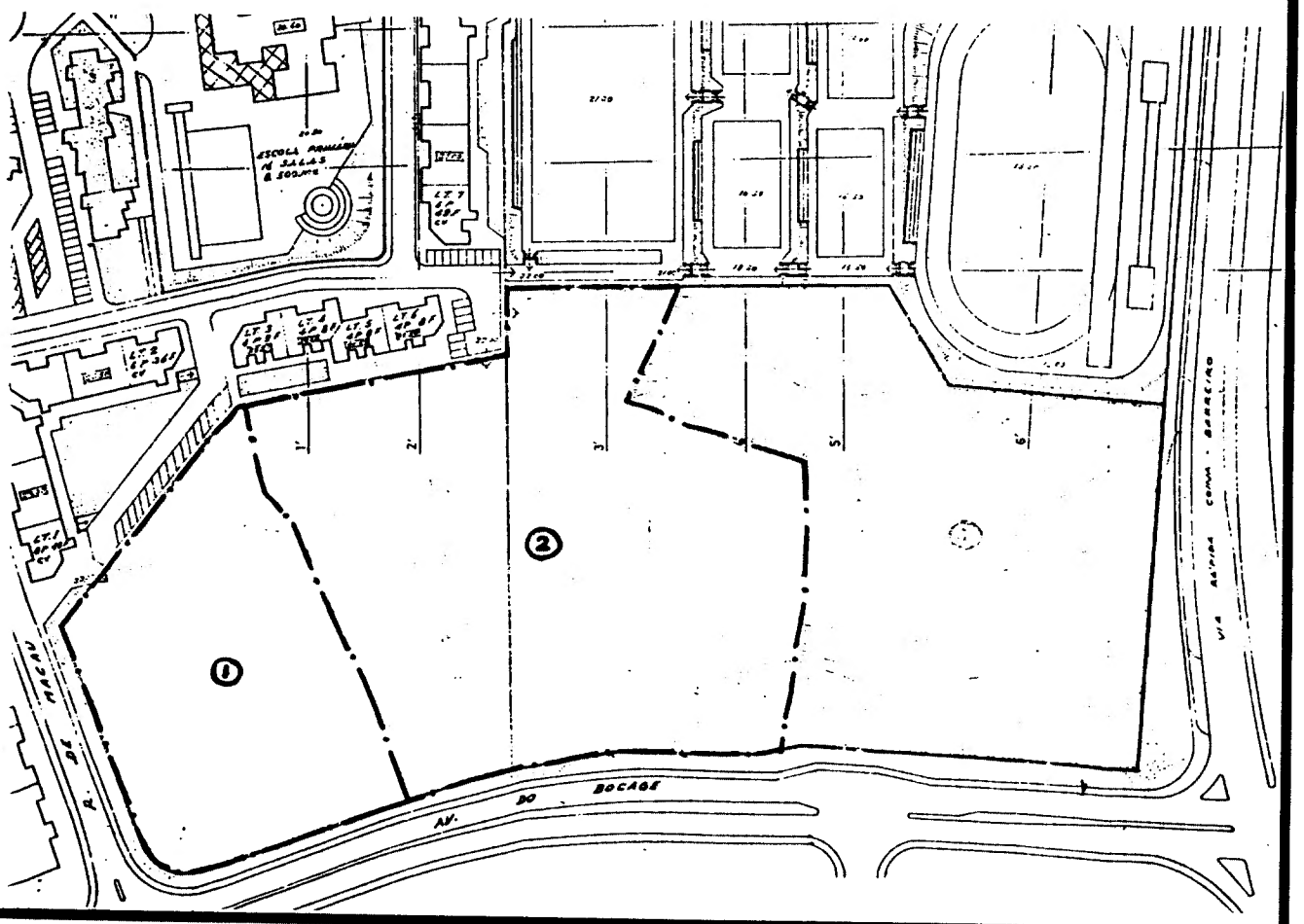
ANÚNCIO

Faz-se público que, nos termos do art.° 5.° do Decreto-Lei 76/80, de 15.4 e do despacho do Ministro da Educação e Cultura de 86.9.30 que inclui a Escola Secundária do Alto do Seixalinho no Programa Especial criado por aquele diploma, foi autorizada a posse administrativa imediata das parcelas de terreno assinaladas na planta anexa com os números 1 e 2 pertencentes respectivamente a Armando Pereira dos Santos e a António Xavier de Lima.

Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, em 9 de Janeiro de 1987

O SUBDIRECTOR-GERAL

A. Ressano Garcia



CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia vinte e dois de Dezembro de mil novecentos e oitenta e seis, nesta cidade de Lisboa e no Sétimo Cartório Notarial, perante mim licenciada Olivia da Conceição Nunes Pinto Capelo Ramos, notária respectiva, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO

ANTÓNIO LOPES FERREIRA, natural da freguesia de Cambra, concelho de Vouzela, casado sob o regime de comunhão de adquiridos com Maria Rosa Luís Lopes Ferreira, residente na Praceta de Cabinda, n.° 6, 1.° esquerdo, em Oeiras.

SEGUNDO

HUMBERTO LUÍS RODRIGUES BARBOSA, natural da freguesia do Monte, concelho do Funchal, casado sob o regime da comunhão de adquiridos com Maria Gabriela Rosa Figueira de Abreu Barbosa, residente na Rua Sá de Miranda, lote 40, 3.° esquerdo, Quinta das Palmeiras, Oeiras.

Verifiquei as identidades dos outorgantes pela exibição dos seus bilhetes de identidade, respectivamente, n.°s 2475610, de 27/3/981, e 5469970, de 4/1/986, ambos do Arquivo de Lisboa.

E POR ELES FOI DITO:

Que, constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada a qual se regerá pelas disposições dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «VITACEL-QUINTA DE REVITALIZAÇÃO E TERAPIA CELULAR LIMITADA», fica com a sua sede provisória na Rua Ferreira de Castro, numero noventa B, Sassoeiros, freguesia da Parede, concelho de Cascais, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

SEGUNDO

O seu objecto consiste no alojamento com refeições, tratamentos de hidroterapia, nutricionismo, massagens, fisioterapia, laserterapia, sauna, importação, exportação, fabrico e armazenamento de produtos dietéticos e artigos de beleza e sua comercialização.

TERCEIRO

O capital social é de quatrocentos mil escudos, encontrando-se realizado em dinheiro em cinquenta por cento, e corresponde à soma de duas quotas de duzentos mil escudos, uma de cada sócio e estão cada uma delas realizada em cinquenta por cento, devendo o restante ser realizado no prazo de um ano a partir da data do registo.

QUARTO

A cessão de quotas entre sócios é livre, para estranhos depende do consentimento de quem mais for sócio.

QUINTO

A gerência da sociedade e sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessárias as duas assinaturas para obrigar a sociedade.

SEXTO

Sempre que a lei não prescreva outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com pelo menos dez dias de antecedência.

ASSIM O DISSERAM E OUTORGARAM.

Foi-me exibido o certificado emitido pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas em 29/10/986, válido por cento e vinte dias a contar daquela data, comprovativo da admissibilidade da denominação adoptada pela sociedade ora constituída.

Adverti os outorgantes de que devem requerer o registo deste acto, obrigatoriamente, no prazo de noventa dias a contar de hoje.

Arquivo o duplicado da guia de depósitos efectuado na Caixa Geral de Depósitos, do capital realizado em dinheiro.

Esta escritura foi lida aos outorgantes e feita a explicação do seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de ambos.

Lisboa, 8 de Janeiro, de 1987

«DL» 15/1/1987

Trolha morre intoxicado ao resguardar-se do frio...

Um trabalhador da construção civil que pernoitou num prefabricado, junto de umas obras na Rua de Santa Margarida, em Braga, morreu por intoxicaço ao tentar combater o frio. Dois companheiros seus que dormiram no mesmo local estão a ser socorridosno Hospital de S. Marcos, para onde foram conduzidos, de manhã.

Por causa do frio que se fez sentir durante a noite, aqueles trabalhadores ligaram um aquecedor de gás que os intoxicou, vindo a ser encontrados por colegas que ao iniciarem o trabalho deram pela sua falta.

A cidade de Braga está coberta de neve, continuando a nevar com intensidade. Bragança encontra-se praticamente isolada pela neve e pelo gelo, tendo sido suspensas as ligações áreas com Lisboa e as ligações rodoviárias com outras localidades. O gelo tem impossibilitado o trânsito de peões e viaturas.

Devido ao tempo, não haverá hoje aulas nas escolas de Bragança, o mesmo se prevendo para o Ciclo Preparatório de Chaves, instalado nos arredores da cidade, coberta com uma camada de 20 centímetros de neve. Em Chaves, a temperatura esta manhã era de 1 grau negativo, embora faça sol.

A neve está a cair de novo em Vila Real, Viseu e Guarda, aqui com grande intensidade. A Vila Real não chegaram hoje os jornais da manhã devido à serra do Marão se encontrar isolada e não permitir a passagem de veículos. Na cidade a circulação automóvel está reduzida ao mínimo e exige grandes precauções.

Neve fecha escola, corta estradas e cancela viagens

TEMPO MELHORARÁ A PARTIR DE DOMINGO

GELO e neve, ou nevões, por quase todo o País, e mais estradas cortadas (agora a que liga Mesão Frio Amarante), é o quadro que Portugal apresenta, bem menos agreste que qualquer outro do continente europeu. A neve constituiu, de resto, um espectáculo insólito, ontem, de Norte a Sul, do interior ao litoral: apenas Lisboa e periferia escaparam, à primeira vista, aos flocos brancos que atingiram, também, Torres Vedras, Sesimbra e Palmela. Lisboa foi, por isso, a única capital europeia com uma temperatura positiva, embora à tangente: um grau.

Neve com abundância, ontem, na Rua de Santa Catarina, no Porto

Devido à neve, a «Intercentro» cancelou as suas viagens internacionais (Espanha e França) e a Escola Secundária de Vila Real fechou por dois dias, devendo reabrir amanhã.

Enquanto em Lisboa a temperaura era, ao meio-dia de ontem, de quatro graus positivos — isto é apenas um exemplo —, em Madrid registava-se 0 graus e em todas as outras capitais vários graus abaixo de 0, com realce para Varsóvia e Berlim, as cidades mais frias da Europa ao princípio da tarde de ontem, respectivamente com 20 e 17 graus negativos.

Em Londres, a temperatura ao meio-dia era de 3 graus negativos, em Paris e Genebra de 6 graus negativos, em Bruxelas e Esocolmo de 9 graus negativos, em Oslo de 7 graus negativos, em Copenhaga de 8 graus negativos e em Viena de 12 graus negativos.

As condições climatéricas acima assinaladas, com neve a cair em «zonas dispersas», especialmente a nNorte do Tejo, mantinham-se esta manhã e deverão continuar por mais três dias, provavelmente até domingo. Admite-se que a partir de segunda-feira o tempo melhore.

O tempo continuava hoje frio, com aguaceiros no Norte e no Centro. Amanhã, as temperaturas mínimas deverão subir, aumentando sensivelmente no sábado. O céu apresentar-se-á, contudo, nublado. A acentuada descida de temperatura registada em Portugal foi mais sentida, segundo o INMG, no Porto e em Viana do Castelo, com uma quebra na ordem dos doze graus.

Numa rápida «visita» a algumas capitais distritais apurámos que a Guarda e Bragança foram as cidades mais frias ontem: seis graus negativos. De resto, a região da Guarda está a ser assolada por um nevão e forte formação de gelo. Caiu também neve em Coimbra, ontem de manhã, se bem que com pouca intensidade. Viseu e Castelo Branco viveram tal espectáculo pela primeira vez este ano. Portalegre acordou, por seu turno, ontem, sem água, e muito frio.

A temperatura ontem registada em Lisboa suscita duas ou três observações: a baixa temperatura na capital portuguesa não é muito frequnte, acontecendo uma ou duas vezes durante o Inverno. Em Janeiro de 1983, Lisboa atingiu uma temperatura de dois graus negativos.

Em Trás-os-Montes o mau tempo está mesmo a afectar a vida económica e social da região, tendo sido cancelada a feira mensal de Bragança e estando também a ser afectado o funcionamento de algumas escolas.

Os criadores de gado estão a sentir dificuldades em alimentar os animais, por os pastos estarem cobertos de neve.

No tocante à rede nacional de estradas, sabe-se que as que dão acesso à Guarda estão todas transitáveis, apesar da existência de neve e gelo, sobretudo nos locais abrigados.

Todos os acessos à serra da Estrela, por Covilhã, Manteigas, Seia e Gouveia, estão fechados ao trânsito. A circulação processa-se também com dificuldade nos acessos à fronteira de Vilar Formoso, nomeadamente na estrada Guarda-Vilar Formoso, no troço entre Castelo Mendo e a fronteira, que se encontra gelado.

Já a Estrada Nacional entre Mesão Frio e Amarante, encontra-se «cortada» desde ontem à noite devido à neve, segundo os BV de Mesão Frio. Os bombeiros procuram, desde as 23 horas de ontem, desobstruir a via, havendo carros imobilizados.

A Escola Secundária 'Camilo Castelo Branco', em Vila Real — como assim se disse — foi ontem, encerrada devido ao intenso frio que se faz sentir na zoa.

Uma avaria no sistema central de aquecimento levou o Conselho Directivo da escola a cancelar as aulas, que só deverão recomeçar depois da avaria reparada.

«Os alunos não conseguiam aguentar as temperaturas tão baixas e, por isso, fomos obrigados a cancelar as auas, que só deverão ser retomadas amanhã, de acordo com o tempo e com a reparação da avaria que se verifica no aquecimento central» - disse um dos professores à Lusa Anop.

Por seu turno, a empresa 'Intercentro — Transportes Internacionais' cancelou ontem as suas carreiras de autocarros para Genebra (Suíça), Lião e Paris (França) e Barcelona (Espanha), devido à neve — disse uma fonte da empresa.

Jsé Gameiro, chefe de serviços de exploração da 'Intercentro', afirmou que este cancelamento se fazia «porque as estradas estão intransitáveis em Espanha e França».

Não há sobreviventes do "Testa Rossa"

Sinal de rádio não passa de rebate falso

"Pedro Cem" navega para o Funchal

A operação de busca e salvamento do cargueiro filipino «Testa Rossa» recomeçou esta manhã depois da tripulação da corveta «Jacinto Cândido» ter ouvido um sinal de rádio, mas isso não significa que haja sobreviventes — afirmou uma fonte da Marinha portuguesa esta manhã ao «DL». As buscas tinham terminado ontem à tarde sem quaisquer indícios de haver náufragos: os membros da corveta encontraram apenas três baleeiras e duas balsas. Na Madeira, o navio «Pedro Cem» aguardava esta manhã indicações do barco-patrulha da Marinha para largar Porto Santo — caso as condições o permitissem — em direcção ao Funchal.

Não há quaisquer esperanças de recuperar eventuais sobreviventes do «Testa Rossa» que, como o «DL» ontem referiu, transportava ferro da Mauritânia para Antuérpia. O cargueiro afundou-se em poucos instantes, dada a natureza da sua carga. O que de algum modo surpreende algumas fontes é a rapidez com que o barco se afundou, uma vez que o «Alamir» e uma outra embarcação ouviram, perto, os SOS do «Testa Rossa», mas nada conseguiram encontrar — apesar de se estarem a 27 e 17 milhas, respectivamente.

A hipótese de se tratar de uma balsa do barco espanhol «La Claridad», que passou por algumas dificuldades na mesma área (a mais de 160 milhas do Cabo de S. Vicente), foi ontem admitida por fontes do CNC (Comando Naval do Continente), que também frisaram o facto de ter faltado à Marinha o apoio imediato de um helicóptero na operação

Uma das balsas, vazia, detectada no mar, por um avião da Força Aérea portuguesa

desenvolvida pela corveta «Jacinto Cândido». Os eventuais sobreviventes do «Testa Rossa», no caso de não se terem afogado imediatamente no meio da «violenta tempestade» (segundo o SOS emitido), «não conseguiriam aguentar mais de duas ou três horas na água», acrescentou a mesma fonte da Armada.

Por outro lado, de acordo com o comandante Duarte Rebelo, da corveta envolvida na operação, os náufragos, cujo número está ainda por determinar, teriam saltado para os meios de salvamento — balsas e baleeiras —, mas não resistiram nem ao tempo (ventos ciclónicos e mar encapelado) nem ao cansaço.

PL - AECOD
PODER LOCAL
ASSOCIAÇÃO DOS ELEITOS COMUNISTAS E OUTROS DEMOCRATAS

ELEITOS COMUNISTAS E OUTROS DEMOCRATAS

Criada em 1981 a **PL - AECOD** tem por objectivo a centralizaçao e posterior aplicacão das verbas recebidas pelos eleitos comunistas e outros democratas da em obras e melhoramentos ao servico da populacão

Orientando-se pelo principio de que os eleitos não devem ser benificiados nem prejudicados pelo exercicio de cargos publicos, à AECOD tem sido possivel a atribuicão de verbas para inumeros melhoramentos

A Direccão Distrital da AECOD torna público uma nova aplicacão de verbas ao serviço da populacão, agora decidida:

Póvoa de Manique - Azambuja	Instalacão de 1 parque infantil	250 contos
Povoa de S. Adrião - Loures	Equipamento para o centro de idosos	100 contos
Apelacao - Loures	Instalacão de 1 parque infantil	190 contos
Odivelas B.°Bons Dias - Loures	Construcao de 1 espaco de aventura	150 contos
Mira Sintra Cacém - Sintra	Apoio a instalacao da sede da APD	100 contos
Vialonga Sta.Eulália - V.F.Xira	instalacao de 1 parque infantil	250 contos
Outeiro da Cabeça - T. Vedras	instalacao de 1 parque infantil	250 contos
Castelo - Lisboa	Material desportivo para a Junta	50 contos
Santiago - Lisboa	Rede de protecao e tabelas para campo de jogos	70 contos
Alfama - Lisboa	Material didatico para a associacao de tempos livres - ATLA	50 contos
S. Vicente - Lisboa	Parque infantil do Telheiro	75 contos
Ajuda - Lisboa	Brinquedos para parque infantil do Casalinho da Ajuda	125 contos
Carnide - Lisboa	Polidesportivo da Qta Condes e bancos de Jardim	130 contos
Ameixoeira - Lisboa	Jardim desportivo junto à escola primaria	125 contos
Charneca - Lisboa	Rede e muro de protecao do parque infantil da Qta do Louro	125 contos
Beato - Lisboa	Equipamento social para Vila Dias	125 contos
Marvila - Lisboa	Instalacão de 1 parque infantil	125 contos

Com esta nova atribuição, eleva-se a 5 890.000$00 o total de verbas aplicadas em 1986 em obras e melhoramentos no Distrito de Lisboa.

A Direcção Distrital de Lisboa da PL - AECOD

Rede foi desmantelada a partir de denúncia

TRÁFICO DE DROGA EM SETÚBAL: ACÓRDÃO SERÁ LIDO NO DIA 20

A última audiência do julgamento do tráfico de droga, em Setúbal, realizou-se ontem, tendo o tribunal escutado as declarações dos agentes da Polícia Judiciária intervenientes no processo. Um dos agentes declararia ao tribunal que o desmantelamento do grupo ficou a dever-se a um telefonema anónimo.

Segundo o mesmo testemunho, um dos réus do processo, Manuel Rodrigues de Carvalho, colaborou activamente com a polícia na elaboração deste processo que tem como assunto principal o tráfico de droga mas que abrange vários réus sob a acusação de envolvomento em assaltos e receptação de roubos.

Muito embora a acusação diga que alguns dos arguidos teriam movimentado 65 quilos de haxixe, em julgamento só foi provada a existência de 1300 gramas.

Os réus são Mário Rui Crispim, António da Conceição Cardoso, Alberto Brito da Fonseca, Manuel Francisco Pais, Alexandrino Biscaia, Carlos Alberto Cunha, Manuel Rodrigues de Carvalho e José António.

Durante a sessão do julgamento de ontem foram ouvidas mais de duas dezenas de testemunhas de defesa dos vários réus, após o que foram feitas as alegações pelos seus quatro defensores.

A confirmar o interesse que este caso despertа junto da opinião pública, particularmente no distrito de Setúbal, a sala registou ontem grande enchente, e os candidatos a um lugar na assistência foram submetidos a rigoroso controlo de segurança.

O acórdão relativo a este julgamento, que desde o dia 6 decorre no Tribunal de Setúbal, «só de verá ser proferido no dia 20», segundo o presidente do colectivo que julga o processo.

O delegado do Procurador da República, Palma Ramos, que no julgamento representa a acusação, afirmou à agência Lusa que «desde que está no tribunal de Setúbal este é o julgamento mais importante em que participa».

A demora na leitura do acórdão deve-se a outros julgamentos com réus presos e, também, à falta de espaço físico no tribunal, que só tem uma sala de audiências».

Assaltado taxista da Baixa da Banheira

Dois jovens ainda não identificados roubaram a carteira a um motorista de táxi a quem agrediram com uma chave-de-fendas e uma faca, provocando-lhe ferimentos com alguma gravidade. Segundo o testemunho da vítima, Artur Vicente Bucha Rodrigues, de 46 anos, os dois jovens tomaram o táxi na Baixa da Banheira, solicitando-lhe o transporte até ao Hospital de Almada, onde um deles disse ter a mãe internada, mas à entrada da via rápida acabaram por perpetrar o assalto.

Arsenal apreendido numa residência em Olhão

Por denúncia de um enteado de treze anos do locatário, a quem este momentos antes ameaçara de morte com uma arma branca, a GNR apreendeu um autêntico arsenal numa residência em Olhão, propriedade de um pedreiro, de apelido Viegas. A lista fornecida pela GNR é a seguinte: três espingardas de caça de calibre 9, 12 e 16 mm; um revólver de calibre 22 mm; uma pistola de defesa de calibre 6,35 mm; duas pistolas de alarme com seis munições; uma espingarda de pressão de ar; uma cartucheira com 48 cartuchos calibre 9 mm; dois revólveres de alarme, com adaptação para munições de calibre 12 mm e duas caixas de munições de 22 mm e um sabre-baioneta para utilização em espingardas Mauser de calibre 7,9 mm, tudo em situação ilegal.

Incêndio destruiu arquivos do Paço Episcopal de Braga

Um incêndio, aparentemente provocado por um curto-ciruito, deflagrou esta madrugada numa arrecadação do Paço Episcopal de Braga, reduzindo a cinzas parte dos arquivos e destruindo vários documentos, entre os quais se encontram os «Fastos Episcopais» e partes do «Missal Bracarense».

A arrecadação servia ainda de garagem aos três automóveis do Paço, tendo um deles sofrido danos elevados, enquanto os dois outros foram retirados a tempo.

O sinistro foi combatido por vinte elementos dos Bombeiros Voluntários de Braga.

Ajudante de motorista vitimado em Gandarela

Um ajudante de motortista morreu ontem em Gandarela, no concelho de Celorico de Basto, quando o camião em que seguuia se despistou. Trata-se de Evaristo Pereira

Procurando que a SETC cumpra a postura camarária

Taxistas de Almada não desistem de lutar pela "bandeirada"

A Comissão para a Mudança do Sistema de Exploração dos Táxis do Concelho de Almada (substituição da «Letra A» pelo sistema de «Bandeirada»), cuja luta temos vindo a noticiar, continua a aguardar, com impaciência, que a Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações (SETC) oficialize a postura aprovada nesse sentido pela Câmara Municipal de Almada.

No âmbito dessa luta, contra a posição que considera «manifestamente antidemocrática» da SETC, a comissão, nos contactos que tem vindo a estabelecer com os diferentes partidos acaba de ter um encontro com representantes do PRD, a quem solicitou a sua intervenção para que o problema possa ser desbloqueado a curto prazo.

De recordar que num abaixo-assinado posto a circular pela comissão, e cujo texto já foi enviado às mais altas entidades do País, é afirmado que a alteração da «Letra A» pela «Bandeirada» «constituirá um bem para o povo do concelho de Almada em particular, como para os utentes em geral, ao ficar salvaguardada com rigor a quantia a pagar, beneficiando ainda a maioria dos taxistas, em virtude de passar a haver um nivelamento na distribuição do trabalho-receita».

Face ao apoio que a postura municipal merece por parte dos taxistas e da população do concelho de Almada é incompreensível a demora da SETC em acabar com um sistema ultrapassado, o qual, com excepção de Portugal, já não está em vigor em nenhum país integrante da Comunidade Económica Europeia.

Operário cabo-verdiano suicidou-se com '605-Forte'

Por razões que se desconhecem, um operário cabo-verdiano pôs ontem termo à vida na sua residência localizada na Rua 25 de Abril, em Quinta de Cima, Casal do Marco, ingerindo uma dose de «605-Forte», veneno usado para fins agrícolas. Nicolau Tavares, de 29 anos, ainda foi conduzido em estado de coma para o Hospital de Almada, onde viria a sucumbir pouco depois.

ATENÇÃO CACÉM

CONCESSIONÁRIO RENAULT

VESAUTO

AUTOMÓVEIS E REPARAÇÕES, LDA.

INAUGURA NO PRÓXIMO DIA 19/1/87
UM NOVO STAND DE EXPOSIÇÃO E VENDAS DE:

• AUTOMÓVEIS NOVOS
• PEÇAS E ACESSÓRIOS

na

Avenida dos Bons Amigos, 39 — CACÉM — Tels. 924 45 29 e 924 91 09

VISITE-NOS! VEJA A NOSSA GAMA DE NOVOS MODELOS

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Os juros. Não sei se sabem o que são os juros. Se não sabem o que são os juros, eu explico. Para os leigos, que são todos aqueles que nunca lidaram com juros (e poucos são, pois, segundo o povo e padre António Vieira — o que vem dar no mesmo «os erros todos, do mais leve ao mais agravado, todos se pagam e com juros»...) direi que juro é o lucro do crédito.

O lucro e o risco. Vide o estranho caso do crédito mal parado (para quem o deu) ou bem parado para quem o recebeu. Por acaso até há quem lhe chame o crédito mal **tarado,** *mas não pretendo circular por essas semantiquices...*

Ah, é verdade. Os juros. Bem. Os juros podem ser nacionais ou estrangeiros. A característica essencial dos juros é que sobem e descem. Desde ha muito que são públicas e notórias as relações entre o juro e a inflação, relações mais íntimas do que devera aqui dizer-se. A inflação sobe? Pois os juros, zás! A inflação desce? Pois os juros, zás! Percebido, não é verdade? Vamos supor que há excesso de liquidez. Está-se mesmo a ver como os juros reagem.

Mas se os bancos estiverem em fase de compressão? Claro que os juros, os macacos, dão logo sinal. Fui bem claro, não é verdade? Quanto aos juros internacionais, bem, não há dúvida e longe de mim tal ideia. Mas a influência desses juros na baixa da inflação foi mínima. Porque, de duas uma. Ou a economia está no pico, ou a economia não está no pico. Se está no pico, o juro imediatamente, zás! Se não está no pico, o juro, zás! Nisto de picos, o juro comanda a vida! Até sucede que, se o juro sobe aqui, logo o juro sobe ali, e vice-versa. Impressionante, não é verdade?

Com a entrevista de Miguel Cadilhe, fiquei formado em juros. Juro!

PREOCUPAÇÃO NA RFA COM A DESCIDA DO DÓLAR

Os meios financeiros da República Federal da Alemanha mostram-se preocupados com a queda persistente do valor do dólar norte-americano, que se fixou ontem em 1,86 por marco federal na Bolsa de Valores de Francoforte, atingindo assim a sua mais baixa cotação desde 23 de Outubro de 1980.

A preocupação foi agravada pel facto de o dólar ter arrastado na sua quda outras moedas, como a libra britânica e o franco francês, que também se desvalorizaram em relação ao marco.

Analistas locais entendem que este fenómeno demonstra que a reestruturação do sistema monetário europeu (SME) efectuada no passado fim-de-semana terá sido insuficiente para superar os desequilíbrios monetários a nível internacional.

Depois da citada reestruturação, o marco foi revalorizado em 3 por cento, tal como aconteceu com o florim holandês, enquanto o franco belgaluxemburguês subiu a sua cotação em 2,5 pontos e as outras moedas do SME mantiveram os seus valores.

Se esta medida se revelar realmente ineficaz para deter as pressões sobre o mercado financeiro alemão-ocidental, cria-se um círculo vicioso. As moedas estrangeras — sobretudo os dólares e os francos — passam a afluir em maiores quantidades às bolsas de valores locais antea expectativa de uma nova subida do marco.

De acordo com fontes financeiras locais, o banco federal alemão não interveio nos mercados monetários, instruído com a experiência do Japão, cujo banco emissor comprou na semana passada mais de seis mil milhões de dólares, sem conseguir no entanto suster uma queda persistente do valor da moeda norte-americana em relação ao iene.

A queda do dólar deriva, em parte, das perspectivas desfavoráveis da economia norte-americana.

Por outro lado, a credibilidade política da Administração de Washington tem-se visto seriamente afectada com os escândalos suscitados em torno da questão das vendas de armas ao Irão.

Além disso, as próprias autoridades norte-americanas estão interessadas em reduzir a cotação do dólar a nível internacional, a fim de fomentarem as exportações.

Até agora não se vislumbram quaisquer perspectivas de inverter a tendência de baixa da moeda norte-americana, segundo se lê nos comentários dos órgãos de informação especializados.

A curto prazo parece pouco realista a hipótese de se produzir um novo reajustamento no Sistema Monetário Europeu — criado em 1972 e constituído pela República Federal da Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Irlanda, Itália e Luxemburgo — embora fontes bancárias tenham exigido a desvalorização do franco como medida eficaz para reduzir as pressões exercidas no mercado financeiro alemão-federal.

O governo de Bona e a indústria alemã-federal opõem-se a uma subida sistemática do marco porque isso encareceria os produtos nacionais e retirar-lhes-i competitividade a nível internacional.

Tudor investe em Macau

A Tudor portuguesa vai iniciar no próximo mês de Setembro a construção de uma fábrica de baterias em Macau, na sequência da constituição de uma sociedade luso-chinesa, cuja escritura foi recentemente celebrada. O capital da nova empresa, a Sociedade de Macau do Acumulador Tudor, eleva-se a 1,2 milhões de dólares e foi subscrito em 40% pela Tudor portuguesa, 40% pela Sociedade Industrial de Artigos Eléctricos e Máquinas de Guangdong - uma empresa estatal da vizinha província de Guangdong -, 10% por uma importante trading chinesa que opera em Maca, a Companhia Nam Yut, e 10% pelo industrial macaense Ng Fok.

O investimento global envolvido neste projecto ascende a 10 milhões de dólares e assume especial relevância por se tratar da primeira joint-venture luso-chinesa estabelecida após o início das conversações para a transferência da soberania sobre o território.

A produção da nova unidade destina-se essencialmente aos mercados do sueste asiático e deverá iniciar-se no Outono de 1988. A capacidade fabril a instalar permitirá o fabrico de 300 mil baterias por ano, ficando a produção de parte dos componentes a cargo de uma fábrica que a sociedade vai montar na própria província de Guangdong.

Os responsáveis das empresas chinesas participantes no projecto da Tudor Macau e o industrial Ng Fok, que em Macau tem importantes investimentos nos sectores da hotelaria e do imobiliário, têm manifestado interesse em aprofundar a sua colaboração com a

indústria portuguesa e encontram-se presentemente em Lisboa, para conhecer directamente a tecnologia da Tudor e estudar a hipótese de novos negócios.

De acordo com o administrador delegado da Tudor Portuguesa, Fernando Santos, a actual situação de Macau não constitui qualquer obstáculo à concretização desta iniciativa. Falando ontem aos jornalistas, por ocasião da visita da delegação chinesa à fábrica da empresa em Castanheira do Ribatejo, aquele industrial lembrou que «a Tudor já estava em Angola e em Moçamoique antes da independência e hoje em dia continua a trabalhar nesses paises». Em sua opinião «o empresario é por natureza um optimista e um sofredor» e a competitividade tecnológica da Tudor justifica largamente que a empresa encare este projecto como uma garantia do alargamento da sua presença nos mercados externos.

Por seu turno, o empresario Ng Fok, que é cidadão português mas não diz uma palavra em português nem em inglês e mantêm excelentes relações com as autoridades de Pequim, sublinhou que «Portugal esteve séculos em Macau por razões comerciais, mas que chegou o tempo de ali actuar em termos económicos». Sobre a presença da comitiva chinesa no nosso país declarou: «estamos aqui para fazer negócios, porque no comércio não há limitações e o comércio é eterno».

Ng Fok foi o elo de ligação entre a Tudor e as autoridades chinesas e esteve igualmente na origem da primeira experiência de transferência de tecnologia entre Portugal e a China, que levou à instalação de uma fábrica de seringas de plástico numa das zonas económicas piloto que fazem fronteira entre Macau e aquele país.

Os empresarios chineses visitaram esta semana diversas fábricas de moldes na Marinha Grande e Ng Fok defendeu a criação de joint ventures luso-chinesas, não só em Macau e na China, mas também em Portugal.

A Sociedade Portuguesa do Acumulador Tudor emprega perto de mil pessoas, domina largamente o mercado nacional de baterias e exporta cerca de dois terços da sua produção que, em 1986, se aproximou do milhão de baterias. O seu volume de negócios rondou os 4,5 milhões de contos no ano passado, com 300 mil contos de lucros. Incluidas no Grupo Tudor-Portugal existem várias outras empresas que actuam em diversas àreas como o comércio, a informática e as pilhas. No seu conjunto o grupo facturou perto de 7 milhões de contos em 1986.

Segundo o presidente da Brisa

Setúbal ligada a Braga em 92

A auto-estrada contínua entre Setúbal e Braga, numa distância de 417 quilómetros, estará pronta no segundo semestre de 1992, anunciou o presidente da Brisa, em entrevista ao último número da revista do ACP.

Monteiro da Silva revelou também que o lanço da auto-estrada entre o Estádio Nacional e Cascais entrará em funcionamento em 1991, ainda que seja a data limite da obra o ano de 1994.

Quanto às portagens, o presidente da Brisa prevê que, em 1992, a ligação entre Setúbal e Braga se faça por dois mil escudos, sem contar com a ponte sobre o Tejo.

Monteiro da Silva disse ainda, a propósito das portagens, que se pretende generalizar o chamado circuito fechado (cartão à entrada e pagamento à saída) e a utilização de sistemas de pagamento tipo cartão de crédito.

Revelou ainda a existência de um anteprojecto para aumentar de 9 para 15 o número de cabinas em Sacavém e até uma nova localização da portagem de Lisboa para o Norte.

Quanto à auto-estrada contínua entre Setúbal e Braga (que terá quatro áreas de serviço), o próximo sublanço a entrar ao serviço será a ligação Porto-Maia, na distância de 8,4 quilómetros, que ficará concluída no segundo semestre de 1988.

No ano seguinte, em 1989, o troço será prolongado até Cruz, mais de 26,3 quilómetros. Ainda em 1989, a construção avançará mais 11,6 quilómetros, distância da ligação Águas Santas-Campo.

Selos fiscais contra falsificações

A descoberta nos ultimos cinco anos de «acções de falsificação nas estampilhas de maior valor, com sérias consequências prejudiciais para o fisco» determinou a criação de um novo tipo de estampilhas fiscais de 100, 200, 300, 400. 500, 1000 e 5000 escudos. De acordo com um decreto-lei hoje publicado no Diário da República, «uma das formas de evitar tal situação (as falsificações) será a modificação das características nas estampilhas de maior valor nomeadamente com uma numeração adequada, permitindo um maior controle por parte da Imprensa Nacional-Casa da Moeda».

Os novos selos fiscais contêm o escudo nacional sobre a esfera armilar, a palavra «Portugal», a designação «Estampilha Fiscal», o valor por extenso e por algarismos e ainda o número individual de cada selo.

Empresa de Rui Patrício associou-se à Volkswagen

O grupo brasileiro Monteiro Aranha, de que é presidente o ex-ministro português dos Negócios Estrangeiros, Rui Patrício, anunciou hoje ter-se associado à Volkswagen alemã.

Em entrevista à «Gazeta Mercantil» Rui Patrício, que se radicou no Brasil após o 25 de Abril, revelou que o grupo Monteiro Aranha vendeu as suas acções ordinárias da Volkswagen brasileira e que se tornou associado de Volkswagen alemã.

As acções detidas pelo grupo na empresa brasileira foram avaliadas em 47 milhões de dólares (mais de sete milhões de contos) e correspondiam a 10 por cento do capital da empresa.

O valor dos 10 por cento de capital que o grupo detinha na Wolkswagen brasileira equivale a um por cento do capital na empresa alemã, onde cada acção está avaliada em 465 marcos (34.875 escudos).

O grupo Monteiro Aranha é considerado um dos mais importantes do Brasil actuando em vários sectores produtivos que vão da agro-pecuária e minas à produção de material de telecomunicações.

Sevinato Pinto na CEE

O português Sevinato Pinto foi ontem nomeado director para as Estruturas Agrícolas na Direcção-Geral de Agricultura da CEE, anunciaram fontes comunitárias em Bruxelas.

Sevinato Pinto foi adjunto do actual ministro da Agricultura e Pescas, Álvaro Barreto, para os Assuntos Europeus.

COTAÇÕES
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA)
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$35	52$35
ALEMANHA FED. (marco)	75$95	77$15
ÁUSTRIA (xelim)	10$75	10$95
BÉLGICA (franco)	3$469	3$719
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	102$80	105$30
(notas de 5 a 1000)	103$30	105$80
DINAMARCA (coroa)	19$95	20$35
ESPANHA (peseta)	1$068	1$188
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140$60	144$10
(notas de 5 a 1000)	141$10	144$60
FINLÂNDIA (marka)	30$35	30$95
FRANÇA (franco)	22$75	23$45
HOLANDA (florim)	67$35	68$45
IRLANDA (libra)	203$10	207$10
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$870	$925
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	211$75	216$25
SUÉCIA (coroa)	21$30	21$80
SUÍÇA (franco)	90$35	91$85
VENEZUELA (bolívar)	5$80	6$80

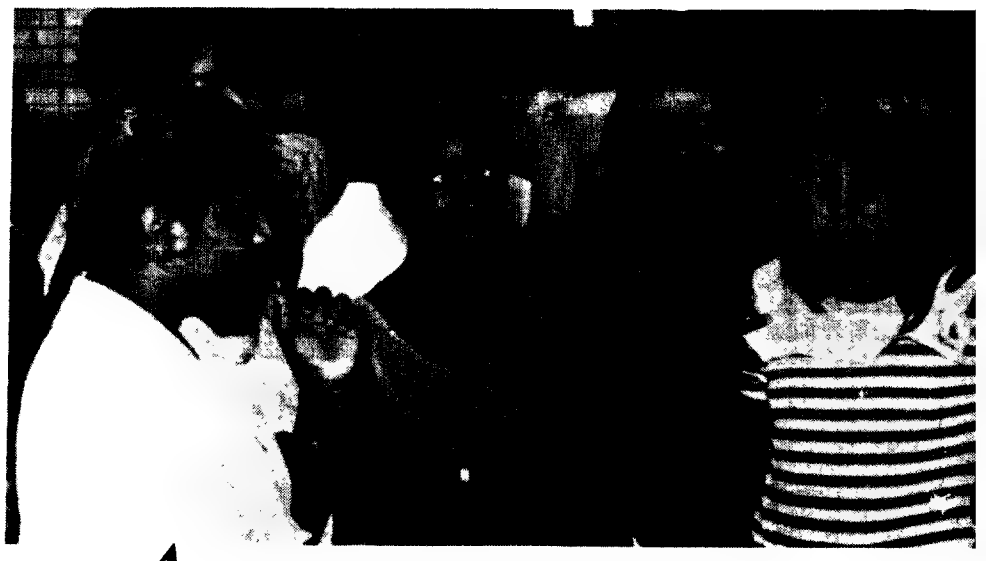
OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

O Iraque anunciou hoje que intensificou os seus ataques aéreos e com mísseis a cidades iranianas, durante a noite, em represália a ataques semelhantes iranianos contra Bagdad e outras cidades. A guerra do Golfo levou o secretário geral da ONU a declarar que se encontra profundamente alarmado com a constante escalada de ataques a barcos de mercadoria na região.

O antigo chanceler alemão-federal, Willy Brandt, disse que um aumento recente do apoio ao Partido Social-Democrata demonstra que o actual chefe de governo, Helmut Kohl, poderá ser substituído nas eleições do dia 25.«Se a tendência continuar tudo pode acontecer», disse ao jornal Bild. O antigo chefe de governo referia-se a uma sondagem de opinião publicada na segunda-feira, segundo a qual, desde Dezembro, o apoio aos sociais-democratas, na oposição, subiu de 34,8 por cento para 36,7 por cento.A mesma sondagem atribui ao Partido Democrata-Cristão de Kohl uma descida de 46,8 por cento para 44,8 por cento. Contudo, a coligação governamental dos democratas-cristãos com os liberais obteve 53,3 por cento.



Alunos brancos misturam-se com alunos negros, em Durban, na primei racial da África do Sul. Entretanto, Israel decidiu adoptar as sanções económicas a Europa e os Estados Unidos contra Pretória, enquanto a cadeia holandesa de s «Makho» anunciava que tomará até ao fim da semana.uma posição sobre a sua pe África do Sul.

Maharishi Yogi em tribunal

Maharishi Maesh Yogi, que nos anos 60 ajudou os «Beatles» a atingir um mais elevado estado de consciência, deverá pagar cerca de 138 mil dólares a um homem que diz ter querido aprender a levitar mas nunca o conseguiu. Um tribunal norte-americano pediu 138 mil dólares de indemnização para Robert Jropinsjy, que diz ter passado ll anos a estudar meditação transcendental mas nunca alcançou nenhum dos seus alegados efeitos benéficos. O advogado de defesa, John Ridge, disse que em Fevereiro o réu decidirá sobre se irá apelar ou não da decisão do tribunal. A queixa foi apresentada contra a UIniversidade Maharishi Internacional em Fairfield, no Estado de Yowa. Kropinsjy, que vive na área de Filadélfia, pediu uma indemnização de nove milhões de dólares por prejuízos. O processo refere que ele ficou a sofrer «dores asgudas e contínuas nas articulações» e de falta de poder de concentração e de memória por ter tentado levitar. Yogi é reconhecido como o líder do movimento de meditação transcendental que atraiu inúmeras celebridades, incluindo os «Beatles», os «Beach Boys» e o mágico Doug Henning. Os «Beatles» denunciaram mais tarde que os seus ensinamentos eram falsos.

Combate à poluição

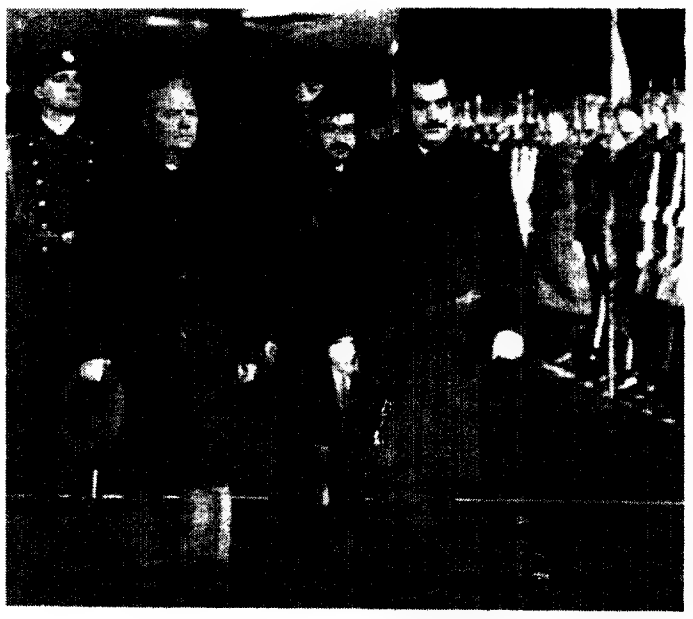
O Governo mexicano anunciou «cem medidas necessárias» para combater o elevado grau de poluição da Cidade do México, mas o ministro da Ecologia disse que seria «ingenuidade» pensar que tal iniciativa ia resolver o problema. A poluição devida ao fumo e emissões de gases dsc automóveis será um dos objectivos a combater pelo «programa das 100 medidas» e as indústrias altamente poluentes vão ser retiradas da capital, onde vivem 18 milhões de pessoas. Cerca de 46 por cento da indústria mexicana está situada no vale do México. O Governo não citou em pormenor quais as medidas incluídas no programa. «Chegou o momento de voltarmos a viver com ar puro, água clara, pássaros no céu, peixe no mar e homens na terra», disse Fernando Cesarman, dirigente de um grupo ecologista presente no encontro em que foi anunciado o pacote de medidas. O alto grau de poluição da Cidade do México, considerada uma das mais poluídas do mundo, deve-se a décadas de permissibilidade - afirmou o presidente da comissão ecológica do congresso. Em Fevereiro do ano passado, o Governo anunciou um programa de 21 pontos para diminuir a poluição na Cidade do México, depois de variações térmicas terem agravado a contaminação obrigando velhos e criancasa ficar dentro de casa.

Dirigente moscovita expulso

Um dirigente distrital do Partido Comunista em Moscovo foi expulso por não ter conseguido combater o abuso de droga e o alcoolismo, anunciou o jornal oficial «Moskovskaia Pravda». Yuri Grafov, primeiro secretário do distrito moscovita de Timiryazevsky, foi ainda acusado de liderança fraca e falta de interesse no processo de reorganização social em curso no país, acrescentou o jornal. A demissão enquadra-se na acção de combate ao alcoolismo empreendida por Mikhail Gorbachev. O ministro do Interior, Alexander Vlasov disse recentemente que a União Soviética regista cerca de 46 mil drogados.

Cessar-fogo unilateral entrou hoje em vigor

NAJIBULLAH ANUNCIA ACORDO COM MOSCOVO SOBRE A RETIRADA SOVIETICA DO AFEGANISTAO



Najibullah, lider comunista do Afeganistão, dirige-se aos guerrilheiros: « Damo-vos uma última oportunidade. Se continuarem a luta, Deus irá punir-vos e nós também».

O lider comunista afegão Najiubullah anunciou hoje seu governo e Moscovo tinham chegado a um acordo que al tirada completa das tropas soviéticas do país. O anúncio f meiro dia do cessar-fogo proclamado pela autoridades de C pela guerrilha, no âmbito do qual as forças afegãs e soviét ofensiva e passarão a responder apenas em caso de ataque.

Falando durante um congresso da Frente da Pátria Nacional, uma organização pró-governamnetal, Najibullah proclamou também uma amnistia para os desertores do exército afegão e opositores ao actual regime de Cabul, convidando-os para a abertura de negociações com vista a um acordo definitivo que ponha fim há guerra inciada há sete anos.

No seu discurso, o lider afegão não deu pormenores sobre o acordo com Moscovo, mas fontes de Cabul disseram ser provável que a retirada das tropas soviéticas esteja dependente do êxito do plano de reconciliação de Najibullah entre o governo e os guerrilheiros.

Najibullah exortou os rebeldes muçulmanos a aceitarem «como última oportunidade» a sua oferta para um cessar-fogo a iniciar hoje, avisando que «Deus punirá » os guerrilheiros que continuem a combater o governo apoiado pelo soviéticos.

« Damos-vos uma última oportunidade», declarou , « se continuarem a luta, Deus irá punir-vos e nós tam...em

Os guerrilheiros n... oferta de Najibullah d... Paquistão, lideres dos... beldes afegãos, que r... bul para um cessar-fo... ram-se ontem para ... programa de paz dest... posta de Najibullah.

Os guerrilheiros mo... stos a dialogar com M... de uma data para a ret... viéticas do país, recu... verno de reconciliaçã... lider afegão em Dezem...

Jornalistas

Entretanto, cerca d... geiros chegaram a Ca... início do cessar-fogo, ... pelo Ministério so... Estrangeiros.

Irangate

North queria envolver o Papa

O antigo elemento do Conselho Nacional de Segurança, Oliver North, teria planeado envolver o Papa João Paulo II no seu esquema de venda de armas ao Irão, noticia o «Washington Post».

O plano de North visava uma primeira venda de armas norte-americanas a elementos iranianos moderados para a libertação de reféns e depois o envolvimento de líderes religiosos como o Papa João Paulo II e o cardeal John O´connor de Noiva York - diz o jornal.

Fontes citadas pelo «Washington Post» teriam afirmado que o principal objectivo previsto no plano, datado de 24 de Janeiro do ano passado e encontrado nos arquivos do tenente-coronel North, era «o estabelecimento de um governo mais moderado no Irão».

Por fim, refere ainda, North planeava um encontro de alto nível, a troca de mais armas pelos restantes reféns no Líbano e o afastamento de Khomeini.

Armas do Brasil

O Brasil enviou um carregamento de mil rockets terra-terra, de produção local, para o Médio Oriente. A Imprensa brasileira especulou sobre o facto de alguns dos mísseis se destinarem ao Iraque, que trava há seis anos uma guerra contra o Irão.O Governo brasileiro proibiu as vendas de armas a países que estejam envolvidos em conflitos com os seus vizinhos. No entanto, o Iraque é um cliente habitual da indústria brasileira de armamentos.

Frio não abandona a Europa

Número de vítimas mortais elev...

Eleva-se a 185 o número de vítimas mortais em consequência da vaga de frio que nos últimos dias quase paralizou o continente europeu e que levou a CEE a oferecer 2,5 milhões de ECUs a organizações de caridade que forneçam abrigo e aquecimento a idosos e a pessoas sem casas.

Em França, onde a neve acumulada atinge alturas recorde nalgumas áreas, foi aberta uma investigação às causas do fecho automático de sete reactores nucleares, causado pelas temperaturas extremamente baixas. Na capital francesa, várias estações de Metro abriram as suas portas para acolher indigentes sem tecto. O mesmo fizeram cerca de uma dezena de Igrejas, por decisão do arcebispado de Paris.

O ar gélido proveniente da Sibéria que tem dado à Europa o Inverno mais frio do século, isolou milhares de pessoas na Grã-Bretanha e lançou o caos nos transportes e comércio de todo o continente.

Em Hamburgo, os bombeirros chamados a combater um incêndio num prédio residencial não puderam fazer mais do que ver as chamas consumir o edifício, pois a água tinha congelado no interior do depósito do carro

neira escola não
as adoptadas pela
e supermercados
permanência na

je em Cabul que o
abre caminho à re-
o foi feito no pri-
e Cabul, e rejeitado
iéticas deixarão a
ie.

em».
muçulmanos rotularam a
n de acto de propaganda. No
dos sete maiores grupos re-
ie rejeitaram o apelo de Ca-
r-fogo de seis meses, reuni-
ra formular o seu primeiro
estinado a contrapôr a pro-
n.
mostraram-se apenas dispo-
n Moscovo sobre a fixação
retirada total das tropas so-
ecusando participar no go-
ação nacional proposto pelo
zembro.

a de 50 jornalistas estran-
Cabul a fim de observar o
go, numa visita organizada
soviético dos Negócios

eva-se a 185

incêndio.
Também em Itália, o frio e
neve têm causado o caos
n muitos serviços públi-
s,enquanto a ilha de Capri
ntinua sem comunicações
m o continente.
Em Espanha, encontram-se
cerradas mais de 30 passa-
ns de montanha, estradas e
roportos, estando várias
voações com as comuni-
ções cortadas.
Entretanto, vários países
Europa do leste vivem
as difíceis com a vaga de
o que paraliza os transpor-
s, dificulta o abastecimen-
às zonas urbanas e ameaça
funcionamento normal das
ntrais termo-eléctricas.

A remodelação ministerial em Moçambique

Por Augusto de Carvalho, da Lusa

O presidente Joaquim Chissano fez a sua primeira remodelação governamental, depois de haver terminado no dia 10 a quarta reunião ordinária do comité central. Uma remodelação que se esperava, até porque havia cargos sem titular, casos dos Negócios Estrangeiros e dos Transportes e Comunicações.

Não se pode falar propriamente de sangue novo injectado no executivo, pois todos eles, com excepção de Feliciano Gundana, agora ministro na presidência, ou mudaram de pasta ou já haviam desempenhado anteriormente responsabilidades no Governo.

Já o mesmo não pode dizer-se a nível do partido, cujo secretariado foi refrescado com alguns jovens nomes, casos de Eduardo Arão, que era governador de Tete, Pascoal Mocumbi, agora ministro dos Negócios Estrangeiros e antes ministro da Saúde, e Júlio Carrilho, ministro da Construção e Águas, permanecendo no trabalho ideológico Jorge Rebelo.

O primeiro-ministro, Mário da Graça Machungo, ficou no secretariado com o pelouro da Economia e José Luís Cabaço, secretário de Estado Adjunto para as Relações Exteriores.

Segundo observadores políticos na capital moçambicana, o perfil do novo governo e do novo secretariado do partido acentua a componente nacional de não alinhamento da política moçambicana.

As pastas dos Negócios Estrangeiros, Transporte e Comunicações e Segurança (SNASP) vão ter novos titulares.

Pascoal Mocumbi era, desde há muito, falado como candidato para as Relações Exteriores. Médico, licenciado na Suíça, foi secretário pessoal de Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo. Quando em 17 de Julho, Samora Machel introduziu o cargo de primeiro-ministro, o nome que andava nas bocas do público para sobraçar a pasta era o de Joaquim Chissano e o de Pascoal Mocumbi para os estrangeiros.

Pascoal Mocumbi deixa a Saúde, sendo substituído pelo vice-ministro da mesma pasta, Fernando Vaz, médico e professor de Medicina, formado em Lisboa, personalidade a quem é reconhecida unanimemente competência científica, dedicação à causa e afabilidade no trato.

Para os Transportes e Comunicações, sector vital no contexto do desenvolvimento moçambicano, o presidente Chissano foi buscar uma personalidade política forte, muito contestada no tempo de Samora Machel, espécie de «enfant terrible», mas com grande prestígio inclusive nas Forças Armadas, disse à Lusa uma fonte que lhe é próxima.

Guebuza, que já foi ministro do Interior, governador de Sofala e ministro na presidência, tem a fama de ser um disciplinador. O sector dos Transportes em Moçambique enferma de problemas de organização e sobretudo de uma constante sabotagem levada a cabo pela Renamo.

Sem uma íntima ligação com as Forças Armadas não é possível levar o trabalho para a frente, salienta-se nos meios políticos.

Armando Guebuza substitui Alcântara Santos, morto com Samora Machel em 19 de Outubro. Um político substitui um técnico. Um político que, conforme disseram à Lusa fontes que o conhecem bem, tem muito bom relacionamento com Joaquim Chissano.

Terá ainda como encargo coordenar o sector dos transportes no âmbito do SADCC.

Sérgio Vieira abandonou o Ministério da Segurança, transitando para director da escola de quadros ao nível do partido. Uma escola, até agora demasiado apagada, que o partido, a avaliar pela última resolução do comité central, pretende dinamizar. Há muitas queixas contra a falta de preparação ideologica dos quadros.

Mariano Matsinhe, que já conhece os cantos à casa, pois já lá foi ministro, substitui Sérgio Vieira. Matsinhe desce da província do Niassa, onde era governador, tendo já desempenhado as funções de ministro do Trabalho e governador de Sofala, além de ministro da Segurança, na altura substituído por Sérgio Vieira.

Ficaram enganados aqueles que esperavam que Sérgio Vieira seria substituído pelo seu vice-ministro, Salésio.

É de salientar ainda a elevação da Secretaria de Estado da Cultura a Ministério, para onde foi nomeado Luís Honwana, que era vice-ministro e director do gabinete da presidência, acumulando com a Secretaria de Estado da Cultura.

Este facto parece sintomático do papel que Chissano pretende que a cultura passe a desempenhar no contexto moçambicano.

Joaquim Chissano, quando da sua tomada de posse como Presidente da RPM

Recomeçaram negociações sobre desarmamento

As negociacões URSS-EUA sobre desarmamento recomecaram hoje com um almoço entre os chefes das duas delegações. Fontes próximas das negociações afirmaram que o almoço era a única actividade para hoje e o objectivo era permitir uma primeira tomada de «contacto pessoal» entre o chefe da delegação norte-americana, Max Kampelman, e o novo líder da representação soviética, Yuli Vorontsov, primeiro vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS.

Continua em vigor o acordo de «estrita confidencialidade» das conversações, estabelecido desde o início das negociações e que foi rigorosamente respeitado pelas duas partes nas seis sessões anteriores.

À falta de informacões concretas, os jornalistas consideram que a substituição do chefe da delegação soviética pode significar que a URSS está decidida a fazer todo o possível para desbloquear o processo de desarmamento.

A administração Reagan, afectada pela crise do «Iranga-te», tem no entanto afirmado que a situação política em Washington não prejudicará a firmeza dos EUA em matéria de defesa.

24 HORAS

Violência nas Filipinas

Dois batalhões de soldados filipinos foram hoje transportados de avião para a cidade de Cotabato, após dois dias de violência perpretada por elementos da Frente de Libertação Islâmica Moro. Os confrontos provocaram um morto e mais de uma dezena de feridos. O movimento de guerrilha anunciou que reiniciara os combates contra o governo porque a presidente Corazon Aquino tinha centrado as sua negociações de paz na rival Frente de Libertação Nacional Moro.

"Time" retirada das bancas

A última edição da revista «Time» foi retirada das bancas no Zimbabwe por ter sido censurada pelas autoridades sul-africanas. O ministro da Informação Nathan Hamuyarira afirmou que os zimbabweanos não podiam ser sujeitos à censura sul-africana. A edição da revista omite uma entrevista com o presidente do Congresso Nacional Africano (ANC), Oliver Tambo.

Negociações sobre Gibraltar

A Grã-Bretanha e a Espanha concluiram ontem uma nova ronda de conversações sobre Gibraltar, mas os espanhóis estão insatisfeitos com os resultados, continuando a reivindicar a sua soberania sobre aquele território. Os ministros dos Negócios Estrangeiros de ambos os países chegaram a um acordo quanto a uma nova etapa de negociações em Madrid, mas a data desse futuro encontro ainda não foi anunciada.

Shultz termina digressão

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, partiu hoje de Monrovia no termo de uma visita a seis países de África. Dos países escolhidos essencialmente pela moderação das suas orientações políticas e económicas, calculava-se que a Nigéria e a Libéria constituissem as escalas mais controversas. Isso acabou por não se confirmar na Nigéria, mas no segundo país Shultz foi invulgarmente áspero nas suas declarações, insistindo junto do presidente liberiano sobre a necessidde de se proceder a mudanças na política económica do país.

PORQUE NÃO?

APRENDER RUSSO!!

Nova turma
para principiantes
Início 19 de Janeiro
Horário:
2.ª e 4.ª-feira das 19 h às 20.30 h

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS
R. S. Caetano, 30 LISBOA
Telef. 601124

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

Pelo 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e 1.ª Secção correm éditos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada HABISOCIAL – CONSTRUTORA DE HABITAÇÕES SOCIAIS, LDA., com sede na Quinta dos Loios – Lavradio – Barreiro, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução Ordinária N.º 11.050, movida por TECHNAL PORTUGUESA – SISTEMAS DE ALUMÍNIO, LDA., com sede na Rua da Guiné, 33-A, Prior Velho – Sacavém, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1987

A Juiz de Direito
Fernanda Isabel Sousa Pereira

O Escrivão de Direito
Manuel Miguel Farinha Figueiredo
(«DL» 15/1/87 — 2.ª Pub.)

Particular: Benfica, 2-Anderlecht, 1

O FRIO TIROU O SONO

À semelhança do que em tempos ocorreu num Portugal-Suíça na década 50, numa tarde de Inverno agreste e duríssimo, também ontem quantos estiveram no parque da águia, para presenciar o embate particular dos lisboetas com os belgas do Anderlecht deveriam ter direito a um prémio. Foram poucos, talvez uns quatro/cinco mil: mas hoje, ao acordarem, quantos não estarão a braços com uma gripe?

E o jogo? Valeu a pena? Nada. Duelo pacato, em ritmo de duplo treino, com muitas trocas e toda a gente a perceber que aos benfiquistas apenas interessava fazer experiências e ao Anderlecht deixar correr o tempo para o direito a uma banhoca bem quentinha.

Um golo de Manniche (aos 5 minutos) e outro de Carlos Manuel (aos 64) deram a vitória ao Benfica sobre o Anderlecht (2-1). Ao intervalo registava-se empate a uma bola, cabendo a Krncevic (que tinha acabado de entrar em campo a substituir o seu companheiro Degroote), a autoria do tento da igualdade, aos 37 minutos.

Manniche: foi seu o tento de abertura

Caraterística do encontro: a precaução dos jogadores e ambas as equipas em evitar o confronto físico.

À excepção de Veloso (não convocado) e de Diamantino (no banco dos suplentes), o técnico John Mortimore fez alinhar os titulares habituais, reforçados ainda com o regresso de Carlos Manuel e a chamada do jovem lateral direito José Carlos, que se estreou na equipa principal. O debute de José Carlos (que esta época subiu ao escalão sénior), não podia ter sido melhor, pois cotou-se como um dos grandes jogadores em campo,, quer a defender, quer também a apoiar o seu ataque.

O Anderlecht, que se encontra a estagiar em Portugal, devido a paragem do Campeonato belga (forçada pelas más condições climatéricas) foi surpreendido logo nos primeiros minutos com a velocidade imposta pelos benfiquistas.

Aos 5 minutos, o dinamarquês Manniche inaugurou o marcador, com um pequeno toque a concluir um bom cruzamento de Álvaro (na esquerda do seu ataque) mas, momentos antes, Silvino foi obrigado a efectuar uma defesa difícil, ante a aproximação de um adversário.

Após o golo, o espectáculo passou por uma fase mais lenta, até ao tento do empate (aos 37 minutos) obtido por Krncevic.

O defesa central Dito foi o principal responsável pelo tento sofrido por ter hesitado no corte e, depois, por se ter deixado driblar com infantilidade pelo avançado belga que teve ainda tempo para escolher o melhor ângulo e enganar Silvino.

Carlos Manuel: no regresso, fez o golo do triunfo benfiquista

No tempo complementar jogou-se melhor futebol, com maior velocidade e numa toada de parada e resposta. Aos 58 minutos um cruzamento de Manniche fez a bola deslizar frente à baliza, com todos os avançados benfiquistas a vê-la passar. Todavia, aos 64 minutos, Carlos Manuel conseguiu (finalmente) apontar o golo que há tanto tempo vinha desejando, mediante um remate forte à entrada da grande área.

Nos minutos seguintes e até ao final da partida foi a vez do brasileiro Chiquinho (o avançado mais influente do Benfica) assinar lances de bom recorte técnico mas a que os seus companheiros não souberam dar a melhor sequência.

O Anderlecht, embora distante da equipa que ganhou na Luz (e perante o Benfica) a Taça UEFA, revelou as suas credenciais de turma perigosa, especialmente no contra-ataque.

●

Socorrendo-nos de uma curiosa estatística feita pelo jornalista Vítor Hugo («A Bola») pode dizer-se que, no estádio do Benfica, estiveram (pelo menos) 576 borlistas: 56 agentes da Polícia Judiciária, quatro convidados federativos, um membro do Ministério do Trabalho, 187 portadores de cartões diversos, 172 empregados dos bares e 156 jogadores de diversos escalões etários. Isto, sem contar com os guardas da PSP que estiveram de serviço, bombeiros, porteiros, arrumadores, fiscais, apanha-bolas e funcionários do estádio comandado por Domingos Claudino.

Enfim: saliência muito especial para a perfeita revelação das potencialidades de José Carlos (que pede imediata passagem para os voos mais altos). Quanto aos parceiros, a vida esteve fácil para os guarda-redes: Silvino mais brilhante. Neno quase aborrecido debaixo da trave branca.

Novo prolongamento do acontecido na Póvoa de Varzim: ito (displicente) a não ter autoridade na zona do seu raio de acção. Edmundo dentro da regularidade e Oliveira a ressentir-se ter saído de longo ostracismo. Bela presença de Álvaro, magnífico o esforço de Chiquinho (bem acompanhado por Carlos Manuel), Vando dentro da bitola sofrível, Tueba arredado do lugar em que pode ser útil, Shéu a manifestar carência física para envolvimento em duelos que exijam poder atlético. Uma nota de apreço para a vibração e alegria de Rui Águas, tal como se regista a deficiente forma de Manniche, jogador extremamente importante na manobra benfiquista mas apenas desde que se encontre em bom momento no capítulo da pujança física.

Com arbitragem de Carlos Valente (Setúbal) que esteve acompanhado por Carlos Cortiço e Jacinto Roque, alinharam:

Benfica: Silvino (Neno na 2.ª parte); Dito, José Carlos, Edmundo (Oliveira, 2.ª parte) e Álvaro; Shéu, Chiquinho, Carlos Manuel e Vando (Tueba, 2.ª parte); Manniche e Rui Águas.

Anderlecht: Munaron (Kekema, 67); Grun, Demol, Swinnen e De Groote (Krnvic, 37); Van Tigellien, Nillis (Kabongo, 73), Jaussen, Vercauteren e Lozano; Gudjohnsen.

Tentos: Manniche (5), Krncevic (37) e Carlos Manuel (64). Cartão amarelo para Jaussen.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 03/87 DE 18 DE JANEIRO DE 1987

assim vai o totobola

O Algarve: 222 XX1 112 1221; Jornal de Amarante: 222 XX1 11X 2221; Jornal da Beira: 222 2X1 1X2 X12X; Correio de Coimbra: 222 222 1X2 1X21; Correio do Vouga: 222 211 112 X12f; A Defesa: 111 211 1X1 1X2X; Defesa dè Espinho: 222 222 XX2 1X2X; O Diário: 222 221 122 2121; Diário de Lisboa: 212 2XX X22 2X2X; Diário de Viseu: 222 211 11X 112X; Folha do Domingo: 222 221 1X2 XX2X; Eu Sei Tudo: 222 221 1X1 1XX1; Jornal de Felgueiras: 222 2XX 1X2 X111; Jornal do Fundão: 22X 21X X1X 1X22; Gazeta das Caldas: 222 2X1 11X 1121; Rádio Totobola: 222 2X1 1X2 X1XX; Linhas de Elvas: 222 211 1X2 X121; Jornal da Lixa: 222 2X1 XXX 1121; Maria da Fonte: 222 XX1 12X X12X; O Mensageiro: 222 2X1 XX2 112X; No Estúdio e no Estádio: 22X X11 1X2 X1XX; Notícias de Felgueiras: 222 2XX 11X X1X1; Notícias de Guimarães: 222 2XX 212 1X2X; Notícias de Viseu: 222 2X1 1XX 1X21; Notícias de Viana: 222 22X XX2 X1X1; Reconquista: 221 211 112 1121; Rádio Altitude/Informação Desportiva: 222 2X1 112 11X1; RDP Comercial-/Clube da Manhã: 222 2X1 1X2 X222; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 222 2X1 112 1XX1; Secção Desportiva/RDP Comercial: 222 22X X12 X1X1; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 222 2XX 1X2 112X; Boomerangue/RDP Centro 222 2X1 XXX X2X2; Programa da manhã/RDP Centro: 222 XX1 1X2 2X2X; Música Com Elas/RDP Centro: 222 X2X XX2 X22X; Fotogramas/RDP Centro: 222 X1X 122 21X2: Fora-de-Jogo/RDP Centro: 222 X1X 2X2 12X2; Bola ao Centro/RDP Centro: 222 2XX 1X1 X22X; Grande Sábado/RDP Centro: 22X X2X 1X2 1X22; Canal Mais/RDP Centro: 22X 2X1 X22 X2XX; Sintonia Desportiva/RDP Centro: 222 2X2 XXX 2XXX; Jornal de Santo Tirso: 222 21X 1X2 1X11; Jornal de Sintra: 222 211 112 112X; A Voz do Domingo: 222 2XX 1X2 X1X1; Voz de Lamego: 222 2X1 X22 1X11; Fim-de--Semana Desportivo/Rádio Guarda: 222 2X1 X21 X1XX; Desporto Regional/Rádio Altitude: 222 X11 112 11X1; Panorama Desportivo/Rádio Guarda: 222 21X 1XX 1X11; Rádio Guarda: 2X1 1X2 XX1 11X1; Pista de Dança/Rádio Altitude: 222 2XX 1X2 X111; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 222 211 X12 1X1X; Penalti/RR Porto: 222 221 122 1121; Cardeal Saraiva: 222 XX2 112 1XX1; Diário de Coimbra: 222 XXX 11X 1XX1; Ecos de Cacia: 222 2X2 11X 11X1; Litoral: 222 2X1 1X2 1XXX; Notícias doi Douro: 222 1XX 112 222X; Notícias de Évora: 222 XX1 1X2 1X2X; Diário do Desporto/RR: 222 22X X12 1X1X; Bola Branca/RR: 222 2XX 1X2 X12X; Desporto/RR: 222 XX1 112 X1X1; Rádio Sports: 22X 221 12X 1111; Voz do Ave: 222 XXX 112 1X21; Gente Gira: 222 XX1 X12 X121; Comércio de Leixões: 222 XX1 112 X12X; De Tudo Um Pouco: 222 X11 111 X12X; Jornal de Gaia: 222 2XX 1X2 1X11; Jornal da Graça: 222 221 222 2222; Jornal de Notícias: 222 X11 1XX 11XX; Jornal a Ordem: 222 2X1 1X2 1121; O Primeiro de Janeiro: 222 211 112 11X1; Quadrante Norte: 222 22X 112 2X1X; Repórter do Dia: 222 211 X12 1111; Resenha Desportiva: 222 2X2 X12 21X1; Alvo Desportivo: 2X2 211 XX2 XXXX; Rádio Alvo: 222 XXX 11X 111X; Alvo: .222 221 XX1 X221; Alvo Suplemento: 222 2XX X11 X1X1; A Voz dos Ridículos: 222 X21 XX2 1XXX.

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Cartaxo-Benfica	0	0	78	1	1	12
2. Oriental-Sporting	1	2	75	1	1	10
3. Naval-Boavista	2	5	71	1	1	10
4. Infesta-Portimonense	2	21	55	1	3	8
5. Silves-Penafiel	20	43	15	3	7	2
6. Torralta-Vizela	45	26	7	7	4	1
7. E. Lagos-Atlético	52	23	3	8	3	1
8. Anadia-Torriense	31	37	10	5	5	2
9. A. Cacém-Covilhã	8	16	54	1	2	9
10. Bétis-Espanhol	41	27	10	6	4	2
11. Ossassuna-Valhadolid	40	27	11	6	4	2
12. R. Sociedade-R. Madrid	12	28	38	2	4	6
13. Santander-Sevilha	39	32	7	6	5	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
222 2X1 1X2 1121

Real Madrid: intoxicação

O treinador do Real Madrid (o holandês Leo Beenhakker), o médico da equipa (Angel Herrador) e os jogadores Agustin, Mino, Vasquez, Juanito, Pardeza, Martos e Gallego foram afectados por uma intoxicação alimentar.

A equipa madrilena encontra-se em estágio em Marbella (estância de Verão situada na Costa del Sol, província de Málaga) a 550 quilómetros da capital espanhola.

De acordo com o médico do Real Madrid (também afectado) os problemas gastrointestinais devem-se a ingestão de ostras. «Por coincidência, quem comeu mais ostras encontra-se afectado», disse Angel Herrador, adiantando que é possível que os jogadores recuperem e possam alinhar domingo frente à Real Sociedad, em jogo do campeonato espanhol.

Xadrez soviético de luto

O grande mestre internacional de xadrez e ex-presidente da Federação Soviética da modalidade Vladimir Alatortsev faleceu em Moscovo. Alatortsev, que foi igualmente árbitro internacional, contava 77 anos e era o mais velho grande mestre soviético.

"Espontâneo" indesejável

Um dos auxiliares do árbitro do encontro de futebol Penha — Beira Mar, disputado em Faro, no campo da Horta da Areia, foi agredido por um «espontâneo» e teve de receber assistência hospitalar.

O jogo a contar para a 11.ª jornada do campeonato distrital da 19.ª divisão da A. F. de Faro decorria normalmente quando, aos 75m, se gerou confusão junto ao «banco» da equipa visitante com o fiscal de linha a ficar bastante maltratado.

João Reis acabou por ser transportado de ambulância para o Hospital de Faro, com suspeita de fractura de uma clavícula, tendo o árbitro suspendido, de imediato, a partida e a PSP detido 2 indivíduos para averiguações.

Esta foi a terceira agressão a árbitros de jogos regionais na área da A. F. de Faro, ocorrida no espaço de 3 semanas.

México: futebol de luto

Óscar Bonfiglio, que foi o primeiro guarda-redes da selecção mexicana de futebol, faleceu vítima de enfarte do miocárdio, no Hospital Militar da Cidade do México. Bonfiglio era membro do exército mexicano, com a patente de general de brigada.

O falecido defendeu a baliza da equipa nacional do México nos Jogos Olímpicos de Amesterdão e era também o guarda-redes da selecção do seu país que participou no primeiro campeonato do mundo de futebol, efectuado em Montevideu, no Uruguai, em 1930.

Voleibol: Espinho derrotado

A equipa de voleibol do Sporting de Espinho perdeu por 3-0, com o Estrela Vermelha, (da Checoslováquia), em encontro da 1.ª «mão» dos quartos-de-final da Taça Confederação, disputado em Brastilava. Os portugueses deram alguma réplica, especialmente no primeiro e no último «set», saindo derrotados pelos parciais de 15-7, 15-0 e 15-9.

A derrota da equipa portuguesa, que atingiu surpreendentemente os quartos-de-final da competição eliminando o Cisneiros (Espanha), e o Sportliga, (Aústria), era já esperada, dado o maior potencial dos checos.

Atletismo: calendário internacional

O 2.º campeonato do mundo de atletismo em pista coberta terá lugar em Budapeste, em Março de 1989 - decidiu o Conselho Directivo da Federação Internacional de Atletismo (IAAF).

A capital húngara foi escolhida em detrimento de Atenas, a outra única candidata à organização do campeonato.

O Conselho Directivo da IAAF concedeu à cidade australiana de Adelaide a organização do 5.º «mundial» feminino de 15 quilómetros em estrada (a disputar em 20 de Março) e escolheu a cidade neo-zelandesa de Auckland para palco do «mundial» de crosse (a realizar a 26 do mesmo mês).

O Conselho voltará a reunir nos dias 26, 27 e 28 de Março, em Roma, para escolher as sedes de outras importantes competições internacionais, entre as quais a da 3.ª Taça do Mundo da Maratona (em 1989), a cuja organização aspiram o Porto e a cidade italiana de Milão.

Em Março serão também analisadas as candidaturas de Belfast, Atenas, Ostende e Aix-Le-Bains (França), que se propõem organizar o mundial de crosse de 1990, e as condições apresentadas por Berlim, Tóquio, Perth (Austrália) e Los Angeles para albergarem o «mundial» de 1991.

Vá lá ou veja pela TV (18 horas)

TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO: BRADESCO-'EUROPEIA'NA FINAL

Notável espectáculo foi ontem rubricado pela turma brasileira do Bradesco, campeã mundial em futebol de salão: no Pavilhão lisboeta da Tapadinha, bateu a formação da Apolo/Timex por 22-1, num festival de arte e beleza, em jogo do torneio internacional promovido pela Associação de Futebol de Salão de Lisboa (em colaboração com a «Europeia» e o Páteo Alfacinha). No outro embate: «Europeia», 3-Páteo Alfacinha, 2. As equipas: Bradesco: Raul Rezende, Jorge E. Pinheiro, Sérgio Guimarães Filho, Silvio S.A.G. Machado, Paulo Amancio, João R.P. Sampaio, Marcos Olenka, Sérgio Coelho, Marcos Simpson, Carlos Alberto Garcia, Paulo Eduardo de Jesus e Paulo A. Almeida.

Apolo/Timex: Renato, Nelinho, Benjamim, Lelo, Eduardo, Costa, Duarte, Camané, Rogério, Hugo, Rui Barroso e Tó Almeida.

Grupo Desportivo «Europeia»: Valente, Nanã, Hélio, Paiva, R. Varela, Filinto, Xana, Jaime, Paulo, Ivo, Sacadura e Toninho.

Páteo Alfacinha: Mano, Adérito, Mendes, Lourinhã, José Eduardo, Silva Santos, Vítor, Sadjá, Sérgio, Mariano, Baptista, Féria, **José Luís**, Luís Matoso e Oliveira.

A rodada **final** processa-se hoje, no **Pavilhão** dos Desportos (Pavilhão **Carlos Lopes**), abrindo, às 18 **horas**, com o embate para o título (Bradesco-«Europeia», que**será** televisionado directamente) seguindo-se o jogo para atribuição do 3.º lugar (Apolo/Timex-Páteo Alfacinha).

Futebol por cá e por lá

Calendário muda

A 4.ª eliminatória da Taça de Portugal terá dois encontros antecipados para as 15 horas de sábado: Silves - Penafiel e Anadia - Torreense. Disputam-se também no sábado, todos às 15 horas, os seguintes jogos do nacional de juvenis: Braga - V. Guimarães, Estação-Feirense, Lusitano - Torralta, Montijo - Casa Pia e Seixal - Farense.

Foram marcados para domingo dois jogos do nacional da 3.ª divisão: Costa de Caparica - Praiense (jogo em atraso) e Ponte da Barca - Vinhais (antecipado da jornada de 25 de Janeiro), ambos às 15 horas.

Reservas lisboetas

Em jogo antecipado da primeira jornada do «Torneio Extraordinário» de Reservas da I/II Divisão da Associação de Futebol de Lisboa, o Benfica venceu o Torreense por 12-0, no Estádio da Luz (campo n.º 2).

Sob a arbitragem de Frederico Miguel, as equipas formaram:

Benfica: Neno; Abel, Kikas, Rui Rodrigues e Gonçalves; Pietra (Luís Mariano, aos 45 m), Kali, Rui Pedro (Valido, aos 62 m) e Resende; César Brito e Marlos.

Torreense: Nelson; Carlos Manuel, Teodoro Bruno e Francisco José; Rui Manuel, Filipe (Roque, aos 60 m), Sérgio (cap) e Vicente; Nogueira (David, aos 70 m) e Varatojo.

Ao intervalo: 7-0. Marcadores: César Brito (9,28 e 68 m), Luís Mariano (12,36 e 56 m), Marlos (22 e 32 m), Pietra (18 m); Resende (62 m), Kikas (78 m) e Abel (81 m).

Elvas vence Amadora

A equipa de futebol de «O Elvas» conquistou a taça «Linhas de Elvas», ao vencer o Estrela da Amadora por 2-0, em encontro disputado no estádio municipal da cidade raiana. Os golos da partida foram marcados pelo brasileiro Cabinho, aos 49 e 83 minutos, respectivamente.

O encontro, integrado no programa das comemorações da Batalha das Linhas de Elvas, foi patrocinado pela Câmara Municipal local e serviu, ainda para a estreia da última aquisição da equipa do Elvas: o britânico Silvester.

«Europeu»: grupo 5

A Grécia venceu Chipre (em Atenas) por 3-1, em jogo do grupo cinco de qualificação para o campeonato europeude futebol.

A classificação do grupo é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Grécia	4	3	0	1	10-6	6
Holanda	3	2	1	0	3-0	5
Polónia	2	1	1	0	2-1	3
Hungria	2	0	0	2	1-3	0
Chipre	3	0	0	3	3-9	0

Jogos disputados neste grupo: Hungria-Holanda, 0-1; Polónia-Grécia, 2-1; Grécia-Hungria,2-1; Holanda-Polónia, 0-0; Chipre-Grécia, 2-4; Chipre-Holanda, 0-2 e Grécia-Chipre, 3-1.

Próximos jogos: 8 Fev. Chipre-Hungria; 25 Mar. Holanda-Grécia; 12 Abr. Polónia-Chipre; 29 Abr. Grécia-Polónia e Holanda-Hungria.

Olímpicos: Itália vence Grécia

A Itália venceu a Grécia por 2-0, no encontro em Olímpicos, disputado em Patras. O avançado Andrea Carnevale apontou os golos da turma transalpina (aos 13 e 85 minutos), tendo os visitantes actuado em inferioridade numérica, a partir dos 60 minutos, por expulsão de Paolo Baldieri.

«Mundial» de Veteranos

O Uruguai derrotou a Alemanha Federal por 2-0 (0-0 ao intervalo), em jogo a contar para o 1.º Campeonato Mundial de Veteranos (Taça Pelé), a decorrer em São Paulo. O encontro foi disputado no Estádio Pacaembu. Os golos do Uruguai foram marcados por Yanez, aos 54 e 60 minutos. A uma jornada do fim do torneio, o Uruguai comanda a classificação (com cinco pontos), seguido do Brasil, Argentina e Alemanha Federal (três) e da Itália, que terminou a competição com dois pontos.

Ténis de mesa: selecções vão treinar

As selecções masculina e feminina portuguesas de ténis de mesa vão realizar três sessões de treinos antes dos jogos ibero-americanos e do campeonato mundial. Os jogos decorrem entre 12 e 15 de Fevereiro (em Sevilha) e, dois dias depois, inicia-se em Nova Deli, prolongando-se até 3 de Março, o Campeonato do Mundo de Ténis de Mesa.

Os atletas convocados para os treinos da selecção masculina são Pedro Miguel, João Portela e Nuno Dias (todos do Sporting), Diamantino Pinto, (do CPN), e Paulo Fernandes, (do Estrela da Amadora). Para a selecção feminina foram chamadas Odete Cardoso e Ana Plácido (Estrela da Amadora), Mónica Salgado (Casa Pia) e Luísa Lopes (Sporting das Caldas).

Os treinos realizam-se nos dias 17 e 31 deste mês e em 7 de Fevereiro: o primeiro e o último nas instalações da Luz e o outro nas de Alvalade.

Microscópio

Halterofilia em debate

A Federação Portuguesa de Halterofilismo reunir-se-á no sábado, nas suas instalações, com todos os clubes nela filiados, por forma a analisar um conjunto de propostas tendentes a introduzir alterações no regulamento de provas e no calendário de competições. No dia 24 terá início a época desportiva desta odalidade, realizando-se o «Torneio de Iniciados», das zonas Norte e Sul.

Fala-se deles

DUDU: voltou para o futebol português e para o Belenenses. Outro brasileiro também está à porta do Restelo: Guima, que já deve participar no «particular» com o Borussia de Berlim, no domingo.

EURICO: firme e categórico insiste com o FC Porto. Se não **o** querem para jogar, que o **dispensem**. Sente-se completamente recuperado mas entende que Artur Jorge não **o** deseja no «team» das Antas.

DAMAS: segundo declara o dr. **Jaime** Cortesão (inquiridor do famigerado «Caso **Saltillo**») o guarda-redes **sportinguista** já recebeu **quatro** convocatórias para de**por** e ainda não apareceu.

EXCLUSIVO

HUMPHREY BOGART (4)

Um ser humano como todos os outros, mas um ídolo como poucos

Ellen Shelton

A carreira artística de Humphrey Bogart teve momentos memoráveis que intercalaram com outros mais fracos e lamentáveis. Bogart também sofreu os inevitáveis anos do declínio, embora no seu caso não tenham sido muitos, devido a ter falecido seis anos após ter obtido — merecidamente — o Oscar pela sua interpretação em A Rainha Africana **em que contracenou com Katherine Hepburn.**

No entanto. Bogart teve o mérito singular de conseguir impor um estilo de interpretação próprio e muito distinto da clássica representação emotiva e vibrante que, no início da década de 40, era tão apreciada pelo público.

Imagem de um homem misterioso e solitário

Bogie foi desenvolvendo ao longo dos seus papéis cinematográficos uma escola sóbria de gestos corporais, a de um tipo frio e cauteloso que, ocasionalmente, revela a sua parte sentimental interiorizada. O actor americano chegou a emocionar os espectadores aparecendo apenas no ecrã, sem falar, fumando um cigarro e deitando um olhar bem mais sugestivo que os seus olhos. Era a imagem de um homem misterioso e solitário, alguém que vive em quartos alugados com apenas uma garrafa de álcool por companhia.

Assim era o ídolo do ecrã, e não muito diferente era o homem real, criado na noite e tendo começado por baixo. Mesmo quando finalmente obteve fama e dinheiro, já estava familiarizado com os problemas existenciais, pois já tinha passado a casa dos quarenta, e essa maturidade permitiu-lhe absorver o êxito com naturalidade, sem a arrogância dos estreantes. Basta que se diga que recebeu o triunfo com certa indiferença. Bogie tinha passado metade da sua vida suportando desenganos e a frustração da vida de actor, pelo que a chegada do êxito não modificou muito as suas opiniões acerca do mundo que o rodeava.

Brigas combinadas

Sendo já uma estrela consagrada, não deixou nunca de praticar golpes sensacionalistas para dar que falar aos jornalistas, os quais sempre manteve à margem. Durante uma festa em Hollywood, os convidados ficaram atónitos ao presenciar a violenta briga entre Bogie e Clifton Webb — um actor da época — intercalando-se insultos, ameaças e empurrões. O que poucos sabiam era que os dois brigões mantinham uma amizade desde há longa data e aquela suposta agressão nada mais era do que um estratagema habitual para fazer sair as festas da modorra em que por vezes caíam. Bogart tinha um acordo similar com Broderick Crawford.

Noutra ocasião, alguém escreveu que Bogie mastigara um copo de cristal, no intuito de demonstrar que era um «duro». Quando lhe pediram para confirmar essa história, o actor comentou enquanto sorria ironicamente, talvez com um mito de tristeza:

«Posso ser um pouco louco, mas creio que o meu desequilíbrio mental não chega a esse ponto. No entanto, não ficaria surpreendido se visse alguém a mastigar vidro. Todos os dias vejo coisas piores que prejudicam muita gente. A diferença, creio, é que nestes casos as acções são consideradas normais e razoáveis.»

Teimoso como um burro

Quando se empenhava nalgo, Bogart tornava-se verdadeiramente intratável, especialmente para aqueles que pretendiam modificar-lhe as ideias fixas. Gostava de jogo perigoso e era teimoso como um burro. Aqueles que o conheciam afirmavam que encarava a vida real como se fosse uma superprodução teatral, em que apenas cessava as suas funções quando ia passear no seu iate, ou quando se reunia com um pequeno círculo de amigos íntimos. Nesta segunda interpretação, longe do palco e das câmaras, Bogart continuava a dar vida à mesma personagem: um marginal com mais inadaptações psicológicas do que sociais.

Em Março de 1956, quando terminou o seu último filme, «Más Dura Será lá Caída», começou também a descer pela última vez o pano da sua vida. Internado num hospital, Bogart foi submetido a uma operação a um cancro no esófago que durou oito horas. Os médicos foram optimistas e asseguraram-lhe que a propagação da doença até à garganta fora atacada a tempo. Porém, desde o primeiro momento que Bogart insistiu para que não lhe ocultassem quaisquer detalhes da sua grave doença. Não tardou muito a saber que não a poderia vencer.

O grande Bogart morria. No entanto, abandonara este mundo sem mais cumes para conquistar nem declarações para fazer que pudessem ter feito modificar a sua imagem perante os historiadores do cinema, e, sobretudo, perante os espectadores de todas as latitudes. Trabalhara em Hollywood desde pouco tempo após o nascimento do filme sonoro,até há época em que o cinema começou a ser eclipsado pela televisão. Conhecera, a nível pessoal e artístico, tantos êxitos e fracassos que teriam derrubado qualquer homem. Foi, em resumo, um ser humano como todos, mas também chegou a ser um ídolo como poucos.

«A Rainha Africana» rendeu-lhe um Oscar

Morreu enquanto dormia às primeiras horas do dia 14 de Janeiro de 1957...

Fim da série

	T. 6 h	Min.	Prec. Às 6 h.
	-2	-2	0,0 Neve
	3	-1	0,0 Saraiva
	0	-1	0,0 Encoberto
	2	0	0,0 Aguac. gran
	–	–	0,0 –
	3	1	0,0 Muito nub.
	9	7	0,0 Encoberto
	–	–	0,0 –
	2	0	0,0 Nevoeiro
	6	6	0,0 Chuvisco
	4	3	0,0 Chuva
	5	3	0,0 Chuva
	8	6	0,0 Neblina
	12	9	0,0 Chuva
	16	16	0,0 Neblina
	15	14	0,0 Pouco nub.

a para hoje: Lisboa 10, Porto 7, ada 18, Funchal 20.

Precipitação em mm

N E

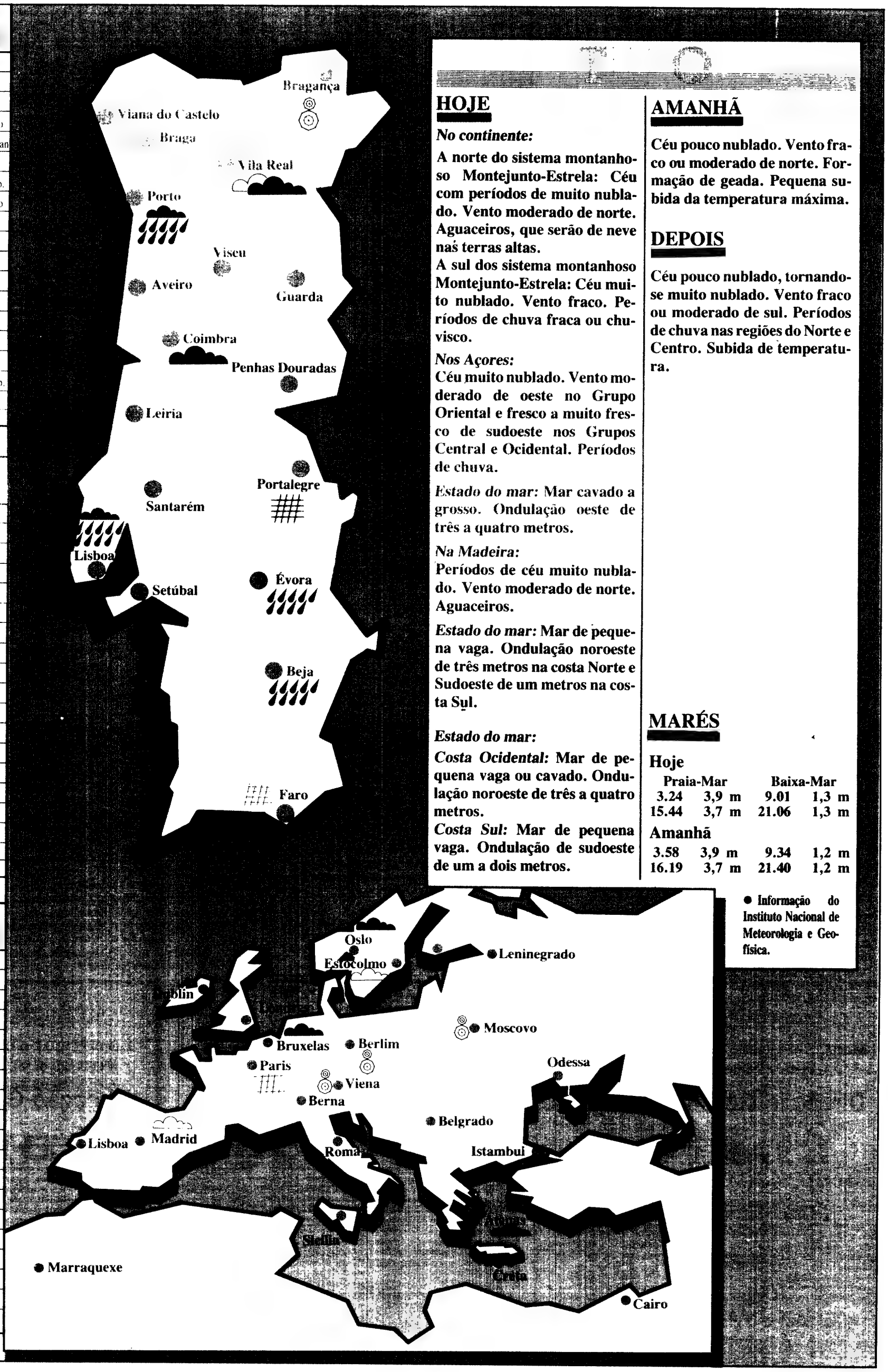
	T. 6 h	Min.	Às 13 h.
	-2	-2	Pouco nub
	2	-4	Bruma
	-11	-12	Neblina
	-13	-13	Muito nub
	-10	-12	Bruma
	-9	-9	Neve
	5	5	Trovoada
	-11	-11	Muito nub.
	-4	-7	Neve
	-14	-14	Pouco nub.
	-17	-17	Temp. neve
	-12	-13	Neve
	-20	-20	Neblina
	13	13	Muito nub.
	-15	-15	Neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

N M

	Min.	Máx.	Às 13 h.
	16	24	Nublado
	17	27	Limpo
Los Angeles	12	18	Limpo
	-5	-2	Nublado
Nova Deli	10	23	Nublado
Nova Iorque	2	6	Nublado
R. de Janeiro	22	36	Limpo
S. Francisco	7	14	Limpo
São Paulo	21	32	Nublado
Tóquio	2	8	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



HOJE

No continente:

A norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela: Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de norte. Aguaceiros, que serão de neve nas terras altas.
A sul dos sistema montanhoso Montejunto-Estrela: Céu muito nublado. Vento fraco. Períodos de chuva fraca ou chuvisco.

Nos Açores:
Céu muito nublado. Vento moderado de oeste no Grupo Oriental e fresco a muito fresco de sudoeste nos Grupos Central e Ocidental. Períodos de chuva.

Estado do mar: **Mar cavado a grosso. Ondulação oeste de três a quatro metros.**

Na Madeira:
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte. Aguaceiros.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de três metros na costa Norte e Sudoeste de um metros na costa Sul.**

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação noroeste de três a quatro metros.**
Costa Sul: **Mar de pequena vaga. Ondulação de sudoeste de um a dois metros.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de norte. Formação de geada. Pequena subida da temperatura máxima.

DEPOIS

Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado. Vento fraco ou moderado de sul. Períodos de chuva nas regiões do Norte e Centro. Subida de temperatura.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
3.24	3,9 m	9.01	1,3 m
15.44	3,7 m	21.06	1,3 m

Amanhã

3.58	3,9 m	9.34	1,2 m
16.19	3,7 m	21.40	1,2 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A partir de hoje na Aula Magna

NUNO DA CÂMARA PEREIRA: O FADO EM LISBOA E PORTO

Dois dias depois de receber o Dis-co de Prata pelas vendas de «Mar Portugês», Nuno da Câmara Pereira inicia hoje, pelas 22 horas, Na Aula Magna da Reitoria uma série de espectáculos em Lisboa e Porto, para a apresentação ao vivo do novo álbum.

Nuno da Câmara Pereira apresenta o seu mais recente álbum, «Mar Português», em Lisboa hoje, amanhã e sábado, pelas 22 horas. Nos dias 23 e 24 o fado vai estar no Porto, no Teatro Rivoli, pela mesma hora.

Nos concertos, organizados pela «Phrase», o fadista é acompanhado por José Maria Nobre Costa, Pedro Veiga e Fontes Rocha nas guitarras, Joel Pina na viola baixo e Jaime Santos na viola.

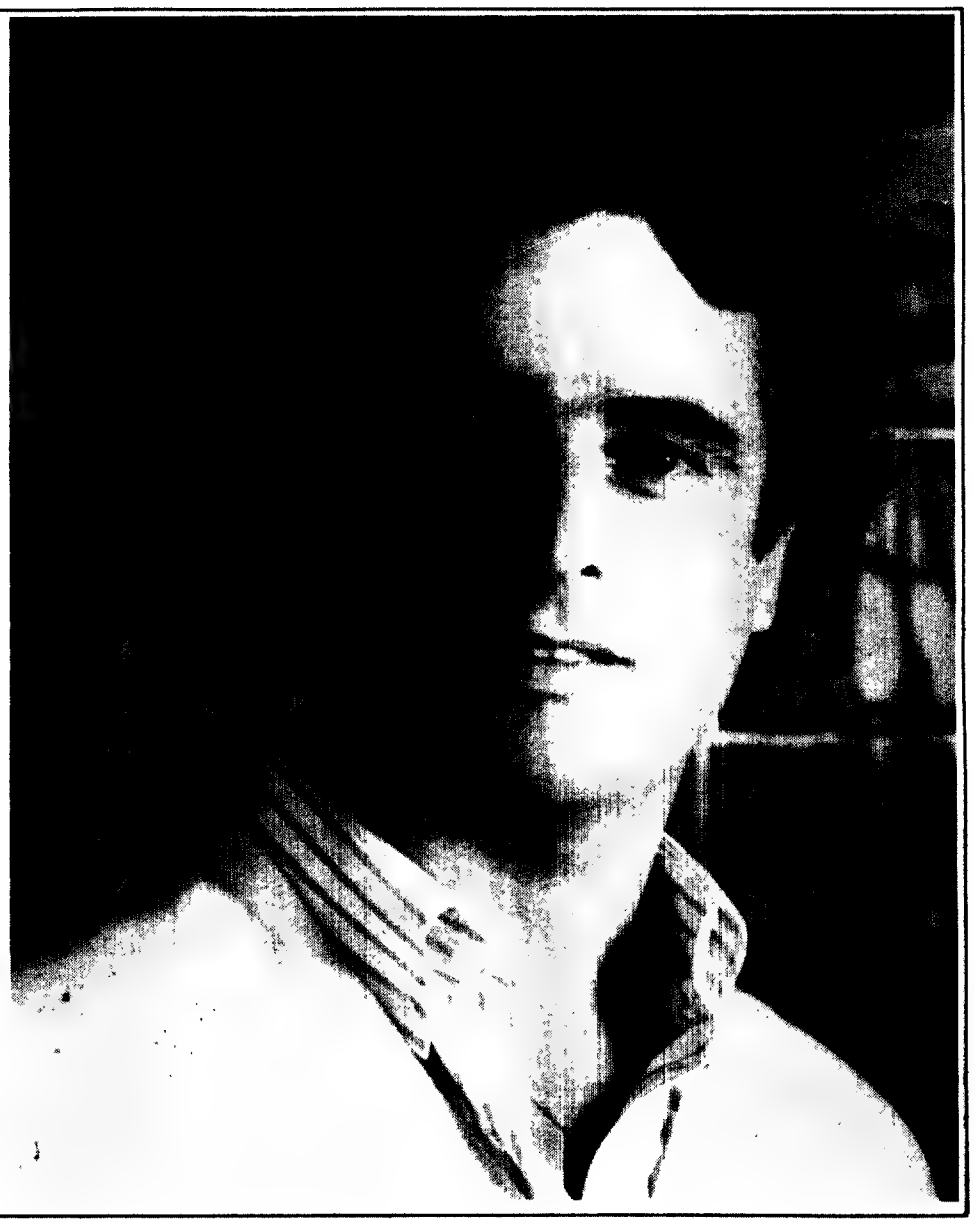
Nuno da Câmara Pereira nasceu em 1951 e pertence a uma família de de fedistas: Frei Hermano, Vicente da Câmara, Teresa tarouca e Maria Teresa de Noronha são seus parentes.

A primeira vez que se apresentou ao vivo foi em 1977, numa festa no Coliseu dos Recreios, contando com as presenças de Rodrigo, Vicente da Câmara, Duo Ouro Negro, Trio Odemira, Henrique Santana e Laura Alves, entre outros.

Em Junho de 1982 grava o seu primiero disco, com o título «Fado». Um ano depois é editado «Sonho Menino».

Nuno da Câmara Pereira conta já com criações conhecidas do público, como «Cavalo Ruço», «Acabou o Arraial», «Sonho Menino». Tem actuado em Espanha, França e Estados Unidos, junto das comunidades portuguesas.

Em Abril de 1985 é editado o álbum «Nuno da Câmara Pereira», realizando-se em Dezembro desse ano um espectáculo na Aula Magna. Novembro de 1986 é o mês da edição de «Mar Português», que inclui canções como «Meu querido, meu velho, meu amigo», «Samaritana» e «Vielas de Alfama», que serão apresentadas ao vivo a partir desta noite.



Sessões culturais nos Açores

O Jornal de Letras e Artes «Signo» vai promover, no âmbito das suas actividades culturais para 1987, uma série de sessões culturais com escritores e poetas dos Açores.

As sessões visam tornar mais conhecidas as respectivas obras, junto dos leitores e público em geral.

Segundo os responsáveis pelo jornal «Signo», grande parte da obra de escritores dos Açores «é desconhecida da maioria dos açorianos, devido a uma má promoção e circulação dos livros».

É fundamental, por isso, «proceder urgentemente a uma forte intervenção cultural em algumas ilhas até junto das populações».

Apesar dos Açores registarem uma forte percentagem editorial em relação ao resto do País, «não se verifica um conhecimento desses mesmos livros».

«Uma das maiores riquezas destas ilhas — afirmam — é precisamente, o nosso património literário, que tem dado valiosos nomes a todo o País, como seja por exemplo, Vitorino Nemésio.»

O primeiro autor objecto dessa divulgação será o escritor açoriano José Martins Garcia, professor de literatura açoriana na Universidade dos Açores.

A sessão cultural dedicada a Martins Garcia, que se realizará já no dia 23, em Ponta Delgada, incidirá, de forma especial, sobre dois livros deste autor: o romance «O Medo» e o livro de poesia «Invocação a um Poeta e Outros Poemas».

Martins Garcia é autor de uma vasta obra que conta já com 20 títulos, constituída por quatro romances (de onde se destaca «Lugar de Massacre» e «A Fome»), cinco livros de contos, três de poesia, dois de teatro e seis de ensaio.

David Mourão-Ferreira classificou José Martins Garcia «como ficcionista de extraordinários recursos, como polemista de temível mordacidade e como ensaísta em que uma sólida preparação humanística serve sempre de suporte às mais inovadoras exegeses».

Martins Garcia tem colaboração dispersa por jornais como «República», «A Capital», «A Luta» e «Jornal Novo», de que foi director-adjunto em 1976.

O autor de «O Medo» é professor na Universidade dos Açores. Leccionou na Faculdade de Letras de Lisboa, foi reitor em Paris e professor no Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown.

Produção cinematográfica: de 63, IPC rejeita 16 pedidos

Dezasseis dos 63 pedidos de assistência financeira à produção cinematográfica 1987 foram rejeitados por não satisfazerem determinados artigos do regulamento, anunciou o Instituto Português de Cinema.

Os proponentes dos projectos rejeitados têm cinco dias para reclamar da decisão.

Do processo geral, respeitante a realizadores não-estreantes, o IPC recusou oito dos 30 pedidos, apresentados por Eduardo Geada (Indiferença), Monique Rutler (Solo de Violino), Herlander Peyroteo (À Madona), Pedro Bandeira Freire (Requiem para D. Quixote), António da Cunha Telles (Setembro é uma Ternura Confusa), Victor Gonçalves (Prata), Leandro Ferreira (A Vertigem) e João Roque (A Criação do Mundo).

Do processo relativo a «primeiras obras» foram rejeitados os projectos apresentados por Luiz Beja, Cristina Hauser, João Sodré, Rita Azevedo Gomes, João Canijo, Lino António, a dupla Joaquim Pinto-Sérgio Rodrigues e João Paulo Dias Lopes.

Segundo o IPC, a verba orçamentada para a assistência financeira à produção cinematográfica em 1987 é de 274 000 contos, 99 750 dos quais destinados ao primeiro plano de produção do ano.

Desses 99 750 contos, 57 000 destinam-se a subsidiar dois filmes do processo geral e os restantes 42 750 a subsidiar duas primeiras obras.

O subsídio máximo a atribuir é de 28 500 e 21 375 contos, respectivamente, no processo geral e nas «primeiras obras».

Entre os realizadores cujos pedidos passaram à fase seguinte do processo figuram João César Monteiro, Luís Galvão Teles, João Mário Grilo, Noémia Delgado, António Lopes Ribeiro, Artur Ramos, António Victorino D'Almeida (que apresentou três projectos), Alfredo Tropa, Rui Simões, José Fonseca e Costa, José Nascimento, Joaquim Leitão, e Fernando Matos Silva.

Rui Alves Costa, João Brehm, Vicente Jorge Silva, Manuel Carvalheiro, Ana Luísa Guimarães, Jorge Paixão da Costa, João Guerra e Miguel Lieberrmann são alguns dos «estreantes» cujos projectos o júri do IPC vai agora examinar, para escolher dois.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Cascais, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/6386, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, de um novo troço aéreo a 10KV da linha mista n.° 1541, com 330 metros, entre os postes n.° 49 e o n.° 51, em Cascais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 6 de Janeiro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Amadora, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/6384, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho da Amadora, de um novo troço da linha aérea mista a 10 KV, n.° 628, com 1545 metros (parte subterrânea com 200 metros, e parte aérea, com 1345 metros), entre o P.S. n.° 5284, e, o poste n.° 9 (antigo n.° 13), sito no Casal de S. Brás.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 6 de Janeiro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.° 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.°, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.° 1/6385, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia e concelho da Amadora, de um novo troço aéreo a 10 KV, da linha mista n.°1748, com 240 metros, entre o poste n.° 1 e n.° 3, no Casal de S. Brás.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 6 de Janeiro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS
Joaquim Gonçalves dos Santos

QUANTO VALE UM TESOURO

Carlos Porto

O Tesouro, de Eça de Queiroz. Versão teatral: Zé Gouveia. Dramaturgia: Emília Amor. Encenação: Geraldo Tuché e Zé Gouveia. Interpretação: Fernando Nóia, Geraldo Tuché e Luís Bernardo. Colaboração: Alberto Oliveira e Rui Paulo da Cruz. Grupo Sete Ofícios. Estreia na Comuna: 10-1-87.

Nas várias ficções — trate-se de um romance, de um conto, de uma peça de teatro — propostas há de que é indispensável conhecer o que parece menos importante, pelo menos numa perspectiva de crítica científica, a história ou diegese do que nos é contado. É que essa história, fábula, mera intriga ou anedota pode conter elementos susceptíveis de enriquecer substancialmente a carga sígnica do texto. Neste caso o conhecimento da história narrada pode ajudar o eventual consumidor da narrativa a entender melhor os vários simulacros propostos pelo autor.

O conhecimento da intriga do conto de Eça, que provavelmente pertence ao fundo das tradições míticas dos povos, é, a meu ver, indispensável para que se entenda o significado do espectáculo do grupo Sete Ofícios em cena na Comuna e que se dirige a todos os públicos. Isto, mesmo correndo o risco de se tratar de uma história conhecida.

«O Tesouro» é linearmente uma metáfora sobre a ambição. Três irmãos com fome, três cavaleiros sem trabalho, partem para a caça. Na floresta encontram uma caixa que presumivelmente contém um tesouro. Logo entre eles a desconfiança se levanta. Resolvem que um deles vá à povoação mais próxima pois, estando cheios de fome, a comida é a primeira porta que se lhes abre do paraíso que antevêem. Paraíso que não querem partilhar com ninguém: por isso só de noite poderão regressar a casa. Fechada a caixa com três chaves, pois só assim um deles aceita abandoná-la, parte este para a cidade. Conspiram os outros dois e decidem matar o irmão no regresso deste. Um deles procede ao crime, mas logo é morto pelo outro irmão quando lavava as mãos do sangue que as manchava. Eis pois o tesouro na posse de um só. Esfomeado, o segundo matador trata de comer e beber as provisões que o outro trouxera, sem ter em consideração o facto de haver apenas duas garrafas de vinho quando eles eram três. Como se calcula, o irmão envenenara o vinho (também ele conspirara, embora só) e o sobrevivente morre. O tesouro lá fica, fechado, com o paraíso, na sua caixa.

Conto modelar, de que Eça fez uma obra-prima, «O Tesouro» permitiu ao grupo Sete Ofícios produzir um espectáculo interessante, pobre nos meios de que se serve mas inventivo em algumas das suas propostas cénicas, como a dos cavaleiros-cavalos, e vice-versa, a bica da água a correr, os bonecos que substituem os mortos. Teria sido possível, porventura, ir mais fundo na análise e na composição das personagens, na tradução corporal dos sentimentos que as animam: a fome, o desespero, a alegria, a ambição, o medo, o sofrimento. A interpretação é talvez excessivamente linear, mais forte experimentada, e clarificadora por parte de Geraldo Tuché, incipiente por parte de Fernando Nóia e de Luís Bernardo.

No entanto, um espectáculo que se recomenda a pequenos e a crescidos. Não apenas pela história que conta, pela lição que encerra, mas também pelo seu próprio teatro.

Madalena Pestana: recital em Cabo Verde

A actriz e declamadora portuguesa Madalena Pestana deu, no Centro Cultural Português da Cidade da Praia, um recital de Poesia, cujo guião foi elaborado pelo embaixador de Portugal e por um ministo cabo-verdiano.

O recital, intitulado «O Rio» e relativo à criação literária em língua portuguesa, abrangeu obras de 27 autores de Portugal e dos países de língua oficial portuguesa.

O guião fora preparado pelo embaixador José Fernandes Fafe, em colaboração com o ministro adjunto para as Finanças, Arnandlo França.

Entre a cerca de uma centena de pessoas que encheram o auditório do centro cultural, encontravam-se o ministro cabo-verdiano da Cultura e Informação e Desportos, Hoper Almada, e o director-geral da Cultura.

Durante cerca de 45 minutos, Madalena Pestana recitou poemas de vários autores, ao som da música de Carlos Paredes, sendo frequentemente aplaudida.

Este foi o segundo recital de Poesia de Madalena Pestana em Cabo Verde, desde que chegou ao arquipélago.

Um dia depois de chegar fez um recital na Ilha do Sal, facto que ocorreu pela primeira vez naquela ilha.

Previsto, igualmente para o Centro Cultural Português na Praia, um recital de «Poesia Mundial», com poemas escolhidos de Neruda, Pessoa, Brecht e Drummond de Andrade, entre outros.

A seguir, Madalena Pestana desloca-se ao interior da Ilha de Santiago, para duas outras acções culturais, em Santa Catarina e em São Jorge dos Órgãos, tendo o embaixador de Portugal na Praia salientado o facto de ser a primeira vez que a cultura chamada «erudita» deixa os centros urbanos e se desloca ao interior rural de Cabo Verde.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA • T. 726 08 10
HOJE 21.30 h
TEXTO DE ROGER VITRAC
M/12 A
"VICTOR" ou as crianças no poder
DOMINGO 17 H
*VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
*TERÇA *QUARTA *E QUINTA
PREÇO UNICO: * 200.00
APOIO - F. GULBENKIAN • A. FRANÇAISE
SUB SEC
BRAZ E BRAZ • SECLA – FAIANÇA • R. COMERCIAL

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.
circular e viver.

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300
UMA PEÇA SOBRE A POLÍCIA, JÁ SE SABE QUE TEM DE SER ENGRAÇADA!
OS POLÍCIAS DE MROŽEK
3.º MÊS
Atenção: Só até dia 31 de Janeiro impreterivelmente
com António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria
3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h
2.ª e 4.ª Feira — Descontos de 50% para jovens e sindicalizados. Descontos para grupos.
DIRECÇÃO: HELDER COSTA
«O diabinho da mão furada» estreia em Março no Teatro Nacional D. Maria II (Sala Experimental)

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16
GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA
DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA «O JUDEU»
ENCENAÇÃO CARLOS AVILEZ
Cenários e Figurinos: HELENA REIS
Música: (adaptação livre da partitura de António Teixeira).
Maestro JORGE MACHADO
Apoio Coreográfico: ÁGUEDA SENA
Com: MANUEL COELHO - IGOR SAMPAIO - JOSÉ JORGE DUARTE - SÃO JOSÉ LAPA - HENRIQUETA MAYA - CATARINA AVELAR - FERNANDA BORSATTI - ANTÓNIO ANJOS - RUY DE CARVALHO - SÉRGIO SILVA - VÍTOR TELES.
ESPECTACULOS NAO ACONSELHAVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA - TEL. 32 22 10
SALA EXPERIMENTAL
SÓ ATÉ DOMINGO
«ODE MARÍTIMA»
Texto de: Álvaro de Campos
Encenação: Maria Germana Tânger
Com: João Grosso
De 3.ª a sábado às 21,45 h
Sábado e domingo às 16.30 h

E O MAU CHEIRO DA MORTE VICTOR, O RISO

A 1 de Novembro de 1926, a N.R.F. publica um manifesto intitulado «Teatro Alfred Jarry». Escrito ao que parece por Antonin Artaud, este artigo asinalou o nascimento de uma nova companhia dirigida por ele e pelo dramaturgo Roger Vitrac. Entre outras declarações de princípio, registe-se esta: «Todos os nossos espectáculos serão para nós uma empresa séria, todo o interese do nosso esforço reside nesse carácter de seriedade. Não é ao espírito nem aos sentidos dos espectadores que nos dirigimos mas a toda a sua exis--tência...»

O Teatro Alfred Jarry estreou a peça de Vitrac, «Victor ou as Crianças no Poder» a 24 de Dezembro (véspera de Natal !) de 1928, numa encenação de Artaud, com Tania Balachova entre outros comediantes.

Essa mesma peça, na estupenda tradução de Fernando Luso Soares, que a Comuna tem em cena, 17 anos depois da sua estreia em Portugal pelas mãos de Luzia Maria Martins. Ao vê-la, já que é de visão obrigatória para quem se interessa pelo teatro, tenhamos em conta que as intermináveis gargalhadas que o espectáculo provoca têm uma contrapartida a que o espectador não pode recusar-se: a do entendimento do que há de sério na história que nos é contada, do facto de que esse espectáculo põe em causa a nossa existência e não apenas o nosso senso de humor. De facto, este texto poderia inscrever-se no Teatro da Morte que Kantor inventou: a doença audível e mal cheirosa que a bela Ida Mortemart procura disfarçar numa pose altiva e poderosamente sentenciosa (palavras de Artaud) é a metáfora dessa morte de que Victor será necessariamente a vítima.

A Comuna, com este espectáculo, repõe o problema do Poder em termos inabituais no nosso teatro. Razões várias e sérias, sem por isso deixarem de ser risonhas, para não perder este espectáculo.

TEATROS

• **N´A Barraca - R. Alexandre Herculano, 70, de terça a sábado às 21,30, sábados e domingos às 16, a peça de Mrozeck «Os Polícias», encenação de Helder Costa, com António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.**

• Na Comuna, «Victor ou as Crianças no Poder», de Roger Vitrac. Encenação de João Mota, com Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Carmen Mendes e Cecília Sousa, entre outros.

• **No Nacional D. Maria II, «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu) com encenação de Carlos Avilez e interpretação de Rui de Carvalho, Igor Sampaio, Fernanda Borsatti, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maya, António Anjos e José João Duarte.**

• **Teatro da Trindade : a Cornucópia tem em cena «A Mulher do Campo» de William Wycherley. Encenação de Luís Miguel Cintra, com Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria.**

Fernando Gomes e Maria Vieira em «Drácula Júnior»

António Pires e Anamar em «Amor de D. Perlimplim»

• **No Teatro Municipal Mirita Casimiro, no Cruzeiro do Estoril, o teatro Experimental de Cascais apresenta «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez e interpretação de João Paulo, Paulo B., Anna Paula, Carlos Freixo, António Marques, Santos Manuel, Fernanda Neves e Luiz Riso, entre outros.**

• No Teatro do Século, às 22 horas, «Memórias de um Corpo» de José Figueiredo Martins, com encenação de Cunha Carvalheira com João Pedro Costa.

• No Maria Matos, «Isto É Maria Vitória», revista de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Com Eugénio Salvador, Delfina Cruz, Nicholson, Marina Mota e Carlos Cunha. Encenação de Ivone Silva.

• No Teatro ABC, a revista «Lisboa, Tejo e Tudo».

• **No Teatro Variedades, «Aqui Há Fantasmas» - uma comédia de Henrique Santana, com Rita Ribeiro, Armando Cortês e Maria Helena Matos**

• **No Teatro Villaret, «Sapateado» com Florbela Queirós, Manuela Maria e Octávio de Matos.**

• **No Teatro 1º Acto, em Algés, «Faça uma Cara Inteligente e Depois Volte ao Normal» de Marcos Rey, pelo Grupo Teatro Espaço 2 do TEC.**

• No Teatro Ibérico, a peça de Calderon de La Barca «A Vida É Sonho», com encenação de Blanco Gil.

• No teatro do Século - R. do Século,41 - estreia hoje da comédia musical «Drácula Júnior», original de Fernando Gomes com música de Zé Carrapa e Sérgio António, com Maria Vieira, Fernando Gomes, Maruga, Pedro Advirta e Fernando Luís no papel de Drácula.

• **No Centro de Arte Moderna (sala polivalente) da Gulbenkian, «Amor de D. Perlimplim com Belisa no seu Jardim» de Garcia Lorca. Encenação de Nuno Carinhas com Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luisa Madureira e Luisa Cruz.**

• Estreia já na próxima sexta-feira, pelas 22 horas, no auditório da Escola de Música Calouste Gukbenkian, a nova produção da CENA - Companhia de Teatro de Braga, «Suppapos, Tacholetas, Pontapés & Cª». Após a estreia, o espectáculo poderá ser visto às quartas, quintas e sextas-feiras, às 22 horas, no Auditório Municipal Galécia (Braga), a partir do dia 21 do corrente.Paralelamente, estará patente ao público no local do espectáculo, uma exposição fotográfica de Rui Prata.

CONFERÊNCIAS

• Na Sociedade Portuguesa de Filosofia (Av. da República, 37-4º) realiza-se amanhã, pelas 18 horas, uma conferência pela professora Catherine Young Silva, do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, com entrada livre. A conferência destina-se a sensibilizar os professores e educadores portugueses para as experiências desenvolvidas no início dos anos 70 por Mattew Lipman, nos Estados Unidos, realizando um trabalho pedagógico pioneiro no âmbito do ensino de Filosofia a crianças.

Hoje na Cinemateca, recordar Edward G. Robinson, na companhia de Marlene Dietrich

MÚSICA

• Esta noite no Hot Clube de Portugal (22,30 e 0,30) concerto de jazz com Ema Navarra (voz), Carlos Azevedo (piano), António Pinto (guitarra), Rui Castro (baixo), Gualdino Barros (bateria) e Quim M´Jojo. Repetição deste espectáculo nos dias 16 e 17 com o mesmo horário.

• **Na Fundação Gulbenkian esta noite, às 21,30, um concerto no Grande Auditório com a Orquestra Gulbenkian sob a direcção do maestro Álvaro Cassuto** tendo como solista o violinista húngaro (naturalizado britânico) Gyorgy Pauk. O mesmo programa, amanhã às 18,30.

• No Loucuras, hoje regressam as «Quintas-Feiras Tranquilas» com António Sala, acompanhado pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, num programa de boleros.

EXPOSIÇÕES

• Na Galeria da R. Capelo, 22, inauguração esta noite, às 21 horas, de uma exposição de Pintura de Manuela Frade.

• Promovida pela Associação Europeia de Professores (secção portuguesa) e patrocionada pela Fundação Gulbenkian, patente uma exposição sobre a «Declaração Universal dos Direitos do Homem», com a colaboração de 30 artistas portugueses, entre os quais figuram Júlio Resende, Rocha de Sousa, Isabel Sousa Ribeiro, Carlos Marques, Gil Teixeira Lopes, Luís Demée, Avelino Rocha, Matilde Marçal, Armando Passos, Mário Bismark, Dourdil, Laranjeira Santos, Rui Paes, Carlos Carrero, Sobral Centeno, Joaquim Machado, Helena san Payo, Domingos Pinho, Manuel Dias e Francisco Laranjo.

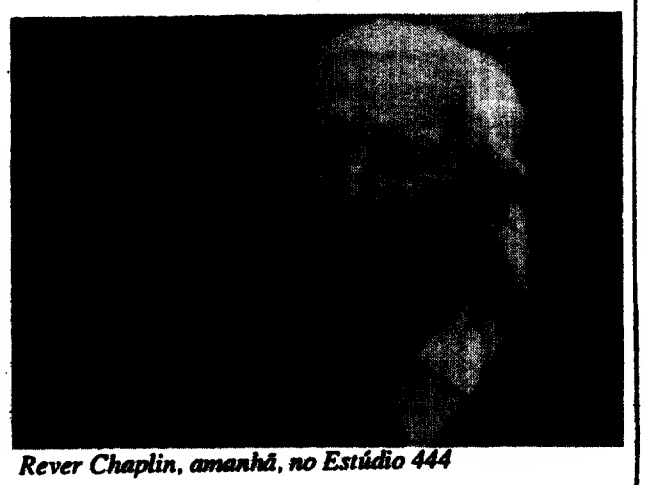
CINEMAS

• No Centro British Council - R. Cecílio de Sousa, 65 - hoje às 18,30 o filme «Billy Liar (1963) de John Sclesinger, com Tom Courtenay, Julie Christie e Helen Fraser. Amanhã, às 16 horas, «The First Great Train Robbery (1978) de Michael Crichton, com San Connery, Donald Sather-land e Lesley-Ann Down.

• Na Cinemateca Portuguesa - R. Barata Salgueiro, 39 - ciclo Centenário de Raoul Walsh com a exibição do filme, às 21,30, «Manpower» , com Edward G. Robinson e Marlene Dietrich.
Também na Cinemateca, hoje às 18,30, «A Fotografia no Cinema Português - Artur Costa Macedo - com «Mulheres da Beira» (1921) de Rino Lupo.

• Amanhã no Estúdio 444, Ciclo Mestre do Riso com «O Barba Azul - Monsieur Verdoux» de Chaplin. Sessão às 18,45.

• No Forum Picoas, continua o ciclo «Três Grandes Actrizes - Marilyn Monroe, Jane Fonda, Vanessa Rdgrave - com o filme «A Casa do Lago», interpretado por Katharine Hepburn, Henry Fonda e Jane Fonda. Sessões às 19 e 22 horas, com repetição amanhã.



Rever Chaplin, amanhã, no Estúdio 444

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
A MISSÃO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa 3
TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
RAN – OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

Amoreiras 2
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(para todos)
14, 16,30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
HOWARD E O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930
PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
AMÉRICA VIOLENTA
(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(para todos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Capitólio
— T. 372358
PROSTITUIÇÃO E DROGA
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VIVA DJANGO
(m. 16 anos)
(24.00 h

Cinebolso
DESFLORAÇÕES II
(Porno)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
ESQUADRÃO DO DRAGÃO
(INT. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
OS AMIGOS DE ALEX
(n. acons. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
O GRANDE GOLPE
(n.acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Austália
DUELO IMORTAL
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
GRANDE HONRA
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
EMMANUELLE 4
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(m. 12 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
ALLIENS — O REENCONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
PRISÃO DE MULHERES
(int men 18 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
OS CARRASCOS NUNCA MORREM!
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
UM HOMEM E UMA MULHER VINTE ANOS DEPOIS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
À VOLTA DA MEIA-NOITE (m. 12 anos)
15.30, 18,30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
HIGHLANDER — DUELO IMORTAL (m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
A DIFÍCIL ARTE DE AMAR (m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(m. 16 anos)
15 e 21 h

Forum Picoas
— T. 541037
A CASA DO LAJO
(n/ac. a m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
ALIENS — O RECONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2
ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Império
OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
ALLIENS – O REENCONTRO FINAL
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Nimas
— T. 574362
LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI
(m. 18 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
O DEBOCHE TOTAL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
NOITES ESCALDANTES
(m. 18 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
EMMANUELLE 4
(int. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
BETTY BLUE – 27.º 2 DE MANHÃ
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
QUERELLE — UM PACTO COM O DIABO
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 2
À VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h
O ESTADO DE GUERRA
24 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4
O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
007 – OPERAÇÃO TENTÁCULO
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
PRISÃO DE MULHERES
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
A RAPARIGA DA FLORESTA
(int. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A MISSÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
E.T. — O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 3
HOWARD O DESTINO DO MUNDO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715
PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
OITO MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
QUE LOUCURA DE MULHER
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666
O CARRO DE COMBATE
(m/12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808
OFICIAL E CAVALHEIRO
(m. 6 anos)
15.30, 18.15 e 21 h

Xenon
T. 368480
AS AVENTURAS DE JACK BURTON
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cineteatro Kalidor – a lenda talismã», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Invasão U.S.A.», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)
AMADORA — Babilónia — «Lembras-te da última noite», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores «Um vagabundo na alta roda», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «A Missão», às 21.30 (m. 12 anos)
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Banana Joe», às 17 e 21.30 h (m. 16 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Betty Blue 37.º e 2 de manhã», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais
ESTORIL — Casino Estoril — «Howard e o destino do mundo», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Jackals, o Mensageiro da Urugance», às 15.30 e 21.00 h (m. 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Conan e os Bárbaros», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (int. 13 anos)
Sala 2 — «Betty Blue — 37.º e a da Manhã), às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Terror na Auto-Estrada», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Aliens — O Reencontro Final», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Um Vagabundo na Alta Roda», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — «O Supersónico da Morte», às 15.30, e 21.30 h (m. 13 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «O Justiceiro de Nova Iorque», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Missão», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Exterminador Implacável», às 16.15 e 21.45 h (m. 16 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Rei David», (porno), às 15 e 21.15 (int. 18 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Novas Iorque fora de horas», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «Top-Gun — Ases Indomáveis», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Nova Iorque fora de horas», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziler, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AREEIRO: Lusitana**, Av. de Roma, 18-A (T. 885443); **AVENIDA D. JOÃO II - CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 10-1-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (T. 7141206); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto Ld.ª**, R. do Alto do Carvalhão, 5 (T. 651721); **JANELAS VERDES: Reis Garrido**, R. das Janelas Verdes, 90 (T. 662327); **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **BAIXA: Americana**, C. de Santana, 1-3 (T. 863984); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral**, R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ESCOLA POLITÉCNICA - SÃO BENTO: São Marçal**, R. de São Marçal, 100--102 (T. 325318); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRAZERES: União**, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643); **REGO: Prates & Mota**, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); 2SALDANHA: Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras, (T. 251993).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo Marques**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340110). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Mira**, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; **AVEIRO: Oudinot**, R. Eng. Oudinot, 28 (T. 23644). Permanente.

DL TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**«, de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Intérpretes: João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**VICTOR — OU AS CRIANÇAS NO PODER**«, de Roger Vitrac. Encenação de João Mota. Intérpretes: Amélia Videira, Alfredo Gonçalves, Almeno Brisos, Carlos Paulo, Carmen Marques, Cecília de Sousa, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10

Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA**«, de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

Teatro D. Maria II — Sala Experimental

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30

«**ODE MARÍTIMA**«, de Álvaro Campos. Encenação de Maria Germana Tânger. Interpretação de João Grosso.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Centro de Arte Moderna — Sala Polivalente

R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s 21. domingo, às 15.00

«**AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM**«, de Garcia Lorca, Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madureira e Luísa Cruz.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**SAPATEADO**«, de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva. Intérpretes: Florbela Queiroz, Octávio de Matos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Magda Cardoso, Luísa Barbosa, Manuela Carlos, Rosa do Canto e Fernanda Oliveira.

Porto — Teatro Experimental

R. do Pinheiro, 4 — Tel. 31 59 94

De 3.ªA SÁBADO, ÀS °«.))

«**CATÁSTROFE OU O MUNDO**«, de Samuel Becket. Encenação de Mário Viegas. Interpretação de Cândido Ferreira, Fernanda Policarpo, José Ferreira, Fernando Sá e Mário Viegas.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20412

De 6.ª a domingo, às 22.00; sábado e domingo, às 15.00

«**A MULHER QUE MATOU OS PEIXES**«, de Clarice Lispector. Encenação de José Caldas. Interpretação de António Fonseca, Teresa Mónica e Raul Maresia.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**OS POLÍCIAS**«, de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**A VIDA É UM SONHO**«, de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**«, de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Intérpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

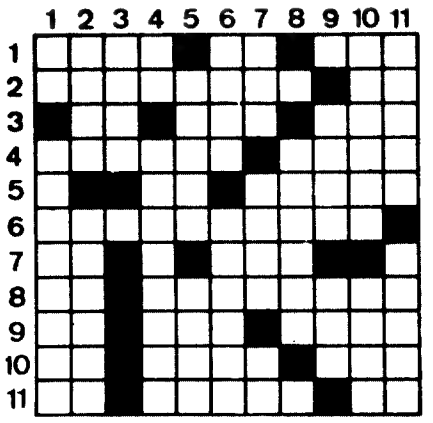
«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 933

HORIZONTAIS:

1 Preposição. Artigo definido. Ave pernalta.
2 Alojeis em tendas. Nota musical (inv).
3 Rio da Rússia. Joeira. Utensílios domésticos.
4 Educara. Espécie de argila.
5 Verso. Estacionam.
6 Apoiados.
7 O mais. Sapo do Amazonas.
8 Aqui. Travara.
9 Grande ribeira da Ásia Russa. Artéria. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
10 Acrescentando uma vogal é Aurora. Transfiro para outro dia. Ave da família dos láridas.
11 Abreviatura de Santíssimo. Pessoa muito parecida com outra. Autores.



VERTICAIS:

1 Utensílio doméstico. Ânimos (fig).
2 Serra de Portugal. Prendemos com elos.
3 Mestre.
4 Antes do meio-dia. Atraíras, chamaras a ti.
5 Imaculados. O essencial, o indispensavel.
6 Vestuário de homem, espécie de meia túnica. Pesais para abater a tara.
7 Fecha as asas para descer mais depressa. Preposição. Interjeição brasileira.
8 Decrépito.
9 Tempo do verbo ser. Transparente. Antiga capital da Birmânia.
10 Deras mios. Mamífero roedor.
11 Deste modo. Apelido.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 932

HORIZONTAIS:

1 AO. DIABO. E.
2 Ana. Ba. Fra.
3 Surrariam.
4 Sinai. Aulas.
5 CC. Mat. Tia.
6 Moab. Cala.
7 Arosa. Fa.
8 Lélia. Ao.
9 Barão. QZ.
10 Efe. Acues.
11 Rosas. Úmero.

VERTICAIS:

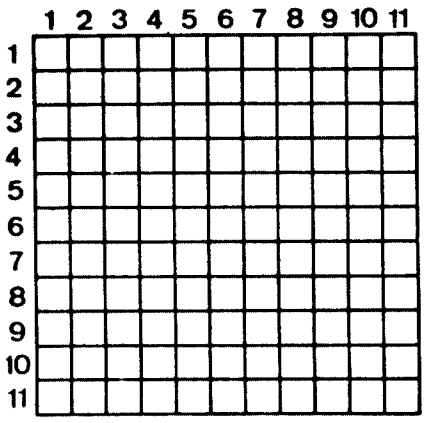
1 À. MULHER.
2 Oásico. Fo.
3 NUNCA. LHES.
4 Dará. Baia.
5 Rim. Raras.
6 Aba. Aço.
7 Baratas. Oaú.
8 Iu. Lãs. Cm.
9 FALTA. QUE.
10 Ermai. FAZER.
11 Sabão. Bo.

PROVÉRBIO: Ao Diabo e à mulher, nunca lhes falta que fazer.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 762

HORIZONTAIS:

1 Ser necessário. Danço.
2 Animal da classe dos acarídeos. Encolerizar.
3 Batráquio. Sopeira.
4 Recusa. Fedor. Vai para fora.
5 Artigo definido (ant). Venera. Reis.
6 Ilha do Pequeno Belt. De madrugada.
7 Grosseiro.
8 Pronome pessoal (pl). Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria.
9 Fluido aeriforme. Falda. Estime.
10 Antes do meio-dia. Toma nota de. Nesse lugar.
11 Quinhão (pop). Que tem muitos anos.



VERTICAIS:

1 Povoação da Síria, considerada como arrabalde de Antióquia. Perder a vista.
2 Era cristã. Fileira. Sacerdote budista.
3 Atravesso. Faldas.
4 Época. Lavras. Antes de Cristo.
5 Letra grega. Adória. Nome de mulher.
6 Boato. Molho com baba.
7 Bário (s.q). Baú. Fruto da ateira.
8 Suspiros. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Prefixo de privação.
9 Enguias. Domestica.
10 Coelho pequeno. Estimas.
11 Verbais. Acredite.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 761

HORIZONTAIS:

1 Achém. Matem.
2 Voa. Aí. Li.
3 Arras. Orçar.
4 Raer. Arva.
5 Armam. Gruas.
6 Olá.
7 Besunta.
8 Ávila. Aires.
9 Boca. Ácis.
10 Ita. Tua. Aro.
11 Aarau. Garoa.

VERTICAIS:

1 Avara. Sabiá.
2 Corara. Vota.
3 Harém. Bicar.
4 Ara. Ela.
5 Mas. Mosa. Tu.
6 Lu. Nu.
7 Mão. Gana. Ag.
8 Airar Tia.
9 Cru. Arcar.
10 Elavas. Eiró.
11 Miras. Assoa.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Solos instrumentais; **17.00**: Integrais; **17.25**ã «A Canção da Terra», de Mahler; **18.40**: Quartetos; **19.40**: Obras, de Bach; **20.40**: Música de tecla; **21.30**: «Um Requiem Alemão», de Brahms; **23.45**: «Velho Romance Norueguês», de Grieg; **00.10**: Sinfonia, n.º 5, em mi menor, op. 64, de Tchaikovski; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; **14.00**: Peça-nos em directo; **15.00**: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

13.00: Encontro para dois; **14.00**: Meia-tarde; **15.00**: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

13.00: Alvo; **14.00**: Espaço musical; **15.00**: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP

18.02 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando

«A Família do Lago», «Feira de Bonecos» e «Calimero»

18.55 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Palavras Cruzadas

4º Episódio: - Margarida, já recomposta, convida o João para tomar um café em sua casa. Luis e Helene conversam sobre os filhos. No dia seguinte, enquanto João recorda Margarida, Luis diz ao filho que precisa da ajuda dele. Filipe diz a Mário que a Companhia continua em averiguações mas que ele gostaria que o caso fosse participado à policia o que agrada a Mário e desagrada a Simão. Este quere conciliar e diz que se encarrega do assunto. Margarida diz a Marta que não pode casar com Francisco pois lhe parece que se apaixonou pelo João desde que o viu, e deixa Marta estupefacta. Helena vai à clinica falar com Daniel para saber se pode confiar em Angelina, mas ele escusa-se dizendo que não a conhece. Paulo desconfia de Simão, quer ficar no escritório. Simão despacha-o e depois recebe Alberto. Helena gasta o dinheiro que ganhou com a venda das joias. Francisco vai visitar Margarida de surpresa e diz-lhe que quer marcar a data do casamento.

20.45 - Europa

Maria Elisa apresenta mais um programa da série «Europa», onde vai estar em foco um balanço do primeiro ano da adesão portuguesa ao Mercado Comum.

21.40 - Telemundo
22.10 - Kane e Abel

6º Episódio: - A amizade que aproximara Richard e Florentyna transforma-se rápidamente em amor. Apesar da oposição dos pais, os dois partem para São Francisco, onde pretendem casar-se e administrar os seus próprios negócios.

Entretanto, a rivalidade entre William Kane e Abel Rosnovski parece ser interminável. O conflito, já de si acerbo, tende a agravar-se com a união das duas famílias.

Realização: Buzz Kulik

23.00 - 24 Horas
23.35 - Remate

RTP 2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Music Box
20.00 - Notícias

«Palavras Cruzadas no 1º canal às 20,05: vai no 4º episódio

20.05 - 5ª Dimensão

68º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas

43º Episódio: - O quotidiano de uma família da classe média norte-americana é o que lhe sugerimos nesta divertida série humorística em que são focados alguns dos mais caricatos aspectos da existência humana.

21.00 - Jornal das Nove

Às 22,10, também no 1º canal, o 6º episódio de Kane e Abel

21.30 - A Quinta do Dois

Carlos Cruz autor e apresentados do programa-concurso onde o diálogo inteligente dá as mãos ao convívio, ao humor, ao gosto participado de estar, ali, no centro do «Europa» a «mexer» (à sua maneira) com um País que o admira e o acompanha, em franja de audiência cada vez mais significatica.

23.15 - E de Ler

23.40 - E de Ler

AMANHÃ

RTP-1

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.55 - Este é o Meu País
21.10 - Tudo é Espectáculo
22.10 - Hitchcock Apresenta
22.45 - 24 Horas
23.15 - Remate

RTP-2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Music Box
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Contraponto
22.30 - O Bravo Soldado Schweick
23.30 - Uma Boa Ideia

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos. **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21). Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Uma criança portuguesa de seis anos, do sexo feminino, tem desde hoje um novo coração, soube-se ao princípio da tarde. A operação realizou-se no Hospital de Santa Cruz, onde chegara na quarta-feira, em estado grave. Segundo o dr. Queiroz e Melo, «teve a sorte de receber em poucas horas o coração de um dador». A criança veio do norte e sofria de uma cardiomiopatia. O seu estado é considerado satisfatório. Trata-se da primeira criança a ser submetida a este tipo de operação em Portugal.

Afinal, Sindicatos e Ordem tinham razão

Policlínicos voltam a Santa Maria como tarefeiros

A maioria dos policlínicos do Hospital de Santa Maria dispensados dos serviços de urgência em consequência do despacho da ministra da Saúde que os desvinculou da Função Pública, deverão ser ali recolocados até ao fim da semana, mas contratados como tarefeiros. Aliás, muitos dos 1700 médicos que por via dessa medida perderam o vínculo à Função Pública, estão a ser chamados para prestarem o mesmo tipo de serviços, através de telegrama.

«É a prova provada da sua indispensabilidade», disse ao «DL» um responsável do Hospital de Santa Maria, pouco depois da reunião promovida no anfiteatro de Patologia Médica, no piso 2, pela maioria dos directores de serviços daquele estabelecimento hospitalar. Dos trinta directores, 26 participaram nos trabalhos convocados pelo Conselho Médico-Científico do HSM, que não reunia, aliás, há seis meses. O prof. Fernando Pádua disse, pouco antes da reunião ao nosso jornal, que a falta de policlínicos na «urgência» de Santa Maria — e de todos os outros hospitais é notória há vários anos, mas que se agravou nos últimos dias por causa do despacho da titular da Saúde.

Os 26 directores de serviço de Santa Maria que integram o Conselho Médico deste hospital avalariaram a situação em que se encontram os bancos de «urgência» do HSM, reprovando a observação feita acerca do binómio camas-médicos, uma vez que as 1400 existentes no estabelecimento não podem ser articuladas com o seu número de médicos. Estes, com efeito, não limitam a sua prestação de serviço aos doentes internados, estendendo-as às 800 «urgências» por dia num dos bancos, a que se somam mais 300 no banco das crianças. Além disso, são ali diariamente feitas milhares de consultas externas e exames especializados, acorredno aí, ainda, mais de mil alunos por dia, dada a condição de Hospital-Faculdade do HSM.

Novo governador para Macau até ao Verão

A presença do Governador de Macau em Lisboa, desde o comeco do corrente mês, e a audiência que ontem teve em Belém, com o Presidente da República, continuam rodeadas de extremo sigilo. Nada transpirou do encontro de uma hora com Mário Soares e desconhece-se, por isso, até quando Pinto Machado estará disposto a continuar em funções, já que a sua demissão, por vontade própria e mesmo do Chefe de Estado, é geralmente considerada como inevitável até ao Verão.

Mário Soares recebeu, logo depois de Pinto Machado, o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, e, segundo apurou o DL, Macau foi tema do encontro.

Na sua edição de hoje, o semanário «Tempo» refere que o Governo português concordou já com a transferência de Macau para a China em 1999, conseguindo, em troca, compensações a nível económico(obras de construção civil) e cultural(um museu e uma escola superior de língua portuguesa). Estas informações teriam sido prestadas por Cavaco na reunião do Conselho de Estado.

Entretanto, a Imprensa macaense tem-se feito eco de desagrado da comunidade chinesa quanto à acção do Governador que, por sua vez, terá começado a aperceber-se de amplas e chorudas negociatas, de âmbito político-financeiro, no território, envolvendo elementos da própria administração.

O acordo que Carlos Monjardino, secretário-adjunto para a Economia, Finanças e Turismo de Macau, negociou com a Sociedade de Turismo e Diversões de Macau, de Stanley Ho, para a exploração dos casinos até ao ano 2005 não é aceite por Pequim que desconfia, igualmente, da criação de uma Fundação, com sede em Paris, com dinheiros provenientes de Macau.

/D/E/C/A/R/A/S/

JOSÉ STALINE, e a sua intervenção na discussão das teses genéticas de Trofime Syssenko, foi recordada no jornal «Pravda», nos primeiros dias de Janeiro, a propósito do 80º aniversário de Nokolai Dubinine, um dos cientistas que cairam em desgraça. Numa entrevista concedida ao «Pravda», Dubinine evoca a «a tristemente célebre sessão da Academia Agrícola da URSS que, em Agosto de 1948, proclamou que a genética era um domínio enganador e metafísico». Dubinine foi reabilitado por Nikita Krutchev e retomou a sua actividade, tendo, segundo a «Pravda», «uma atitude verdadeiranmente científica». As doutrinas de Syssenko, que mereceram o apoio de Staline, têm sido várias vezes denunciadas depois da subida ao poder de Gorbatchev.

MANITAS DE PLATA tem, finalmente datas marcadas para os dois concertos em Portugal, anunciadas há algum tempo, mas que depois foram alvo de adiamento. Assim, aquele que é considerado como um dos grandes especialistas mundiais de flamenco actuará no dia 30 no Pavilhão do Restelo, em Lisboa, e no dia seguinte, no Pavilhão Infante de Sagres, no Porto. Simultaneamente, será lançado em Portugal o último trabalho do famoso «gitano», «Guitares en fête»

ELIZABETH TAYLOR, como se não bastasse ter já o seu nome feito q. b., com as respectivas contrapartidas económico-financeiras, cedeu agora o seu nome para a marca de um novo perfume de senhoras. O novo perfume foi apresentado na sexta-feira, em Nova Iorque e a sua comercialização começa já neste primeiro trimestre de 1987. «Elizabeth Taylor's passion», assim se chama a nova fragrância que foi apresentada como «o último casamento» da actriz. Mas quanto a um novo casamento, de verdade, ela disse: «As coisas entre George e eu estão tão bem assim... por que estragar tudo?».

JOSÉ APOLINÁRIO, secretário-coordenador da Juventude Socialista, criticou, no termo de uma visita aos Açores, «a pouca dinamização de iniciativas como o Cartão Jovem e a ocupação dos tempos livres» e a pouca informação que tem sido fornecida aos jovens agricultores quanto ao acesso ao crédito. Mais crítica, quanto à inexistência nos Açores de uma Direcção Regional de Apoio à Juventude.

CABRITA NETO é o cabeça da única lista que concorre às eleições para a Associação dos Industriais de Hotelaria e Similares do Algarve, a realizar no dia 20. Para além do industrial que actualmente desempenha as funções de governador civil do distrito, figuram nesta lista os nomes de António de Costa Matos, para presidente da Assembleia Geral, e José Inácio Dias, para o Conselho Fiscal. Segundo Cabrita Neto, recandidato, procurou deste modo «refrescar a lista» que subscreve.

JÚLIO POMAR é o autor das obras que a Fundação Calouste Gulbenkian mostra ao público a partir do dia 19, às 18 e 30, nas suas Galerias de Exposições Temporárias. Esta exposição, que abrange um conjunto de 83 peças, entre as quais óleos sobre cartão e sobre tela, lápis sobre papel, colagem, pintura acrílica sobre tela, lápis gordo sobre papel, etc., constitui uma reposição das ezposições feitas em Brasília e em S. Paulo, entre Outubro e Dezembro do ano passado. O êxito alcançado justifica a presente iniciativa.

Faltam enfermeiros nos hospitais

Continuação da pág. 1

Um dos exemplos fornecidos pela estrutura sindical foi o da abertura dos SAP's, com o mesmo pessoal de enfermagem que existia nos serviços. Só que, segundo informam, «tal imposição provocou a total desarticulação dos cuidados de enfermagem e não evitou a afluência às urgências dos hospitais».

Manifestando-se favorável, por «necessária e urgente», à abertura de novos hospitais, o sindicato afirma que, na área urbana de Lisboa, «eles só podem corresponder aos objectivos se tiverem o pessoal de enfermagem 24 horas por dia».

Mas, segundo este ponto de vista, o que se verifica actualmente, é que os enfermeiros existentes não bastam para as necessidades, tanto em Lisboa como a nível do país. Daí que seja ponto de vista de alguns profissionais que os novos hospitais poderão abrir sem pessoal de enfermagem.

Segundo o Sindicato, os quadros actuais estão desajustados, muitos estão por preencher, alguns enfermeiros estão em regime de tarefa para poderem assegurar a permanência de 24 horas nas instituições.

A estranheza sindical assenta no facto de não ter sido anunciado como vai ser assegurado o número de enfermeiros necessário para o funcionamento de novos hospitais em Lisboa, nem sequer foi anunciada que política de enfermeiros será incrementada para colmatar as carências existentes.

Além disso, não foi concretizada qualquer alteração à política de admissão de pessoal ou seja a abolição do regime de tarefa.

Amaral pensa não remodelar

A presidência do Executivo açoriano desmentiu ontem que esteja em preparação uma remodelação governamental.

Em nota distribuída pelo gabinete de Mota Amaral afirma-se que o «presidente do Governo Regional dos Açores não está a preparar qualquer remodelação do Executivo açoriano». O líder desmente deste modo notícias divulgadas por um jornal de Ponta Delgada, segundo as quais Mota Amaral se preparava para proceder a uma remodelação do seu Governo.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA» SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/ 32 02 72. TELEX: 12363

Clip

Dacosta no «Copo de Três»

Fernando Dacosta, autor de «O Viúvo», está esta noite no «Copo de Três», à Praça das Flores, para apresentar, a partir das 22 horas, a edição do seu romance na Dom Quixote. «O Viúvo» parece estar a sobreviver — juntamente com «Um Amor Feliz», de David Mourão-Ferreira, a «Jangada de Pedra» de José Saramago, «Crónicas Algarvias» de Manuel da Fonseca e «Sara» de Olga Gonçalves à ressaca de Janeiro, continuando a vender-se em bom ritmo. Sessão de autógrafos juntamente com a apresentação do livro.

«A Phalla», da Assírio

Mais um número de «A Phalla», o pequeno desdobrável que a Assírio e Alvim publica, com esmero, periodicamente. Desta vez, comporta perguntas a António Franco Alexandre, autor de **Moradas I e II,** a sair brevemente, um inédito de Ruy Cinatti, «O Dever», depoimentos de crianças sobre os ciganos, a propósito da saída de «Os Filhos da Estrada e do Vento», uma apresentação de Louis Ferdinand Céline, no momento do lançamento de «Morte a Crédito», traduzido por Luiza Neto Jorge, e outros temas relacionados com a actividade editorial da **Assírio.**

De Moravia a Freitas Branco

As novidades de Janeiro da Dom Quixote são as seguintes: na Biblioteca de Bolso, **A Morte é um Acto Solitário,** de Ray Bradbury; na colecção Ficção Universal, **O Homem que Olha,** de Alberto Moravia, traduzido por Miguel Serras Pereira; na colecção Ficções e Cia., **Os Gémeos Rivais,** de Robert Ludlum; na colecção Portugal de Perto, **Camponeses da Madeira,** de J. Freitas Branco. E não se fica por aqui...

Um americano chamado Vladimir

E se um dos maiores escritores americanos deste século tivesse nascido numa família aristocrática na velha São Petersburgo dos czares? Nove anos após a sua morte, o prestígio de Vladimir Nabokov e o interesse pela sua obra não têm parado de aumentar, dentro e fora da sua pátria adoptiva. Entre nós, a Europa-América publicou há alguns anos **Lolita** *e* **Ada**, *e cabe agora à Difel publicar a sua autobiografia,* **Na Outra Margem da Memória**. *Para arrumar na estante ao lado de Joyce,* ***Proust e Borges*** *— na prateleira dos escritores que a Academia Sueca deixou morrer sem* ***nobelizar***.

José F. Lourido

MARX teria visto em Flaubert um burguês no sentido político-económico do termo e Flaubert teria visto em Marx um burguês no sentido espiritual do termo.

Não obstante a afirmação acima, o ano de 86, talvez reflectindo o degelo gobarcheviano, viu os responsáveis soviéticos finalmente dispostos a editar Nabokov no seu país natal. «O único grande escritor russo contemporâneo a produzir a sua obra no exterior da União Soviética», segundo afirmaram. A realidade, pelo contrário, parece demonstrar que os grandes escritores soviéticos deste século produziram no exílio ou a ele foram posteriormente obrigados (e, neste caso, a excepção à regra será possivelmente Cholokov). Poucos países se podem orgulhar de uma tão rica tradição literária. Mas como se chamam os sucessores actuais de Tolstoi e Tchekov, de Turgueniev e Gogol, de Puhskin e Dostoievski (embora Nabokov fosse impiedoso para com o sentimentalismo deste último)? Talvez não se chamem Zinoviev, nem Dombrovski, nem Siniavski. Mas quem for capaz de abstrair das suas por vezes aberrantes posições políticas é forçado a constatar que o único escritor soviético vivo seguramente capaz de ombrear com os clássicos novecentistas é essa figura emblemática de dissidente chamada Soljenitzyn.

Nabokov, contudo, nunca se dedicou à actividade política, ficando assim privado da ambígua popularidade que o estatuto de opositor ao regime soviético lhe poderia ter granjeado. Embora a revolução bolchevique o tenha privado de uma fortuna pessoal que equivaleria hoje a largas centenas de milhares de contos, nunca escondeu o seu desprezo pelos núcleos revanchistas de russos brancos expropriados que proliferavam pela Europa na década de 20: *a nostalgia que tenho alimentado todos estes anos é a sensação hipertrofiada de uma infância perdida, sem nada de lamento pelas contas bancárias que perdi*. Mas se o ferozmente individualista Nabokov nunca teorizou o seu profundo antagonismo ao leninismo, foi fortemente crítico em relação aos seus produtos e subprodutos literários.

O realismo socialista produziu *uma literatura convencionalmente burguesa pelo seu estilo e irremediavelmente monótona pela sua interpretação desta ou daquela ideia governamental*. Nabokov salientou que os revolucionários em política eram frequentemente conservadores em estética. E a primeira imagem que podemos formar deste escritor que defendia abertamente a arte pela arte é precisamente a oposta.

★★★

Vladimir Vladimirovitch Nabokov nasceu na actual Leninegrado no dia em que se comemorava o 335.º aniversário do nascimento de Shakespeare. Viveu na Rússia até aos vinte anos — altura em que a revolução força a sua família a exilar-se — na Inglaterra até aos vinte e quatro — enquanto frequenta a Universidade de Cambridge — na Alemanha até aos trinta e oito e na França até aos quarenta e um — de ambas escapando ao nazismo — nos Estados Unidos até aos sessenta e um — quando o sucesso comercial de *Lolita*, posteriormente ampliado pelo filme de Kubrick, lhe permite abandonar o ensino — e na Suíça até à sua morte em 1977, aos setenta e oito anos.

«O exílio alarga os horizontes e cura o provincianismo», escreveu Limonov, um outro russo emigrado. Expatriado e cosmopolita, desenraizado e poliglota, Nabokov converte-se em cidadão supranacional da nossa aldeia global, escrevendo a sua obra em russo, inglês e, embora marginalmente, em francês. Daí que o crítico francês Gilles Barbedette — escrevendo sobre Nabokov no número de Setembro do «Magazine Littéraire» que lhe foi dedicado — o insira simultaneamente em três tradições literárias: anglo-americano pelo humor, francês pelo lirismo, russo no gosto pelo grotesco. Acrescente-se que é francês no gosto pela elegância da redacção e anglo-americano na consciência assumida de que a literatura é sempre uma forma de diálogo e, consequentemente, é sempre escrita em função de um leitor a quem é dirigida. Mas são influências que Nabokov perfilha ou renega a seu bel-prazer, pois está ausente o sentido trágico russo, a inclinação gaulesa para a integração em escolas literárias e os seus por vezes estéreis formalismos, assim como ausente está a vertente realista dominante no romance americano. *A literatura não nasceu no dia em que um rapazinho gritando Lobo! lobo! saiu correndo de um vale neanderlandês com um grande lobo cinzento nos calcanhares: a literatura nasceu no dia em que um rapazinho gritou Lobo! lobo! quando não havia nenhum lobo atrás de si*.

Nabokov era um adversário do realismo e com boa justificação para isso: os próprios dados que a Natureza nos fornece são enganadores. E já que a Natureza troca incessantemente as voltas ao homem de ciência, também o escritor, demiurgo com poder absoluto para jogar com o espaço, o tempo e o destino das personagens, tem autoridade para manipular o leitor. E como, por outro lado, «há mais coisas no céu e na terra do que cabem em qualquer filosofia», Nabokov é avesso a toda e qualquer interpretação — cujos excessos satirizou grotescamente em *Palefire* — e as suas análises literárias não reflectem nem propõem nenhuma teoria da literatura. Admite ser possível analisar o estilo e a estrutura de uma obra literária, mas apenas na medida em que isso nos permite deslindar o gigantesco «truque de prestidigitação» em que consiste. O etéreo universo ficcional não tem significado nem nenhum se lhe deve procurar; começa na primeira página do livro, acaba na última, e se sobrevive para além desta é apenas pela sua capacidade de encantar o leitor como os contos de fadas encantam (ou encantavam) as crianças. Este lúdico prazer da escrita que anima a obra de Nabokov deixou traços no romance americano, do neomodernista Kohn Barth a Thomas Pynchon, que foi seu aluno em Cornell. Intransigente e pouco ortodoxo, é difícil concordar plenamente com os juízos de valor (quem está disposto aadmitir que a obra de um Dostoievski, de um Thomas Mann ou de um Hemingway é maioritariamente medíocre?). Mas quem ler, por exemplo, as suas *Lectures on literature*, compilando os textos dos seus cursos na Universidade de Cornell, não pode negar o imenso amor pela literatura que lhes está subjacente e a preocupação em a defender de todas as leituras redutoras.

**

Bozhe moy, vsyo eto dalyokoe, svetloe, miloe. Na outra margem da memória abrange os anos russos e de exílio europeu. São os primeiros os mais importantes, exibindo aquela dorida nostalgia de um paraíso perdido que se parece ter convertido num sentimento especificamente russo — *Meu Deus, para onde foram essas coisas distantes, luminosas, que souberam fazer-se tão queridas* — deixando o leitor ocidental interrogando-se sobre quão vigorosa e insidiosa deve ser a cultura russa para produzir tão perene impressão na memória dos que nela foram criados.

Alguém escreveu um dia que uma das características dos grandes romancistas era a sua capacidade para bulirem com a nossa memória a ponto de nos fazerem recordar um passado que nunca vivemos. E esta autobiografia — que, segundo o preceito de Nabokov de que o escritor procede a um corte radical entre a memória (sobre que a imaginação trabalha) e o universo ficcional, toma algumas liberdades romanescas — tem algo do charme melancólico do folhear daqueles velhos álbuns de família a que o tempo pontilhou as folhas de mosquitos castanhos de humidade e de onde

Continua na pág. 4

Hermann Broch, um dossier

Págs. 6 e 7

Concluída a publicação de «Um é Outros» pelo LerEscrever

Quem é Jrupe Emigrilian

Pág. 5

Poetas de hoje e edições paraescolares

UMA editora de Lisboa, a Comunicação, publicou mais ou menos recentemente uma antologia de **Poemas de António Ramos Rosa.** É este o título do volume n.º 44 da sua colecção Textos Literários. António Ramos Rosa é o segundo poeta português vivo a figurar nesta colecção. O primeiro foi Eugénio de Andrade. Mas na colecção já saíram antologias de autores que, não pertencendo ao número dos vivos na altura em que saíram as respectivas antologias, são ainda, pode-se dizer, nossos contemporâneos. Estão no caso Carlos de Oliveira e Vitorino Nemésio. Saiu também uma antologia de Afonso Duarte, e anuncia-se outra, esta de José Régio.

Nestes dois casos talvez não se possa dizer, sem hesitação, hoje e no domínio de referências, preocupações e interesses que nos situam, — que se trata de autores nossos contemporâneos. De qualquer forma, estão-nos muito próximos, e não se pode dizer que se trata de autores do passado. Mais recentemente, e a pretexto do cinquentenário da morte do poeta, saiu uma série de quatro antologias de Pessoa. Este caso seria absurda estultícia pô-lo aqui minimamente em questão.

Em regra, autores e obras, têm contemporaneidade viva e prática pelo menos enquanto estiver viva e activa parte das gerações de que fizeram parte. Pessoa é um caso supratutelar. Régio e Afonso Duarte, tanto um como outro são ainda, em muito, presenças vivas na cena poética portuguesa deste tempo que estamos a passar.

Mas não é disto que se trata, e sim da colecção Textos Literários da Comunicação. O público escolar conhece-a, que é a tal público que ela fundamentalmente se destina. A colecção é dirigida por Maria Alzira Seixo, o que é, desde logo, uma garantia de rigor e qualidade. E realizam-na (na selecção dos textos, na apresentação crítica, em todo o aparato que aparece sempre nestas edições) docentes da Faculdade de Letras de Lisboa, salvo uma ou outra excepção. O que reforça a ideia de rigor e qualidade de critérios e aplicações, — embora a predominância de Lisboa possa considerar-se excessiva e injusta para Coimbra e Porto, pelo menos; (mas não esqueçamos a Editorial Comunicação é de Lisboa, o que será suficiente para explicar).

Um registo mais pormenorizado sobre alguns dos títulos mais recentes poderá fazer-se noutra altura. Aqui deve notar-se, desde já, que são excelentes os trabalhos feitos por Cristina Almeida Ribeiro com Ramos Rosa, Fátima Morna com Jorge de Sena, Manuel Gusmão com Carlos de Oliveira, Paula Morão com Eugénio de Andrade e Madalena Gonçalves com Vitorino Nemésio e Afonso Duarte, — para referirmos apenas poetas vivos — ou já não, mas, de qualquer modo, mais ou menos nossos contemporâneos.

É assunto interessante este de poetas portugueses vivos ou contemporâneos em antologias para uso escolar. Até aqui há uns vinte anos, ou dez, seria tudo excepto prática corrente. Há muito que existem colecções de antologias (ou mesmo de textos integrais) destinados fundamentalmente às escolas. Nos anos 40 e 50, e ainda 60, tiveram vasta difusão, entre outros, os livros da Editorial Domingos Barreira, do Porto, da Atlântida, de Coimbra, da Clássica, da Verbo, e principalmente da Seara Nova, de Lisboa, que terá sido esta a mais credenciada, pela direcção de Rodrigues Lapa, desde logo. De todas elas haverá ainda títulos diversos em exemplares sobrantes em algumas livrarias.

O aparato não estará muito actualizado em análises, interpretações, processos, e sobretudo metodologia. Em compensação, haverá um vasto manancial de informação — biografias, bibliografias, etc. — a ter sempre em conta. De resto, muitos dos responsáveis por tais edições (Rodrigues Lapa, Agostinho da Silva, Jacinto do Prado Coelho, etc.) são referências de vulto ainda nos actuais estudos literários em Portugal.

Os Textos Literários da Editorial Comunicação são herdeiros, de algum modo, desta colecção da Seara, mas, esperavelmente (e desejavelmente), têm vindo a apresentar trabalho muito mais elaborado e amplo: já não é somente a breve introdução histórico-crítica (situando textos e autores no movimento literário) e as necessárias anotações. Passou a ser, aquém dos textos seleccionados; a apresentação crítica e aquilo a que se chama «linhas de leitura».

Processos de elaboração variam de caso para caso, consoante quem trata do caso, — mas quase sempre a chamada apresentação crítica é um trabalho muito amplo, abrangendo da biografia ou cronologia até às bibliografias. Não raro há uma minúcia que quase se diria excessiva, — e aí estão extensos ensaios de crítica histórico-literária que engrossam o volume e elevam o preço de capa, —mas, também, não raro, passam a ser bibliografia indispensável para os estudos literários.

Quanto às linhas de leitura, falta-nos experiência pedagógica para avaliarmos o alcance que possam ter. Dum ponto de vista de leitor, somente, pode-se talvez dizer que, por vezes, não vemos premência maior na proposta de linhas (ou sugestões) de leitura. Quase sempre, porém, tais linhas ou sugestões nos parecem perfeitamente pertinentes, e constituindo portanto importantes pistas para uma leitura ajustada, adequada, a conveniente e necessariamente produtiva.

E isto no que respeita tanto a clássicos (acepção histórica) como a contemporâneos, ou mesmo a vivos. Tanto nuns casos como noutros, — mais embora nos primeiros do que nos segundos —, a bibliografia passiva de síntese, antes de mais, a seguir, de superação, — através da instauração duma perspectiva crítica nova, quer dizer, diferente, original. Em alguns casos, este desiderato tem sido mais do que conseguido, — e um desses casos já aqui o referimos em tempos: trata-se do trabalho de Miguel Tamen para a poesia do Abade de Jazente. Noutros casos, tal desiderato não terá sido (pelo menos tão notavelmente conseguido), mas impõe-se sempre a ideia de que se trata de trabalho bem feito.

O contributo enriquecedor destes textos para os estudos literários actuais, eis o que parece desnecessário enaltecer. Mas poderá passar despercebida esta novidade dos contemporâneos e até dos vivos propondo-se num plano de igualdade em relação aos clássicos.

Para um ponto de vista hoje felizmente dominante nestas questões, os estudos literários devem começar pela actualidade, pela contemporaneidade, — e esta alteração dos últimos anos é decisiva e vem instaurando uma fase ou um processo irreversível. Só parece de desejar que outros vivos ou contemporâneos apareçam numa colecção como esta. Não citaremos nomes. Mas a poesia portuguesa actual (acepção que abarque vivos e contemporâneos) é certamente um referencial muito mais numeroso do que os quatro, cinco ou seis nomes que já aqui estão.

Luís de Miranda Rocha

Lua de sangue, Maria Ondina Braga Rolim

É um conjunto de três novelas de gosto algo duvidoso (as duas últimas) numa autora que nos habituou a um contar onde a palavra elegantemente nos comunica e desvenda sentidos cosmos. Penso: «A Estação Morta», «A Revolta das Palavras», «Angústia em Pequim» e outras tantas obras de autoria de Maria Ondina Braga. Entre elas uma que não nomeio («Casa Suspensa») por ser o texto de minha eleição sempre que reflicto as jóias literárias desta escritora.

Bom. De «Lua de Sangue», que tem uma não sugestiva capa de Graça Martins, se me impõe falar...E, portanto, comecemos pelo fim deste livro. Refiro a novela «Lua de Sangue», que lhe dá título.

Ao lê-la fica-se com a sensação de que a qualidade discursiva deu lugar a um pseudo-enredo em que as relações mulher (a criada Maria)/mulher (a patroa Inês)e as relações mulher(Maria e Inês)/homem(Abílio e Heitor)nos soam forçadas. Sem aquela naturalidade inerente a uma escrita clara e comunicativa. E de tal modo este artefacto palavroso é exibido que nos vemos atónitos perante reflexões como «O juízo é uma moeda que os fados jogam na lagoa funda da existência. Maciça, a moeda, ali mergulha, ali permanece para a eternidade. Peixes, no entanto, que vivem no lago, se alimentam de lodo. Peixes achatados com dois olhos numa só face. Se calha, pois, de a moeda...Se calha de os peixes a engolirem...A alma das criaturas, a moeda, e os peixes...Que lhe parece que são os peixes, Maria?» ou: «Devido a não lhe vir o sangue. Que será santo Deus? Não queria crer. O sangue sempre fiel no anel da Lua.» Atónitos pelo esóterico e não penetrável ensaio presente no primeiro texto e pela banalidade imaginativa do segundo. No fundo, ao ler-se «Lua e Sangue» espera-se que a Lua ganhe uma outra dimensão na trama romanesca. Que seja o seu centro dinamizador. Ao contrário, a Lua é encarada no lugar comum da medicina (ler a página 45) que se debruça sobre o feminino. Mas deixemos esa

novela que, em linhas gerais, nos fala de uma «up-air girl» regressada a uma casa (a do avô) onde a fascina a empregada doméstica (Maria), que quer colocar em prosa. Escreve bem Inês e por que não ensaiar a sua vocação com a literária apreeensão de Maria? E passemos à segunda novela do livro. Isto é: à «A Flor do Heliotrópio». Desta direi que é um confuso discurso onde as mutações (ler as páginas 100 e 101) aparecem tão desgarradas quanto a estória de Helga. Contudo, nesta novela, se recuperam certos fulgurantes momentos tão típicos de outros livros de Maria Ondina Braga. Passo a citar: «Que isto das paixões é como a nódoa da romã, sai um ano depois, quando a romanzeira torna a florescer.«Ou:» A sua vida coo certos estios que se arrastam Outubro dentro, as folhas das árvores transparentes de secas, o pó estorricado das estevas.»

Novela conseguida é, sem dúvida, «O Gato». E digo isto atendendo à sua forma e conteúdo. Quanto à primeira, assiste-se a uma clareza palavrosa que nos arrebata ao mesmo tempo que em irónico e dorido sorriso se nos desenha nos lábios. Quanto ao segundo, entusiasma-nos o realismo dos seus personagens. Como se fossem alguns dos nossos colegas deste palco em que somos sempre derrotados por situações ditadas por satânicas forças. Aqui a vítima é Balbina e o seu marido, os fracassados heróis da trama novelística.

Nesta novela há cintilantes momentos (a descrição da trovoada nas páginas 62 63), precisamente aqueles em que a autora é fiel à sua habitual forma de recriar o real pela ficção.Leiam-se as páginas 30 e 31, o primeiro parágrafo da página 26...

Nas páginas recomendadas, sente-se a dorida humanidade presente noutros livros de Maria Ondina Braga. Mais: o extravasar de um humor satírico muito refrescante. Perfeitamente enquadrado no afirmar: DOR. Dor de ser mulher (sempre) e homem.

Enfim.Um livro a ler com certa reserva é «A Lua de Sangue» de Maria Ondina Braga. E justifica a sua compra a primeira novela, digo desapontada. Consciente de que este livro não passará à posteridade como o dos melhores concebidos pela autora.

Ana Paula Portugal

«Memória de Hibakusha», Antero de Alda AJHLP

SOBRE a secretária do meu trabalho diário, eis-me surge «Memória de Hibakusha e Outros Poemas», de Antero de Alda, primeiro volume (lê-se em nota oportuna) da colecção Liberdade Livre da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

Um pouco de filologia para que bem se compreenda o livro agora entre as minhas mãos. Diga-se, pois, que **hibakusha** foi o nome que receberam os sobreviventes da bomba de Hiroshima em 1945, assim registados para melhor se distinguirem das gerações seguintes. (É também uma nota oportunamente inserta que me leva a esta leve consideração filológica. O seu a seu dono, pois...)

Uma breve epígrafe nos introduz na leitura (por assim dizer fragmentada) da escrita de Antero de Alda, epígrafe essa que reza assim: «(...) com gail lim me correspondo/ será ela descendente de um hibakusha?».

Acontece, porém, que há sempre um símbolo que serve de mediador entre o nada (o zero) e a existência (o 1 e seus múltiplos), pelo que, a páginas tantas, nos surge Margarida. E Antero de Alda concretiza então um discurso poético em que o quotidiano irrompe nas palavras aparentemente simples que sempre são o perfil do homem, mesmo quando tenha por fundo todo o descalabro de Hiroshima. Ora que palavras...?

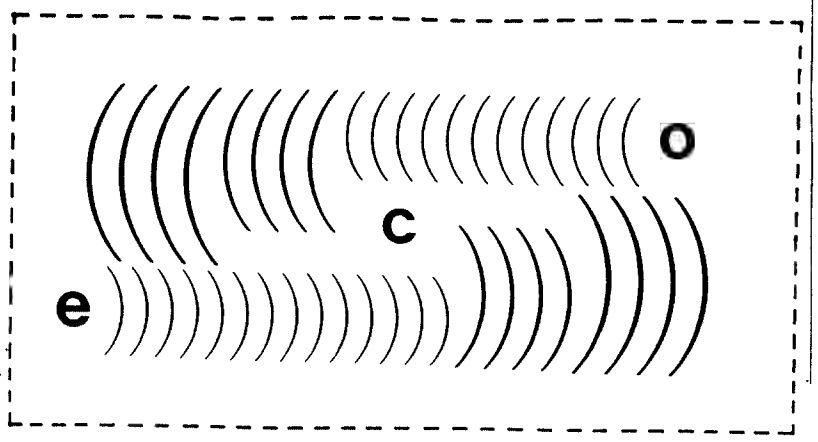
Se fragmentarmos o poema («Para Margarida — 1»), teremos, por exemplo, «Um dia havemos de casar», «ter filhos», «havemos de fazer contas ao futuro», «talvez tenhamos medo», «pensaremos entretanto que estamos a crescer», «podemos habituar-nos às feridas», etc.

Temos que Hiroshima é aqui o fim do ser, nesta «Memória de Hibakusha», mas também nos damos conta de há mais ser, bastando para tal que nos debrucemos sobre «Margarida — II», onde os nossos/meus olhos dedilham a seguinte música:

«Não deveria preocupar-me tanto saber se os meus esforços hoje/se mostrarão excessos amanhã. //Uma armadilha porém para o futuro, que o futuro é grande / e nem toda a solidão resiste. Qual? //Uma armadilha de espinhos sempre, não. Qual? Qual? /Talvez um rio. (Serve para tanta coisa um rio!)» Que se atente no seguinte: «excessos amanhã». Significa isto tirar do zero (do nada) todo e qualquer múltiplo de 1. Numa só palavra: há sempre um eco que reconstrói o primeiro som destruído. (Ver, a propósito, o poema de Melo e Castro «O eco», publicado numa das páginas de abertura desta «Memória de Hibakusha»: bastante elucidativo do que, através de palavras «arrancadas» á hora primeira da leitura, aqui ficou esboçada...)

Outros jogos nos oferece este livro...? Certamente que sim. Outros leitores o leiam, o encarem sob outros ângulos, se apercebam, enfim, que há mais coisas naquilo que se escreve do que a nossa sabedoria supõe ao ler. Que coisas...? Sempre um excesso, sempre um mais ser.

Pedro Alvim



Últimas entrevistas de João Gaspar Simões

...Eu nunca quis ser crítico

OS escritores portugueses já podem ir dormir descansados. Gaspar Simões dizia que quando morresse havia filarmónica e foguetes, mas não foi bem assim. Teve a sua guerra pessoal ao longo de quase 50 anos. Agora que morreu, os principais herdeiros do seu trabalho científico, enciclopédico e de carácter erudito são as futuras gerações. A guerra acabou, sem vencidos nem vencedores. A maior parte dos escritores portugueses não estiveram presentes no funeral. Gaspar Simões exagerou nalguns pontos, não teve razão ou esteve inteiramente certo noutros, os juízos ficam para a posteridade. Foi um marco histórico na literatura portuguesa do século XX.

A morte tem sempre algo de irritante, fantasista, macabro, folclórico, apocalíptico. Com João Gaspar Simões aconteceu aquilo que já se esperava quando desaparecesse do número dos vivos: uma certa unanimidade quanto ao seu papel nas letras. Um pouco por toda a parte todos o consideraram número um da crítica e que o seu lugar dificilmente será preenchido. No entanto, enquanto vivo, por cá, andou a zurzir em meio mundo e vice-versa.

Definitivamente, prefiro passar à primeira pessoa. Pediram-me para que compilasse aquilo que de mais polémico ele disse em duas entrevistas datadas de 1980 — revista **Edição Especial** — e 1984 — **O Primeiro de Janeiro,** uma e outra concedidas ao autor destas linhas.

Sinceramente, gostava que Gaspar Simões saísse da tumba e desse uma mãozinha neste trabalho. Que fazer? Eternizar a polémica? Realçar a morte? Para mais, alguns monstros sagrados das letras portuguesas já saíram a terreiro a dizerem de sua justiça. Com humildade: eu só tenho vinte e tantos anos e comecei a escrever no outro dia; quem sou eu para escrever sobre Gaspar Simões?! No entanto disseram-me que tinha interesse, para não ter medo. Vamos a isso!

Perguntei-lhe qual era o maior escritor português vivo...

A jovem geração

O melhor é começar com o que Eduardo Lourenço escreveu no «JL» a respeito da matéria: «Não faço ideia do que representava para a jovem geração o homem que durante quase meio século foi para a minha geração o **crítico,** o aferidor emérito, das reputações ou dos falhanços na república das letras portuguesas».

Eu tinha vinte anos quando o editor-chefe da revista **Edição Especial** me destacou para entrevistar o papa da crítica literária portuguesa. «O papa?!», pois, e que tivesse atenção porque era um homem que escrevia na página literária do **Diário de Notícias,** que uma crítica boa era a glória comercial e intelectual dum escriba enquanto o contrário representava total inêxito. «Se ele diz bem, o livro vende num instante, se diz mal, espera pelas teias de aranha». O chefe não precisava de dizer mais; tinha sido elucidativo.

Gaspar Simões impressionou-me, sem me amedrontar, das duas vezes que conversámos. A sua biblioteca pessoal deixou-me extasiado. Desde o corredor até à sala eram estantes chegando ao tecto, revestidas de livros, e nos armários fechados adivinhavam-se mais livros. Para um jovem que gostasse de literatura era um espectáculo. A casa era decorada com gosto e sobriedade. Gaspar Simões vivia com todas as comodidades mas, sem ostentação. Lembro-me que irradiava dele um fascínio espartano. Penso que para chegar àquela idade Gaspar Simões usou de muita disciplina e critérios rígidos. No fim, deu a vida pela sua paixão: a literatura. Entre ele e as letras estabelecera-se um fenómeno do tipo consanguíneo.

Desmontar compadrios

«Em 1936, ano em que comecei a exercer a minha actividade crítica no **Diário de Lisboa,** o meio jornalístico era muito ingrato e nele a literatura era encarada à custa de compadrios. Quem conseguia ver o seu nome publicado nos jornais eram, em geral, aqueles que conheciam jornalistas. Os escritores vindos da província, como eu e alguns companheiros de Coimbra, não chegavam aos jornais».

Depois de uma breve passagem pelo **Diário Popular,** Gaspar Simões assinou com carácter vitalício no **Diário de Notícias,** por direito próprio. «Esta foi a parte mais importante da minha actividade: importante e traumatizante... Eu nunca tive pretensões a ser crítico, tanto mais porque logo a seguir à publicação de Temas, (1937) escrevi 'Elói', e o meu caminho era o do romance».

Gaspar Simões fez finca-pé na crítica «para desmontar o compadrio jornalístico que se estende à literatura». Disse-me que escreveu cinco ou seis romances «e cada vez que o fazia toda a gente me caía em cima». Na verdade, das duas vezes que conversámos, Gaspar Simões também deu forte e feio em muita gente. Acho que alguns dos seus detractores deviam ter alguma razão. A páginas 19, de «Elói», Prémio de Imprensa em 1932, extraí:

«Calçou-se, apertou a berguilha das calças. Repara na biqueira do sapato esquerdo e tem um movimento de mau humor ao ver o cabedal esfarelado. Murmura, mesmo, em voz alta:

— «Não há graxa nesta casa?»

Li o livro todo e achei-o maçudo. Na verdade, parece que o caminho de Gaspar Simões só mesmo na crítica. Ou então, para glorificar génios da literatura universal como Fernando Pessoa e Eça de Queirós, ao contribuir para a sua imortalização. Nada mais justo.

Comprometido com o ofício

«A minha passagem duma revista de jovens de Coimbra para um grande jornal de Lisboa fez com que se criasse à minha volta um dique e eu a tentar não ser envolvido pelas águas. De repente, eu já não era o romancista que queria ser, era o crítico que estava comprometido com o seu ofício e com as responsabilidades que isso implicava. De tal modo, que o próprio David Mourão Ferreira escreveu no seu livro 'Portugal — A Terra e o Homem' que eu era a consciência crítica e literária duma época. É possível que mais ninguém me leia depois de eu morrer mas há uma coisa que ficará: os meus artigos críticos sobre romance, teatro, poesia, ensaio ao longo de 54 anos. Aquilo que fiz foi de certo modo emparedar-me na própria actividade que tinha criado».

Formado em Direito, em Coimbra, Gaspar Simões defendia os autodidactas: «As Faculdades de Letras em Portugal são as principais responsáveis pela mediocridade da literatura portuguesa. Repare que os escritores hoje vêm todos das universidades. Saem da Faculdade de Letras, todos cunhados da mesma maneira e dizem todos a mesma coisa. Dão possibilidade a muita gente que nunca teria pensado em escrever, se não tivessem essa iniciação, nunca teriam ousado fazê-lo. Os grandes escritores ingleses, de Shakespeare a D.H. Lawrence, eram autodidactas».

Na altura, em 1980, estas declarações fizeram escândalo. Nas suas críticas, Gaspar Simões não poupava os académicos que para ele não tinham centelha literária. António Ramos Rosa, pouco tempo depois desta entrevista telefonou-me para casa, quase em pranto, devido a uma crítica menos boa que Gaspar Simões lhe fazia no «DN». O poeta, que foi proposto ao Nobel pelo Pen Club, que eu saiba, o único escritor português proposto em 1984, se bem me lembro, desabafava: «Ele não tinha o direito de me fazer isto...»

Camões era um valdevinos

Gaspar Simões dizia que um escritor tem que sofrer bastante e expressar-se sinceramente através da sua literatura:

«Escrevi recentemente sobre Camões, que era um valdevinos. Era um tipo à margem da sociedade, um boémio (chamou-lhe ainda mulherengo, aventureiro, vicioso). O escritor é profunda e naturalmente associal, se não for antisocial. E ai daquele que não é. Porque senão acaba por ser um académico».

A geração mais jovem, autodidacta ou da Faculdade de Letras, que não leve estas máximas muito a sério. Não é preciso pegar em armas ou ser subversivo, ou não tomar banho, ou deixar crescer o cabelo, ou não usar cuecas, ou correr o globo à boleia, para dar à estampa um romance ou um livro de poemas. Gaspar Simões exagerava, tinha a sua guerra pessoal, algo quixotesca e ingénua, reclamava que o escritor tinha que ser associal, mas duvido que se ele tivesse sido só romancista tivesse assumido isso. Coitado do Luiz Pacheco, que é um grande escritor, mas anda a mendigar pelas ruas. Prefiro Hemingway que dizia que para um escritor ter sucesso é preciso possuir talento, necessidade de sobreviver e sorte. Falei nisso a Gaspar Simões e ele concordou inteiramente. A jovem geração de escritores quemande às urtigas a ideia do destino desgraçado dos grandes escriores universais, mesmo os portugueses. Há que cada um mudar as coisas.

Fui agredido

Em 1984, entrevistei de novo Gaspar Simões. Como repórter de «O Primeiro de Janeiro». Desta vez quis saber pormenores da agressão de que tinha sido vítima por parte dum escritor do qual tinha dito mal e que era director do matutino «O Diário».

— Ah, você já sabe mais da minha vida do que eu! Ponho em evidência esse caso, uma vez que é verdade que fiz uma crítica negativa a um livro dum jornalista e por isso fui agredido. É que lá no jornal os colegas disseram bem dele, até lhe publicaram uma crítica elogiosa com fotografia e tudo. Se os colegas diziam que tinha talento, a minha crítica era injusta. Sentiu-se magoado e por isso no direito de me pedir satisfações. Para mim, é um caso que evidencia bem alguns males do querer ser para além de jornalista também escritor.

Desta vez disse-me, a propósito das declarações de há quatro anos atrás, do imperialismo dos académicos sobre as letras portuguesas:

«Ah, sim. A Colóquio fez um inquérito junto dos próprios escritores para determinar até que ponto isso era mesmo assim. Alguns meteram os pés pelas mãos.»

Repetiu as mesmas acusações de que «a Literatura não é para que as pessoas andem a fazer exercícios sobre a maneira de dizer quando não têm exactamente nada para dizer.

Para eles a literatura acaba por ser ummalabarismo, um desporto de saltos mortais.

Mandou abaixo Lobo Antunes e «Os Cus de Judas», «uma porcaria». Mas parece que tem traduções em várias línguas, acrescentei. «Quer saber uma coisa? Peguei na tradução do livro em inglês e aquilo não tinha quase nada a ver com o original português».

Era mais uma adaptação do que de melhor o livro original continha do que uma tradução.

Antes tinha dito: «Veja o caso de Dostoievski, Tolstoi, Gogol, que são traduções de traduções, mas que nos transmitem uma visão da vida que a literatura contém: aprofundar o conhecimento do homem».

Pedi-lhe para me dizer, segundo ele, qual era o maior romancista português vivo? «Ainda se fosse no tempo do Eça ou do Camilo... Mas sempre digo que no caso de Bessa-Luís ou do Vergílio Ferreira, a primeira será às vezes mais pujante que o segundo, até mesmo mais original, embora haja algumas páginas dos seus livros que passam muito bem sem ninguém as ler. O Vergílio Ferreira é um homem com mais capacidade intelectual que a Bessa Luís, embora esta possua um poder criador mais forte, com o senão duma irregularidade muito maior.

Gaspar Simões morreu há dias. Não fui ao funeral porque não éramos amigos, nem nos visitávamos. Os funcionários da Basílica deram por que tinha morrido alguém importante quando viram o Presidente Soares ir lá assoar-se. Diziam: «Parece que era escritor: Gaspar qualquer coisa...»

Alexandre Correia

Contemporânea

Saudando a reedição pela **Contexto** *da* **Contemporânea,** *o LerEscrever divulga hoje uma «Carta ao autor de Sáchá» escrita por Fernando Pessoa e incluída no n.º 8 da revista, de Fevereiro de 1923. A iniciativa da* **Contexto** *traduz-se em três volumes facsimilados, cuja edição foi apoiada pelo Instituto Português do Livro e pelo Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.*

CARTA AO AUTHOR DE "SÁCHÁ"

Meu querido Francisco Manuel:

ACABO de conviver, como se fôsse comsigo, com a leitura da sua novella-film «Sáchá». Olhei-lhe os episodios, mais que os li. Atravessei-os como quem passa por gente. E tive o prazer de que foi acompanhando-o que fiz essa travessia *bariolée*.

Não direi, da sua novella, que ella é notavel como litteratura. Digo, porém, que é notavel como elegancia. A sua intenção, supponho, não foi que ella fôsse outra cousa. Fez v. bem, que o proprio da elegancia é não aspirar senão a sel-o.

Raros, de entre os que escrevem, podem ser verdadeiramente escriptores — isto é, escriptores superiormente, artistas pela palavra escripta. O exercicio superior das lettras exige, como toda a especialidade superior, uma predisposição complexa, e uma preparação complexa tambem. Quanto á predisposição, nada ha que dizer senão que ou se nasce com ella, ou de todo se não possue. Quanto á preparação, poucos ha, mesmo entre os de certo modo predispostos, que supportem sem inconstancia a disciplina que devem querer impôr-se. E, mesmo assim, uma predisposição, embora grande, e uma preparação, embora constante, ha mistér que tenham sido, equilibrada a primeira, e começada a segunda, por uma educação feliz na infancia; o que procede de circumstancias em que nem a herança organica, nem a escolha propria, são elementos causaes. Nem deve esquecer que a influencia do meio, em que vive o escriptor já adulto, collabora no resultado. Com tantos e tão diversos elementos construe o Destino, assim em litteratura como em outro qualquer modo da intelligencia, o accidente final a que se chama o genio.

Em grande numero dos que escrevem, portanto, ou o escrever é um simples vehiculo de idéas, e elles serão philosophos, porém não são escriptores; ou a litteratura é uma profissão, que exercem, e não serão elles artistas, senão artifices; ou o que escrevem é conscientemente uma distracção de seu espirito, escripta para que se entretenham os outros com aquillo, com que o proprio author se entreteve. Não fallo dos que escrevem fora d'estas trez razões, e suppondo que são escriptores verdadeiros. Esses, que são a maioria, não são nada.

N'estes trez typos do escriptor, que propriamente o não é, um só resultado litterario nos pode prender o espirito — a approximação, que haja em suas obras, da verdadeira litteratura. No pensador isto dá-se quando a força da intenção aquece, por sua mesma violencia, a phrase e a palavra, e a eloquencia surge como voz do pensamento. No artifice das lettras isto acontece quando a habilidade do fazedor simula de perto, pela acção justa de um instincto mimetico, o escrupulo do artista. No «entretido» isto resulta quando, sendo a sua personalidade intelligentemente interessante, elle consegue transpôl-a inconscientemente para o que escreve; não tanto escrevendo, quanto fallando-nos por escripto.

V. e o seu «Sáchá» estão no caso d'esta terceira especie. Como v. tem uma personalidade decorativamente rica, havia com que interessar, logo que fôsse espontaneo na manifestação d'ella. E v. foi espontaneo: escreveu sem pensar que escrevia, escreveu pensando só em si. Porisso pôde confiar aos quadros da sua novella o segredo subtil de quem é. Porisso a fallou, mais que a escreveu; e os episodios da sua narrativa imprecisa participam da sua propria graça e da sua elegancia inimitavel.

A sua personalidade futil, feminil, escandalosamente europeia, complicadamente sociavel, predestinada póro a póro para todas as astucias da elegancia e todas as subtilezas de conhecel-o, transparece coloridamente no seu livro. E, se n'elle v. faz tão naturalmente, com um conhecimento tão authentico e organico, a cinematographia local do semi-cosmopolitismo elegante, producto da invasão das aristocracias pela grande finança, e em o qual as maneiras são cada vez mais um accidente da moda, e a futilidade cada vez mais uma funcção do aborrecimento, não é senão porque tudo isso vive em si, e porque essa atmosphera social é uma componente do seu espirito.

E, ainda que não houvesse estas razões geraes para que v. encantasse, revelando-se, haveria outras, particulares, e que sobremaneira prendem (pela ironia, para comnosco, do contraste) os espiritos da minha indole. Não são essas razões motivos para que todos appreciem o «Sáchá»; porisso digo que são particulares, e as dou apenas como minhas.

A mim, espirito especulativo e metaphysico, e porisso triste e desgracioso, fascina-me a attracção do seu constraste commigo. V., sendo como é, põe elegancia em tudo; eu, ainda que fôsse elegante em alguma cousa, de tal modo o seria que o não seria. O emprego excessivo e absorvente da intelligencia, o abuso da sinceridade, o escrupulo da justiça, a preoccupação da analyse, que nada acceita como se pudesse ser o que se mostra, são qualidades que poderão um dia tornar-me notavel; privam, porém, de toda especie de elegancia, porque não permittem nenhuma illusão de felicidade.

Os espiritos constituidos como o meu nascem velhos e vivem vencidos. A mais esplendorosa mocidade physica, se por acaso a temos, não chega nunca ao nosso espirito; a maior celebridade tem sempre para nós um sabor soturno de derrota, um laivo cruel de inutilidade e de erro. Força é que tomemos tudo a serio: a futilidade, portanto, é-nos extrangeira. Porisso, ao tornar-nos conscientes, adquirimos para com ella, que por natureza é moça, uma das attitudes dos velhos para com a mocidade: nos peores de indole, a amargura e o despeito do excluido; nos melhores, o carinho triste do saudoso. Tive, creio, a felicidade unica de, tendo que ser d'estes, não ser dos peores. Porisso me fascina, como disse, o contraste de v. commigo; da sua mocidade ingenita, da sua futilidade triumphal, com o meu cansaço innato de predestinado á derrota, ainda que ella possa chamar-se victoria.

V. nasceu vencedor, porque as fadas no seu nascimento, enganaram a fada maligna. Não venceu v. como os que vencem pela victoria, com o conseguimento, que sempre pesa porque existe; com o exforço, que é sempre vil porque fatiga; com o merecimento, que é racional e porisso sem vida. O seu fado foi mais menino. Coube-lhe a victoria como vida, que não como victoria. Deram-lhe amorosamente como berço o que aos melhores de nós, que nos maltratamos, de mau grado cabe como tumba.

Desejo-lhe, meu querido Francisco Manuel, que nunca passe do seu ar e dos seus gestos a mocidade que o Destino lhe concedeu, como a um jovem deus, não como episodio passageiro e mortal da edade, senão como segredo da vida e carne do proprio sentimento.

Guardo do que v. escreveu a memoria dispersa e nitida que fica dos perfumes. Não é a reminiscencia de uma cousa espiritual, porém não o é de uma cousa da materia. Vive no intervallo das cousas que podem definir-se. E' uma aura, uma atmosphera, um agrado indistincto, uma presença para quem sorrimos. Neste caso é v. mesmo.

Tudo mais é philosophia.

FERNANDO PESSOA

Um americano chamado Vladimir

Continuação da pág. 1

tombam pétalas secas e inodoras das flores que alguém um dia ali guardou. Um universo povoado de rostos familiares, conhecidos, estranhos ou já desaparecidos; e se estas memórias estão marcadas por um pudico distanciamento talvez seja porque a pessoa mais dificilmente reconhecível no álbum é aquele rapazito de calções pendurado no ramo de um carvalho no jardim da casa da tia Vera (cuja beleza hoje elegantemente «demodée» cativou o tio Sérgio, o qual aparece duas folhas à frente encostado a um Isabella verde apesar do sépia da fotografia),embora recordemos que, logo após tirado o retrato, caímos do ramo e esfolamos os joelhos; e ainda fomos castigados por isso apesar de a inscrição por baixo da fotografia — 23 de Abril — indicar a data do nosso aniversário.

Apesar das restrições do género memorialista, com as suas obrigações de factualidade e as suas quase inevitáveis referências à genealogia. *Na outra margem da memória* é típico Nabokov pelo seu estilo inconfundível, clássico na elaborada redacção mas explorando todos os expedientes narrativos modernos, e serve como exemplo da sua concepção de literatura. *A verdadeira literatura*, ensinava ele aos seus alunos, *não pode ser engolida de um trago como se de uma poção benéfica para o coração ou para o cérebro se tratasse. A literatura deve ser esmigalhada, dissecada, triturada; deveis sentir o seu perfume deliciosamente acre no côncavo da vossa mão, deveis mastigá-la, rolá-la deliciados sobrea língua; então e somente então, dareis o justo valor ao seu incomparável sabor, e esses fragmentos, essas migalhas, voltarão a tornar-se um todo no vosso espírito, revelando a beleza de uma unidade à qual tereis dado um pouco do vosso próprio sangue.*

Abundam na obra de Nabokov os estratagemas narrativos, as ratoeiras ao leitor e ao crítico, as autocitações e os jogos de palavras e uma quase maníaca obsessão com o rigor dos detalhes concretos. Este último aspecto é fundamental, pois numa escrita sem preocupações de realismo — e, por vezes, jogando mesmo no inverosímil — é ele que assegura a consistência do imaginário criado. Como escreveu o «Times Literary Supplement» aquando da publicação de *Ada*, «para o apreciar plenamente é imperativo possuir um domínio perfeito do russo, do inglês e do francês, conhecimentos profundos de botânica e entomologia, um gosto pelos anagramas e uma boa dose de paciência.» E já que o enciclopédico Nabokov esgota o vocabulário dos dicionários, louve-se a qualidade da tradução portuguesa, vários furos acima da média das traduções a que estamos habituados.

Escritor altamente exigente para consigo próprio, Nabokov, não admitia que o trabalho de leitura se pudesse resumir a uma passiva e confortável assimilação. Quando descreve a sua associação pessoal entre as letras do alfabeto, e determinadas cores está implicitamente convidando-nos a estabelecermos a nossa própria tabela de equivalências. Quando descreve um problema de xadrez da sua autoria, isso é um convite a que nele meditemos — e tanto pior para o leitor que não souber jogar xadrez. Nabokov é um escritor cuja obra não se compadece com uma leitura superficial, mas do qual sabemos que o esforço de o ler atentamente será recompensado.

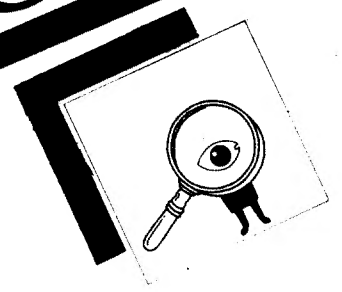
O grande artista escala uma vertente virgem e, chegado ao topo, ao virar de uma cornija fustigada pelos ventos, quem pensam vocês que encontra? O leitor ofegante e feliz. Caem espontaneamente nos braços um do outro e permanecem unidos para sempre se o livro viver para sempre. Sem fazer prognósticos acerca da perenidade deste livro, limito-me a constatar que sobrevive para além da última página. Após apreciado o problema de xadrez, ainda me falta descobrir a identidade do autor de banda desenhada que Nabokov afirma vir sugerido na segunda secção do décimo primeiro capítulo. Sugestões?

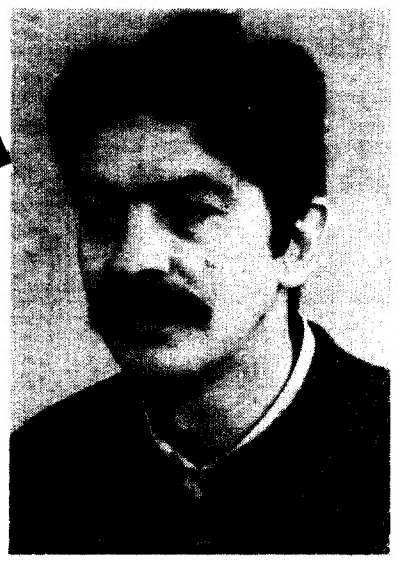
Vladimir Nabokov. **Na outra margem da memória,** *Tradução de Aníbal Fernandes, Difel, 1986. (975$)*

José Lourido■

Um é Outros

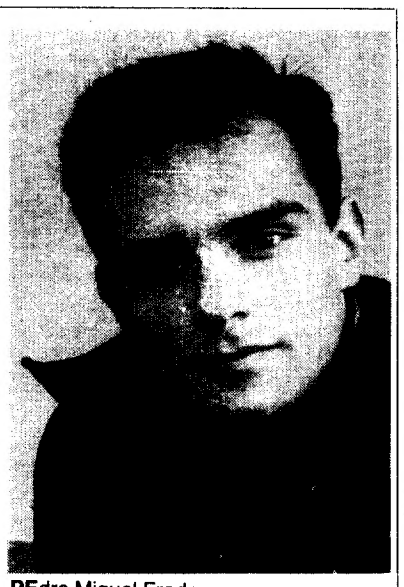
Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever



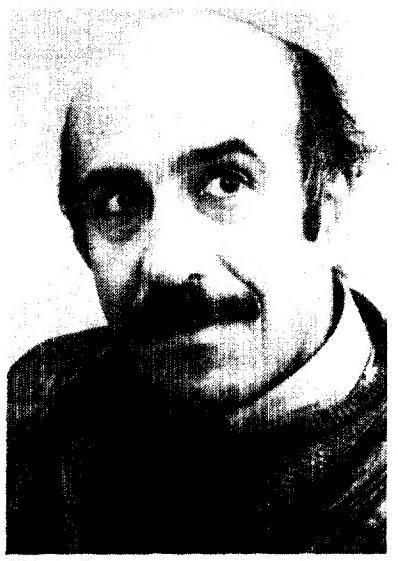


João Mendes

RUi Eduardo Paes



PEdro Miguel Frade



EMIdio Rosa de Oliveira

João Mário **GRIL**o

Chaké Matoss**IAN**

"Ele" era seis

O nome do autor de «Um é Outros», o folhetim policial do LerEscrever cuja publicação concluímos na nossa edição da passada semana, é o pseudónimo colectivo de um grupo de seis. **Jupre Emigrilian** *é um composto de* **J**oão *Mendes,* **Ru**i *Eduardo Paes,* **Pe**dro *Miguel Frade,* **Emí**dio *Rosa de Oliveira, João Mário* **Gril**o *e Chaké Matoss***ian**. *Os seis reuniram-se uma primeira vez antes do início da eventura colectiva e agora uma segunda vez, concluído o texto. Entretanto, foram «dialogando» uns com os outros através do texto que ia sendo produzido, semana a semana, por cada um deles, sob a forma de capítulos autónomos que este suplemento foi publicando. Eis o que cada um dos seis tem para dizer acerca de «Um é Outros».*

O que eles dizem sobre a experiência de escrita colectiva

João Mário Grilo — Para mim houve três coisas em jogo no «Um é Outros»: A primeira diz respeito ao meu princípio de prazer e consistiu em entrar na palavra de outro. Ora eu nem sempre consegui sentir-me **bem** no meio desse movimento, houve uma altura em que me senti mal e tive de alargar-me por um segundo capítulo. A segunda tem a ver com o facto de se tratar de um romance policial e não de outro qualquer. Isso poderá ter sido mais indiferente para uns do que para outros; para mim, teve importância. A terceira coisa importante foi que se tratou de um romance publicado em folhetim num jornal, e isso renovou em mim um hábito que vem da infância: em miúdo eu lia, como toda a família, o folhetim do «Século» e do «Século Ilustrado», publicados em pé de página, discretamente... Toda a gente os lia, com mais ou menos vergonha.

Emídio Rosa de Oliveira — Eu queria evocar uma frase do Philippe Sollers, dita nos anos 60, numa entrevista que lhe fizeram. Perguntaram-lhe até que ponto é que se podia colectivizar a escrita, e ele respondeu que não se pode colectivizar a escrita, do mesmo modo que não se pode colectivizar a sexualidade. Foi disso que eu fiz agora a experiência, como questão-limite da escrita: não há possibilidade de transformar em moeda corrente a singularidade que é cada um. Só que as singularidades circulam — são singularidades nomádicas.

Não poder colectivizar a escrita cria, porém, uma outra possibilidade: a de fissurar a monotonia subjectivista, atrelando-lhe várias vidas. O quotidiano mais comezinho pode ser fissurado em pontos de fuga... Pela escrita.

Esta não foi uma experiência terapêutica — recuso atribuir à escrita esse valor — mas esta escrita cumpriu a função de expelir secreções, resíduos. Para mim, esta foi uma experiência higiénica, acerca de como se podem gerir resíduos. Até que ponto os nossos resíduos são perturbados quando se cruzam com outros? Que fazer com o cão que é deixado no texto, quando se detesta cães? Tem de se contar com o pequeno nada, com o fantasma deixado pelo outro.

Rui Eduardo Paes — A maior parte de nós — e não era o meu caso — tem uma formação semelhante, em questões de arte e de estética, e essa formação marcou consideravelmente o texto, como uma das suas linhas dominantes. Também tenho a impressão de que a história se prolongou demasiado, e em dada altura os elementos de acção começaram a surgir forçados, arrastados. Talvez houvesse a sensação subterrânea da saturação, de que aquilo devia acabar, mas aquilo continuava.

No meu caso, ainda por cima, tive de escrever um capítulo estando doente — foi aquele sobre **o branco** — com enorme sacrifício... e o arrastamento do folhetim terá acarretado alguma distanciação em relação ao que ia sendo escrito — e se calhar não foi só a mim que isso aconteceu. Finalmente, o texto fugiu completamente à discussão prévia que tivemos, tornou-se imprevisível... mas creio que isso foi interessante e positivo.

Chaké Matossian — Eu acho que foi uma experiência interessante **porque** lúdica; tratou-se evidentemente de um jogo, com o gozo de ter de seguir a imaginação de alguém e de imaginar o que alguém ia fazer com a nossa... Também foi interessante o facto de sermos seis (leia-se: muitos) porque isso multiplicou a famosa frase de Rimbaud, «**eu é um outro**», tornando-a mais indefinida e neutra, «**um é outros**». Para mim, a coisa foi tanto mais neutra e indefinida quanto é verdade que eu tive de me pôr na pele de um personagem masculino.

Eu comecei logo por matar alguém porque todos estavam a matar alguém, desencadeou-se logo uma espécie de engrenagem...Aliás, houve mesmo competição entre os autores sobre quem faria mais macabro, quem mataria mais maldosamente, quem lá poria mais sexo...

Mas o indefinido ganhou a todos os níveis, não houve uma sexualidade determinante, por exemplo, e essa perda, essa queda no indefinido é que tornou as coisas interessantes. O título e a história acabaram mesmo por reflectir, na escrita, o que se passava com cada um de nós.

João Mendes — Para mim foi sobretudo um divertimento de que gostei e que consistia, como sugeriu o Grilo, entrar e sair do discurso de outrem. A ideia para mim era testar se podíamos fazer funcionar uma escrita não-finalista, ou que se sujeitasse às diversas finalidades que se manifestassem...Creio que só relendo o texto de fio a pavio saberemos se dali resultou mesmo uma história.

Mas acho que ignorámos regras elementares de combinatória, respeitantes a casos como o do cão, que o Emídio citou. Que fazer, quando nos deixam nas mãos o «filho preto», ou o «marciano»? A narrativa pode continuar a funcionar, se quem o herda for capaz de lidar com ele, e não desenvolver uma mecânica de supressão. Ora a tendência foi, acentuadamente, para desenvolver esta mecânica, para acabar com o cão, com o carro, com o rio, com a casa...herdados de outrem.

Não sinto que a história se tenha **arrastado,** acho é que teve momentos intensos e outros flácidos — talvez exactamente por causa da diversidade dos modos de «herdar o marciano».

Emído Rosa de Oliveira — Concluamos então que o autor plural é um esquizofrénico...

João Mendes — Mas nós tínhamos partido exactamente da ideia de explorar um Eu dividido, e não ponho problemas a essa via. Falo apenas de **regras narrativas...**e do facto de estas poderem ter rebentado aqui e ali porque a dispersão das fantasmáticas se lhes sobrepôs.

Pedro Miguel Frade — Vamos lá a ver acerca dessa questão da pluralidade do sujeito da escrita: não sou só eu que tenho de me dividir para trabalhar a partir do texto do outro, visto que originalmente já estou dividido...

Comentar, como fez o João Mendes, a ausência de regras narrativas, é algo que só poderíamos fazer retrospectivamente, se visássemos reconstruir alguma identidade — que o sujeito da escrita, precisamente neste caso, não tinha. As regras pré-estabelecidas teriam visado a construção de uma identidade supérflua. Essa não é a questão importante. Mesmo que o Emídio me tivesse o cão, ou outro tivesse recusado herdar o estado mental de uma cena macabra como o do personagem que descobre a cabeça de uma amiga espetada numa cavilha, eu teria sempre de assumir isso de uma maneira **qualquer.** Não havia que esperar de «Um é Outros» a coerência que se espera de um autor. Aqui, o que funcionou foi um considerável dilaceramento de cada um dos sujeitos, ao fio da escrita dos outros.

Nós «experimentámos» por delegação, a partir das experiências dos outros.

Também não creio que tenha havido competição pelo macabro, pelo sexo, etc. Quando eu escrevi o que deverá ter sido a cena mais macabra do romance, fi-lo para experimentar o autor que se me seguiria, e também a publicabilidade daquilo num jornal.

Emídio Rosa de Oliveira — Eu, quando dei o nome de Gioconda a um personagem a quem espiava o traseiro, passei o tempo todo a rir, enquanto escrevia. Foi a primeira vez que me aconteceu desatar a rir com o que escrevia...

Chaké Matossian — Isso veio-te da liberdade que o pseudónimo dá: podias escrever qualquer coisa, sem teres de pôr o teu nome por baixo.

Emídio Rosa de Oliveira — Talvez fosse também isso, mas era sobretudo outra coisa, era aquela norma de que falava o Apollinaire:**Tudo** deve ser publicado. **Tudo:** pensa-se logo em transgressões; mas hoje dificilmente se pode ainda escrever com o sentimento de estar a transgredir.

João Mendes — É espantoso o que vocês dizem, porque o facto é que quer a boa quer a má literatura são obras de civilização, e qualquer texto transgressivo, uma vez publicado, passa a património, deixa de certo modo de ser chocante. Só o presente é chocante, e todos os textos pertencem ao passado.

Emídio Rosa de Oliveira — No entanto há transgressão, e sobretudo neste tipo de policial, porque se está a **publicar** crimes que não se **cometeram.** Se os tivéssemos **cometido,** não os **escreveríamos.**

João Mendes...E és tu que dizes que é tão culpado o tipo que comete o crime como o tipo que o **representa...**

Rui Eduardo Paes — É que, de certa maneira, a escrita substitui a acção.

João Mendes — Assim dir-se-ia que a escrita como o sonho, contém a realização do desejo.

João Mário Grilo — O corte que existe entre a escrita e a acção é um corte jurídico.

Emídio Rosa de Oliveira — E há outro corte: é que, enquanto a estética **sublima,** o crime **desce** pela sensação.

Pedro Miguel Frade — Como disse Cícero: não se saberia imaginar um, crime que não se soubesse também cometer. Mas porque **não se pode** praticar isto ou aquilo, e sobretudo porque **não o faremos,** pode-se ou deve-se escrever, filmar, pintar, dizer esse isto ou aquilo.

Hermann Broch

O apelo obscuro

Notas sobre Os sonâmbulos

«Os sentimentos atrasam...», dizia Antonin Artaud. Pela mesma época, nos Sonâmbulos, *Hermann Broch denunciava os atavismos e as convenções sentimentais que provocam no homem esse desentendimento com a vida, essa incapacidade de abandonar os esquemas velhos e caducos (uniforme couraçado a proteger-nos dos perigos da realidade) que se volvem sempre numa deambulação sonâmbulica, num ir a reboque da vida real com um atraso de séculos.*

Como náufragos agarrados aos restos do navio sumptuoso que os levava, aí vão tantos dos nossos contemporâneos, cativos de convenções e valores sem sentido, ou com um sentido todos os dias desmentido pela vida. Efectivamente, não é precisa subtileza para se constatar a estreita relação existente entre os grandes temas literários do nosso tempo (dificuldade de ser, impossibilidade de comunicar, angústia, absurdo, desespero) e a esclerose progressiva dos valores, assim como não se carece de muita argúcia para ver como essa esclerose se conexiona, na zona pânica da experiência vivida, com a crise da afectividade, com o esfumar dos sentimentos e com a sua diluição.

ESTA crise tem, naturalmente, uma explicação histórica classista: a burguesia tende a confundir o fim do seu mundo com o fim do mundo inteiro, incapaz como é de renovar as suas perspectivas éticas, de embarcar na aventura do futuro, onde só vê ruínas e desertos. Porém, mal avisado andaria quem atribuísse *exclusivamente* a um erro perspéctico a decadência moderna. Com efeito, a grande maioria dos artistas e dos intelectuais burgueses defendem teses progressistas, têm opiniões revolucionárias, realistas. No plano racional, romperam definitivamente com a sua classe, com os mitos e os irrealismos que a caracterizam. Mas na zona intangível do irracional? Nessa esfera profunda do instinto, do desejo, da afectividade?

Sabor a nada

Negar, do ponto de vista ético, os valores tradicionais, não significa que se esteja emancipado deles. Daí, este conflito trágico entre as ideias e a vida, este sabor a nada, este vazio, esta busca de «salvação» na religiosidade (na aceitação acrítica dos dogmatismos) e na pornografia, na caricatura do erotismo (forma de se iludir um problema humano essencial: o do amor).

Tendo analisado a problemática que subjaz a esta crise, a originalidade do escritor vienense Hermann Broch, em *Os Sonâmbulos*, consistiu na formulação da seguinte pergunta: «Do sono e do sonho, numa vida quotidiana entre todas execrável, poderá nascer uma nova ética?» (in *Lettres*, Gallimard, pág. 19). Tal problema — bem como as implicações que o desenvolvem — é examinado nas três partes do romance: «Pasenow ou o romantismo», «Esch ou a anarquia», «Hugueneuau ou o realismo», localizadas respectivamente em 1888, 1903, 1918, datas que o autor considerou as mais significativas em relação às épocas terminais das antigas estimativas éticas europeias. Mostra-se aí como os elementos oníricos vão impregnando o mundo real à medida que os velhos valores se desmagnetizam e perdem a sua força, com o sonho, quando os humanos são incapazes de vasar em novos moldes a sua saudade da vigília e as suas necessidades morais, arrasta a ética para as zonas tenebrosas do instinto, para esses limbos trágicos do sentimento de culpa, da aniquilação espiritual.

Meias soluções

As meias soluções de Pasenow e de Esch fazem deles sonâmbulos: o primeiro, despido o uniforme, transforma-se num anjinho e desaparece nos ares serôdios de uma religiosidade romântica; o segundo, presa de estados afectivos primários, precipita-se na bestialidade incontrolada dos abismos eróticos. Finalmente, na terceira parte do romance, após a grande crise de 1918, surge um quase criminoso, um tipo que se emancipou dos valores e da sua necessidade, o qual se limita, no dizer de Broch, «a concluir simploriamente na realidade o seu sonho da infância» (Op. cit. pág. 19).

Em todo o livro, à margem destes três protagonistas, paira a figura de Bertrand, uma espécie de personagem passiva que personifica o «homem racional» precursor do «realista» moderno. Negando lucidamente os valores estabelecidos, Bertand não habita os limbos onde os outros se dissolvem, mas nem por isso deixa de se perder também, vítima de um demónio racional que no fim de contas, posto entre parêntesis o território das experiências vivenciais decisivas, não serve para mais nada senão para construir desertos (aos leitores do romance não será precisa muita imaginação para descortinar nesta humanidade os primeiros sinais de um fenómeno que viria a irromper na história com uma violência sem precedentes: a transformação de um povo inteiro numa horda de autómatos assassina).

Em relação ao método, digamos estilístico, como a obra está ordenada, caracteriza-se constantemente por uma habilíssima libertação de elementos oníricos e por uma progressiva exaustão velada dos valores a que as personagens procuram agarrar-se desesperadamente. Na primeira parte, a narrativa está contida nas formas inocentes e simplificadas ao máximo de um naturalismo romântico. Na segunda, a acção segue o seu curso aos solavancos, é pontuada aqui e ali por pequenas explosões, logo abafadas por diques reflexivos que cristalizam a precipitação caótica da narrativa numa espécie de estatismo; as figuras, a princípio vivamente recortadas, acabam por diluir-se numa névoa, perdendo-se no horizonte do real, nas penumbras do sonho. Na terceira parte, atravessada a anárquica agitação da segunda, há um regresso à calma da primeira. Todavia, surge agora uma nova forma, objectiva, jornalística, sóbria. A unificação do conteúdo e do estilo processa-se através de associações muito simples, mas o plano estrito da narrativa pura ficou para trás, a presença do autor torna-se mais insistente,

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

as incursões especulativas são mais numerosas.

Luxo de meios

Ao longo do romance, o luxo de meios do escritor surpreende-nos constantemente: cada situação está minuciosamente submetida ao plano de conjunto, as estruturas e os motivos principais insinuam-se em todas as partes da narrativa, a acção e o estilo vão sempre do particular ao geral, do sensível ao inteligível. Os fragmentos articulam-se num todo arquitectural. A psicologia, filosofia, a música - mesmo a física e a matemática (houve quem visse em *Os Sonâmbulos* uma ilustração literária da teoria da relatividade) - fazem ganhar ao romance uma dimensão nova, gnoseológica.

Os Sonâmbulos, como a restante obra literária e filosófica de Hermann Broch, são a confrontação de um grande espírito humanista com o seu tempo. Em todo o livro, o leitor entrevê os acentos patéticos da preocupação e da angústia do escritor diante dos primeiros indícios da barbárie que em vagas sucessivas viria a submergir a humanidade. Com uma generosidade total, numa obra literária que até aos seus pormenores mais recônditos pressupõe sempre uma teoria do conhecimento, uma teoria dos valores, uma filosofia da história, uma riquíssima experiência humana e uma altíssima capacidade de criação poética, o autor procura encontrar respostas válidas e universais para os problemas dilacerantes que afectam a nossa civilização. E não se julgue que Broch foi um literato na acepção clássica do termo. Tardiamente inclinado para a literatura, após ter abandonado a sua posição de cavalheiro da indústria e uma carreira de matemático ilustre, os últimos anos da sua vida, passados no exílio, foram uma corrida contra a morte, em dias de trabalho de 25 horas, no suor e no sangue, permanentemente atormentado pela angústia de não poder concluir a sua obra e pela ideia de que toda a literatura é vã e irresponsável se não testemunhar o homem e não mostrar a via justa.

Morte de Virgílio

É este o tema de *A Morte de Virgílio*, sua obra-prima, escrita em grande parte nas prisões nazis sob a constante ameaça de Auschwitz e da morte iminente (Broch era judeu). Nesse livro ímpar, é descrita a agonia de um poeta que nas últimas horas da sua vida volve um olhar crítico sobre o que ficou para trás e considera falhadas as suas vida e missão. Em vez de conhecer, cantou; em vez de acusar, glorificou. Simplicidade primeiro, complexidade depois: tudo perdeu. Diante da morte, sente-se despojado como se nunca tivesse vivido. O fraco alibi da beleza dexa-o desamparado no confronto final com a eternidade.

Virgílio moribundo é o próprio Broch revivendo a agonia de um poeta que se mede com o conhecimento no mundo, na vida, no universo inteiro, com a verdade ou a ilusão patentes na sua arte. Os movimentos sinfónicos já esboçados na factura de *Os Sinâmbulos*, atingem aqui um grau de desenvolvimento inusitado em obras literárias; não tanto pela imensa variedade de registos, ou pela divisão do romance em andamentos, lentos ou em *scherzo*, mas pela utilização da técnica do contraponto, num desenvolvimento da acção em planos simultâneos, pela articulação, diríamos sonora, do texto, onde até é possível distinguir os instrumentos musicais: avenas calmas nas incursões pela infância, ou ainda, como no-lo sugere Maurice Nadeau no magnífico estudo (In *Les Lettres Nouvelles*, n.º 26) que dedicou à *Morte de Virgílio*, pífaros nos cumes agudos da febre que alucina o poeta, ou o cavo rufar de tambores que o acompanha, moribundo, durante a penosa travessia de Brindisi.

Corda bamba

Em toda a obra de Broch, o homem tenta equilibrar-se sobre a corda bamba estendida entre as margens do ser e do não-ser. No abismo que há nele, cruzam-se os ecos, os reflexos, as correspondências do Tudo e do Nada. O que o homem não é fita-se no que ele é, e inversamente. Todavia, para atravessar a fronteira que separa a vida individual da vida universal, para passar da cela à liberdade, é preciso morrer, ultrapassar num esforço heróico a solidão e o desespero, comprometer no conhecimento tudo o que fomos e somos, e depois, ao conhecer, ao trocar as formas relativas pelas absolutas e infinitas, abandonar o que fomo e somos, lastro que se chama «vida» e que não é outra coisa senão a morte fria e negra.

«Ser é merecer acabar», escreveu Hegel. Pelo mesmo motivo, ao caminhar para a morte é a vida que encontramos, conservar é destruir, destruir é conservar, tudo perder é tudo encontrar, renunciar um amor que estiola é manter indemne a força de continuar a amar. Vivemos, porém, num tempo e num espaço inelutáveis: temos, portanto, de aceitar contratos de ajuda recíproca. Tal como Virgílio agonizante no convés da nau de Augusto, não nos podemos esquecer dos que no porão, penando, arrastam o navio onde viajam monstros e homens, devoradores e devorados, poetas e militares. Para se ser mais que humano é preciso primeiro ser-se humano, e como pode ser-se humano no meio da desumanidade? Ninguém se salva sozinho.

Musil, Kafka, Hesse

Broch, com Joyce e Kafka, terão sido os escritores modernos que mais contribuíram para a renovação da técnica romanesca. Como analista da crise ética contemporânea, cabe-lhe, entre os escritores de língua alemã, um lugar ao lado de Kafka, Hermann Hesse e Robert Musil. Contudo, Broch distingue-se destes seus pares pelo facto de não se ter limitado a analisar lucidamente a decomposição e a solidão do homem moderno, de não se ter detido na angústia que o avassala, mas de ter ido mais longe, à procura de uma solução para um problema com o qual, depois dele, tantos existencialismos haveriam de debater-se: o de saber como vencer o desespero em face do nada.

E este desespero, esta «morte na alma», quais serão as suas origens? Qual será a causa desta Humanidade não constituir um organismo uno, total ou totalizador, mas de ser formada por séries de indivíduos justapostos, sem omunicação entre si, murados na sua olidão e no seu medo de criaturas votaas à morte? Porque motivo se transormou a liberdade num fardo pesado de ue os homens procuram aliviar-se a m de poderem flutuar à vontade nos iseráveis céus da complacência mú-a, da idolatria, do lucro pessoal? Porie se transformou o amor humano num sco roçagar de peles? Porque razão cou a nossa época o fundo da abjecção assacres, torturas, nações inteiras nsformadas em redis)? E porque mo-o se encontram indefesas as massas nte dos «heróis», das «elites», dos «duces» que primeiro as arrebatam e depois as oprimem e aniquilam?

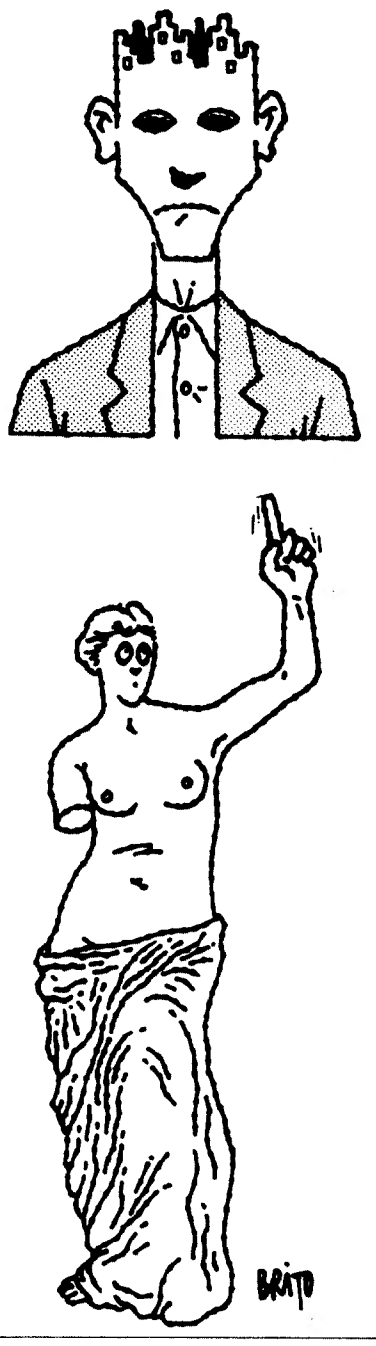
Superstruturas

Ensaiar uma resposta cabal a estas interrogações implicaria múltiplas incursões pelas infra-estruturas da História, mas é de superstruturas, de motivações éticas, psicológicas e metafísicas que tratam os livros de Broch, por isso é do processo de formação e dissolução dessas motivações que nos vamos ocupar agora, tendo sempre presente — como o próprio Broch — que a arte, do mesmo modo que a ciência, a filosofia ou qualquer outra actividade cognitiva, *conhece* à sua maneira, diferenciada e insubstituível das e pelas outras formas de conhecimento, o que não significa que as outras formas de conhecimento não possam e devam aplicar-se à arte. O que elas não podem nem devem é pretender assumir um papel normativo em relação aos fenómenos estéticos, sob pena de desvirtuarem esses fenómenos e a si mesmas.

Nos períodos mais elevados da história da humanidade, nas grandes civilizações em que a arte e a literatura são absolutamente independentes do fluir do tempo, manifestando algumas das principais linhas de força do universo intemporal e ilimitado que engloba todos os acontecimentos humanos, vemos rasgar-se o véu que separa o homem das coisas. Por isso, nessas épocas, o artesanato floresce e adquire uma expressão de incomparavel beleza, reflexo de uma concepção do trabalho humano onde a vida é agente essencial de leis tão rigorosas como a própria verdade imutável de onde emana. Assim, a Verdade e a Beleza são um princípio uno e indissolúvel.

Equilíbrio rompido

«Modela com amor», diz o sacerdote egípcio ao oleiro no termo da iniciação a esse ofício tão nobre; isto era no tempo em que a pedra angular de toda a criação utilitária ou espiritual consistia na crença de que o homem é um mediador entre as forças virtuais do universo e as formas que lhe servem de necessário recipiente. Nessas épocas, as formas



não eram uma ilusão; dependiam da Unidade absoluta que lhes assegurava uma essência invariável e eterna. Por isso, os artistas e artesãos criavam como a natureza: o seu labor, por vezes arrebatado e aparentemente sujeito a incidentes, fundamentava-se sempre num princípio harmónico, impermeável a artifícios e acidentes. Tudo o que produziam era o efeito de algo que só podia manifestar-se assim, como tudo o que a natureza produz e que é criado, na justa definição de Schwaller de Lubicz, «sob o impulso de uma causa que se adapta às condições ambientes e com elas se harmoniza» (In *Le Miracle Égyptien*, Flammarion).

Esse equilíbrio rompeu-se. E se na Grécia antiga ainda encontramos vestígios de um profundo acordo entre o homem e a realidade que o rodeia, tal acordo começa a eclipsar-se com o advento da hegemonia romana e desaparece totalmente com o cristianismo. O que Broch analisa nos seus romances são justamente as etapas essenciais desta crise permanente que caracteriza a nossa civilização: crises morais do mundo antigo no princípio do seu declínio em *A Morte de Virgílio*, da Idade Média agonizante e da Renascença, bem como os reflexos dessas crises nos problemas específicos do nosso tempo, em *Os Sonâmbulos*, do século XX em *O Tentador* e *Os Irresponsáveis*. Ocupemo-nos, já que nos faltam o espaço, as forças e os meios de empreender uma análise geral da obra de Broch, apenas de alguns aspectos de *Os Sonâmbulos*.

té ao Realismo

Romantismo, Anarquia e Realismo porquê? Vejamos: no fim da Idade Média, a humanidade debate-se entre a fé religiosa e o caos. A grandiosa ordem fundada na fé medieval desmorona-se, demolida pelos golpes que lhe aplicaram as novas teorias astronómicas, morais e políticas da Renascença, e um novo mundo começa a germinar nos escombros do antigo geocentrismo, da antiga graça, da antiga unidade do temporal e do espiritual. Assim como todos os sóis brilhavam para o homem, assim o seu conhecimento era divino e o seu mundo a viva imagem da criação, mas após essa gigantesca convulsão que cobriu um século inteiro, o universo parece ignorar a humana condição, Deus passa a ser incompreensível para as consciências isoladas, abandonadas, forçadas a assistir ao cortejo monstruoso da tirania, do roubo, do deboche, da guerra, da traição, da demência (flagelos que, evidentemente, também se abateram sobre a Idade Média, mas nessa altura havia um *mal* e um *bem* garantidos, um castigo e um prémio eternos, e a Ordem era sempre restabelecida no além celestial) que as novas sociedades trazem no seu bojo caótico. Tudo erra fora da sua condição e domínio, microcosmo e macrocosmo cavam um abismo insondável entre si, e o Estado, dantes análogo ao organismo humano e ao sistema solar, dantes fundado na fé e submetido à Igreja que estava acima de toda a divisão e de todo o erro porque, verdadeiramente universal, representava a Cidade das Cidades, era a Revelação viva de uma ordem sobrenatural, o Estado, dizíamos, não é agora outra coisa senão a boa ou má condução de um Terror que os Príncipes consideravam inerentes à História — absolutamente incompreensível para uma consciência fundada noutro princípio que não seja o do poder e da eficácia. Dantes nenhum poder civil podia subsistir sem o concurso da Igreja, só ela garantia a unidade fora da qual tudo era dor e perdição; agora o totalitarismo político passa-se perfeitamente de qualquer autoridade espiritual, os chefes e os mestres já não carecem de nenhuma forma iniciática de conhecimento, mas sim de habilidade e de força.

Novos protagonistas

Qual é, perguntará o leitor, a analogia entre esta situação e alguns dos aspectos pelos quais se distingue a crise contemporânea? É esta: muitos continuam a agarrar-se às formas aparentes de ideais anacrónicos, a agitar os ineficazes amuletos antigos, a tomar por modelos padrões morais e religiosos absolutamente vazios de qualquer espécie de conteúdo positivo. A Renascença faz do homem o seu próprio árbitro e criador, carrega-o, esvaziando-lhe os céus das antigas certezas que o mantinham num sono justo, com o peso tremendo da liberdade e da responsabilidade totais. Tudo estava ligado, tudo se desligou; e a História, que parecia estar escrita, tem agora de ser feita por homens e mulheres.

Broch caracteriza três maneiras de reagir a esta situação: 1) já que o absoluto deixou de impregnar as coisas terrenas, vamos elevar as coisas terrenas ao absoluto (atitude romântica). É o que Pasenow faz com o uniforme militar: ao abandoná-lo para se precipitar nos perigos da vida civil, desaparece logo pelo alçapão de um casamento de coveniência, perdendo assim, ao ligar o seu destino a uma criatura que lhe é indiferente e o não ama, todas as chances de despertar do seu sonambulismo, de escapar a uma vida horrorosa, feita de gestos mecânicos, formais, vazios. 2) A fuga (a aspiração à liberdade toma, em Esch, a forma grotesca de uma partida para a América). Na segunda parte do romance, enquanto a multidão proletária procura confusamente transformar as suas condições de existência e conquistar a liberdade, o pequeno-burguês Esch «revolta-se» contra a maldade do mundo, mas rejeita as propostas dos sindicalistas para participar na sua luta. Na realidade, Esch despreza-os: os valores que secretamente admira são os dos grandes capitalistas (personificados no seu patrão, o inacessível Bertrand); a revolta que o consome advém de não conseguir «vencer», não ser dos deles; o que o enfurece contra a sociedade é a insignificância a que ela o vota. Esch, ao precipitar-se *anarquicamente* na selva dos espectáculos acanalhados (organiza sessões de luta livre feminina), imita à sua pobre maneira esse universo de perversões, violências e baixos instintos que é o mundo capitalista. 3) Finalmente, com Hugueneau, surge-nos o triunfo do realista. Desprovido de qualquer sombra de escrúpulos, numa época totalmente alienada (1914-1918), Hugueneau descobre um segredo importantíssimo: o da adaptação a todas as circunstâncias, o de que os fins justificam os meios. No seu mundo, só se pode ser morto ou matar: prefere a segunda alternativa.

Propagação do Ser

O fim de *Os Sonâmbulos* coincide com o desastre alemão de 1918: Pasenow enlouquece, Hugueneau mata Esch, Bertrand suicida-se. No meio destas ruínas, só a aventura marginal de uma pobre jovem que encontra maneira, apesar de tudo, de fazer germinar o amor entre o caos social e moral e algumas reflexões do escritor, deixam entrever a esperança de uma renovação futura.

Quais são, segundo Broch, as condições dessa renovação? Uma propagação do Ser para além dos limites individuais, em tudo e todos, com tudo e todos, por tudo e todos, um conhecimento constante dos outros, uma ética fraternal, um humanismo idealista permanentemente renovado pelos milagres dessa nova Graça que é o amor humano. E enterrar depressa e bem Esse cuja morte Nietzsche proclamou: à falta de sepultura adequada a sua carcaça, não cessa de inchar ao sol, gerando venenos espantosos e uma tenebrosa sequela de grandes vermes esgazeados pelo medo e pela culpa.

Ernesto Sampaio

Acabados de Chegar

«Acabados de Chegar» funciona au ralenti, *neste primeiro mês do ano. Diz-se que não há fome que não dê em fartura, mas o inverso também é, por vezes, verdadeiro: Janeiro é, do ponto de vista da edição, o mês da ressaca de Dezembro, senão da ressaca do trimestre final do ano anterior. A corrida ao mercado de Natal, as obrigações de calendário, o interesse dos autores e de quem os edita em sair com a obra a tempo de entrar no jogo dos prémios — tudo isto transforma Janeiro num mês mais lento, mais parado, incomparavelmente menos febril.*

No entanto, alguns editores trabalham regulamente sem interromperem o seu ritmo mensal. Deles damos conta nesta página que é, ela própria, função do contacto que connosco mantêm.

■ Morte a Crédito, Céline, Assírio e Alvim. O imaginário, tradução de Luíza Neto Jorge

Reescrever em português um autor como o de «Viagem ao fim da noite», mesmo quando se trata de um longo romance que se aparenta com um policial, é tarefa que, resultando, merece ser referida. Daí uma breve palavra para o trabalho de Luíza Neto Jorge.

A publicação, em português, de «Morte a Crédito», liberta a nossa edição de uma dessas dívidas (e são muitas) que, em matéria de traduções, ameaçam perseguir-nos uma vida inteira.

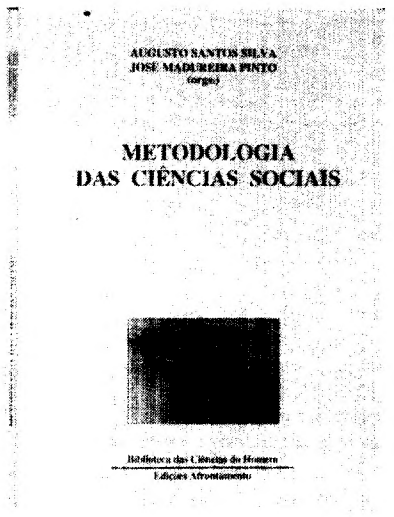
«Em boa hora», como é hábito dizer-se para celebrar uma iniciativa feliz, decidiu a *Assírio* fazê-lo. Os leitores de Céline não ficarão desapontados com o trabalho por obra e graça da tradutora, e aqueles que nunca o leram no original podem estar certos de entrarem em contacto com um autor sublime pela grande porta, e não pela da «traição». Esperemos que o livro suscite o interesse que merece, e que a editora veja compensado o desafio assumido.

■ O Som de Martin Codax — Sobre a dimensão musical da lírica galego-portuguesa (séculos XII-XIV), Manuel Pedro Ferreira, Imprensa Nacional — Casa da Moeda

Em 1915, o espanhol Pedro Vindel lançava uma edição limitada de um pequeno códice pergaminháceo em que as letras dos poemas de Martin Codax se faziam campanhar por notações musicais. A edição bilingue, (português-inglês, agora editado pela Imprensa Nacional, não é o primeiro estudo sobre Martin Codax, cujas canções datariam do fim do séc. XIII ou princípios do século XIV. Na verdade, conforme salienta Celso Ferreira da Cunha, no prefácio a esta obra, Codax foi objecto de vários estudos, entre os quais se conta um de Roman Jakobson, publicado em 1970. Ferreira da Cunha afirma, contudo, que a obra do musicólogo Manuel Pedro Ferreira é um valioso contributo para o «conhecimento das relações interactivas entre o texto poético e o texto musical dos trovadores».

■ O Grande Meaulnes, Alain Fournier, Ed. Relógio d'Água

Já conhecido do público português, «O Grande Meaulnes» foi o único romance de Alain Fournier, morto durante da I Guerra Mundial. Antes de iniciar este livro, Fournier declarou que gostava que ele fosse «um romance de aventuras e descobertas». Daniel Leuwers, que prefaciou a edição francesa, considera que o autor atingiu o seu objectivo. Segundo ele, «Ler 'O Grande Meaulnes' é progredir na descoberta de aventuras que exigem constantes retrocessos como se a busca da felicidade deva sempre reflectir-se no espelho da infância...».



■ O Parque dos Veados, Norman Mailer, Ed, Livros do Brasil, Col. Dois Mundos

Mais um romance volumoso do jornalista e romancista Norman Mailer, que desta vez optou por descrever a «iniciação» de um ex-aviador num dos apêndices de Hollywood: Desert D'Or, uma cidade no deserto do sul da Califórnia, a cerca de 300 quilómetros da capital do cinema.

■ Fernando Pessoa Contra o Homem Aranha, Rui de Souza Coelho, Ed. Ulmeiro

Cerca de 30 pequenas histórias ou apontamentos de Rui de Souza Coelho, 30 anos, residente no Porto e que em 1979 publicou «Histórias Sem Mistério Nem Imaginação».

■ Metodologia das Ciências Sociais,
Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (organizadores) ed. Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem

Um texo de metodologia com contribuições de António Firmino da Costa, António Joaquim Esteves, Armando Castro, Augusto Santos Silva, Daniel Bessa, João Ferreira de Almeida, Jorge Correia Jesuíno, Jorge Vala, José Madureira Pinto, José Reis, Raul Iturra e Virgínia Ferrira. O livro é um «tour d'horizon» sobre o estado actual das ciências sociais, aprofundando a questão da ruptura do olhar científico com o senso comum, o caminho da teoria à investigação empírica, o uso das estatísticas em economia, a análise de conteúdo, a pesquisa no terreno, o trabalho de campo e a observação participante em Antropologia, o inquérito por questionário, a recolha de informação não estatística em economia, o método experimental, a causalidade...

■ Do subdesenvolvimento, Roteiro Crítico e Antologia, vol. II, António Manuel Figueiredo e Carlos S. Costa, Afrontamento, Biblioteca das Ciências do Homem

A continuação do trabalho de antologia iniciada pelos autores. O primeiro volume foi publicado sob o título «Vulgatas» e representava os modelos de subdesenvolvimento que tendem a representá-lo em função de hipóteses de desenvolvimento originais. Este segundo volume tem o título «Rupturas» e salienta «os marcos significativos no processo de afirmação de objectos teóricos alternativos no quadro da teoria do subdesenvolvimento».

■ Política Educativa como Tecnologia Social Sérgio Grácio Livros Horizonte

Subtitulado «As Reformas do Ensino Técnico de 1948 e 1983», este livro, integrado na colecção Biblioteca do Educador, dá dessas reformas uma interpretação bastante afastada da tradicional abordagem que reduz as medidas de política educativa deste teor a uma tentativa de «ajustar» o sistema de ensino às «necessidades de mão-de-obra da economia». O principal resultado do presente trabalho mostra com efeito que nos aproximamos do significado completo das duas reformas se as considerarmos antes, de mais como uma **tecnologia social**, isto é, um modo de os responsáveis pela política educativa interferirem (pela manipulação do volume e da estrutura do sistema escolar) na formação das expectativas que os utilizadores da escola alimentam quanto ao seu destino social. Sem dúvida que um livro de interesse sobre a matéria. Refira-se (como ponto de referência) que o autor se licenciou em Sociologia pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Toulouse, onde também obteve, na Faculdade de Direito e Economia, um diploma de pós-graduação de gestão de empresas.

■ Guilherme de Azevedo na Geração de 7O, de Maria das Graças Moreira de Sá, Biblioteca Breve— Série Literatura.

Mário Dionísio descobríu, com «grato prazer», nos anos 4O, por sugestão de Gaspar Simões, o «convívio» deste ainda quase ignorado poeta e cronista do século XIX. Maria das Graças, responsável pela cadeira de Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras, vai um pouco mais longe no seu interessante estudo, destinado a vincar a importância cultural e social do autor de «A Alma Nova» como jornalista. Sem nunca o afirmar explícitamente, a autora como que comprova a tese de Junqueiro, para quem Guilherme de Azevedo-jornalista(negador de falsos ídolos e adversário contundente dos espíritos conservadores), assassinou» o Guilherme de Azevedo-poeta.

■ Temas de Antropologia em Oliveira Martins, por Manuel Viegas Guerreiro, Biblioteca Breve— Série Pensamento e Ciência.

Descobrir também uma das facetas menos conhecidas de outros dos grandes vultos da Geração de 7O, é o objectivo do ensaio do etnólogo, Viegas Guerreiro, que apesar dos seus 74 anos continua um incansável labor nos domínios da investigação e promete novos trabalhos, nomeadamente sobre Leite de Vasconcelos, cujo espólio literário tem a seu cargo para publicação. Partíu, aliàs, do primeiro volume da Etnografia Portuguesa, de Leite de Vasconcelos, e da sua referência a Oliveira Martins como dos primeiros vulgarizadores e generalizadores entre nós de temas de antropologia e etnologia, a sugestão para este ensaio-crítico sobre um tema que tanto apaixonou o autor do «Portugal Contemporâneo».

■ João de Araújo Correia— um clássico contemporâneo, por João Bigote Chorão, Biblioteca Breve— Série Literatura.

Se em Guilherme de Azevedo o jornalista «assassinou» o poeta, valha a verdade que no duriense Araújo Correia terá sido o médico a «sabotar» o escritor. Bigote Chorão assinala, todavia, nas primeiras palavras, de convite à leitura, que, «longe dos meios literários e nas poucas horas feriadas da sua profissão de médico, João de Araújo Correia conseguíu realizar uma vasta e alta obra de contista e de cronista, toda ela escrita nesse estilo leve e límpido que faz do autor um dos primeiros prosadores portugueses». Aqui fica o convite.

O eu nos outros

Silva Silvinha

POR uma manhã de Inverno, com geada muito fina pelos verdes rasteiros de Sintra, eis que o alarme dos Bombeiros irrompeu levando muitas pessoas a estacarem nos seus afazeres. Foi um minuto de som e, findo que foi, já mangueiras se enchiam de água, projectando-a contra uma casa térrea totalmente envolta pelas chamas.

Torresmo da cabeça aos pés, o corpo de Silva Silvinha, funcionário do Matadouro, fumegou ao frio um certo tempo, ali no empedrado da rua, rodeado de garotio. Depois, conduzido o corpo para a Morgue, as chamas foram o entretenimento dos que por ali se quedavam. No fim, contra o céu cinzento só as traves queimadas, negras, cruzadas, que até ali tinham aguentado a telha da pequena casa...

Silva Silvinha alumiava-se com um toco de vela, fumava beatas no enxergão e encontrava-se na mais extrema miséria. Os vizinhos, dando a sua opinião, acabaram por remoer três hipóteses: o toco de vela, as beatas, o Silvinha. Fácil de compreender: ou o toco de vela pegara fogo aos trapos, ou as beatas tinham incendiado o enxergão, ou o Silvinha tinha posto fim à vida riscando um fósforo pela miséria que o rodeava.

Foram-se as horas do dia, a noite desceu qual um deus que vem investigar a verdade das coisas, Sintra adormeceu na humidade e, na manhã seguinte, os abates, como de costume, prosseguiram no Matadouro. Era sexta-feira, os restaurantes exigiam carne para o fim-de-semana, falou-se no Silvinha por meias palavras.

Domingo, num dos restaurantes do centro da vila, eis se arma uma cena: um cliente, que pedira um bife, não tardou que chamasse o criado e lhe dissesse que aquilo era um verdadeiro torresmo.

— Um torresmo...? — admirou-se o criado.

— Isto não se pode comer — protestou o cliente. — Este bife parece mesmo que foi tirado de um incêndio qualquer... Olhe para o bife, faça favor... É ou não um verdadeiro torresmo...?

Foram-se as horas do dia, a noite desceu qual um deus que vem investigar a verdade das coisas — e, a meio da manhã de segunda-feira, eis que a geada dos verdes rasteiros de Sintra ganhou a cor escura dos terresmos.

Hoje, corridos que foram os anos, e após milhares de noites descidas como deuses investigando a verdade das coisas, eis que, quando algo é estranho e não se adivinha, vozes há que murmuram:

— Silvinha!

Pedro Alvim